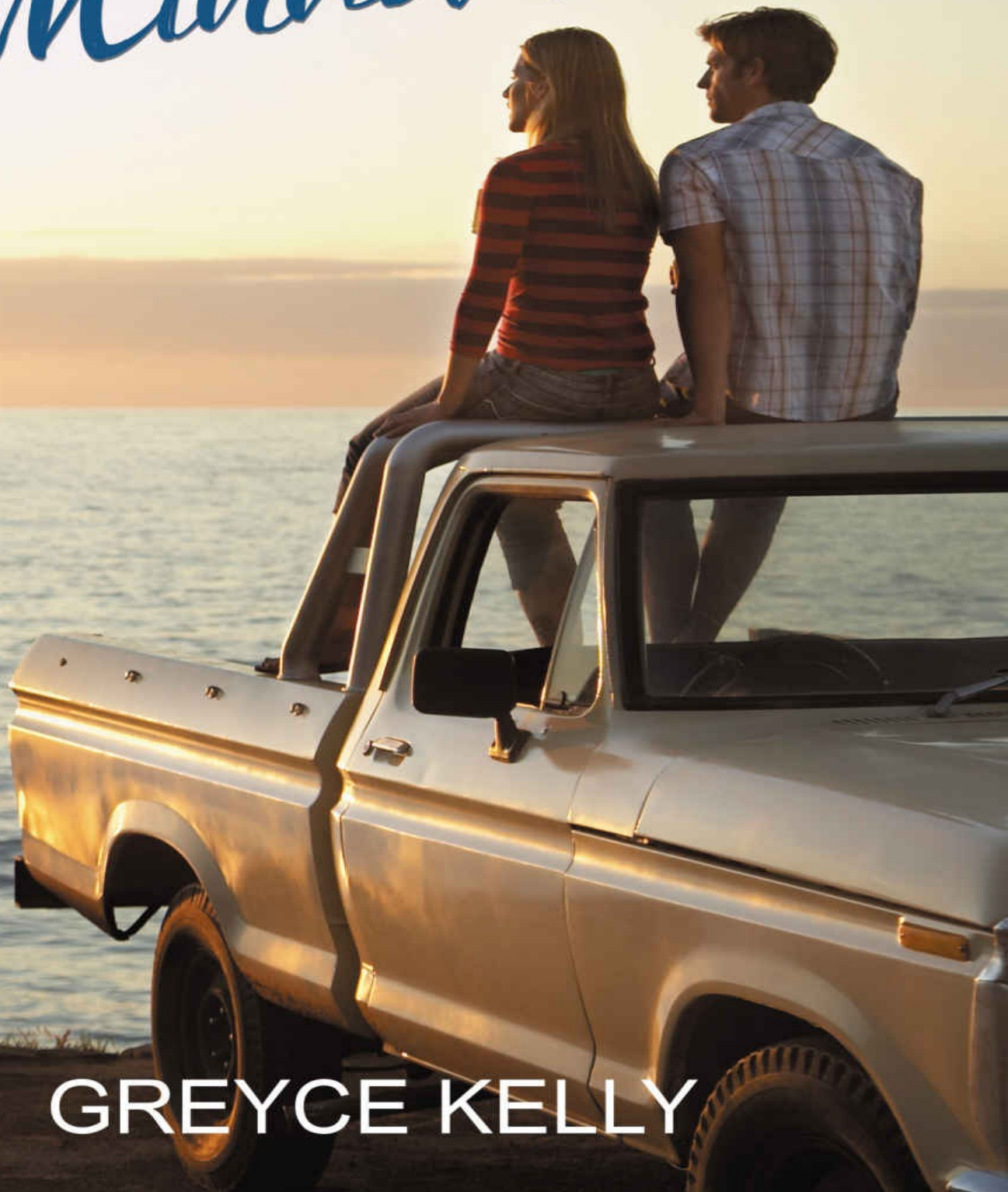


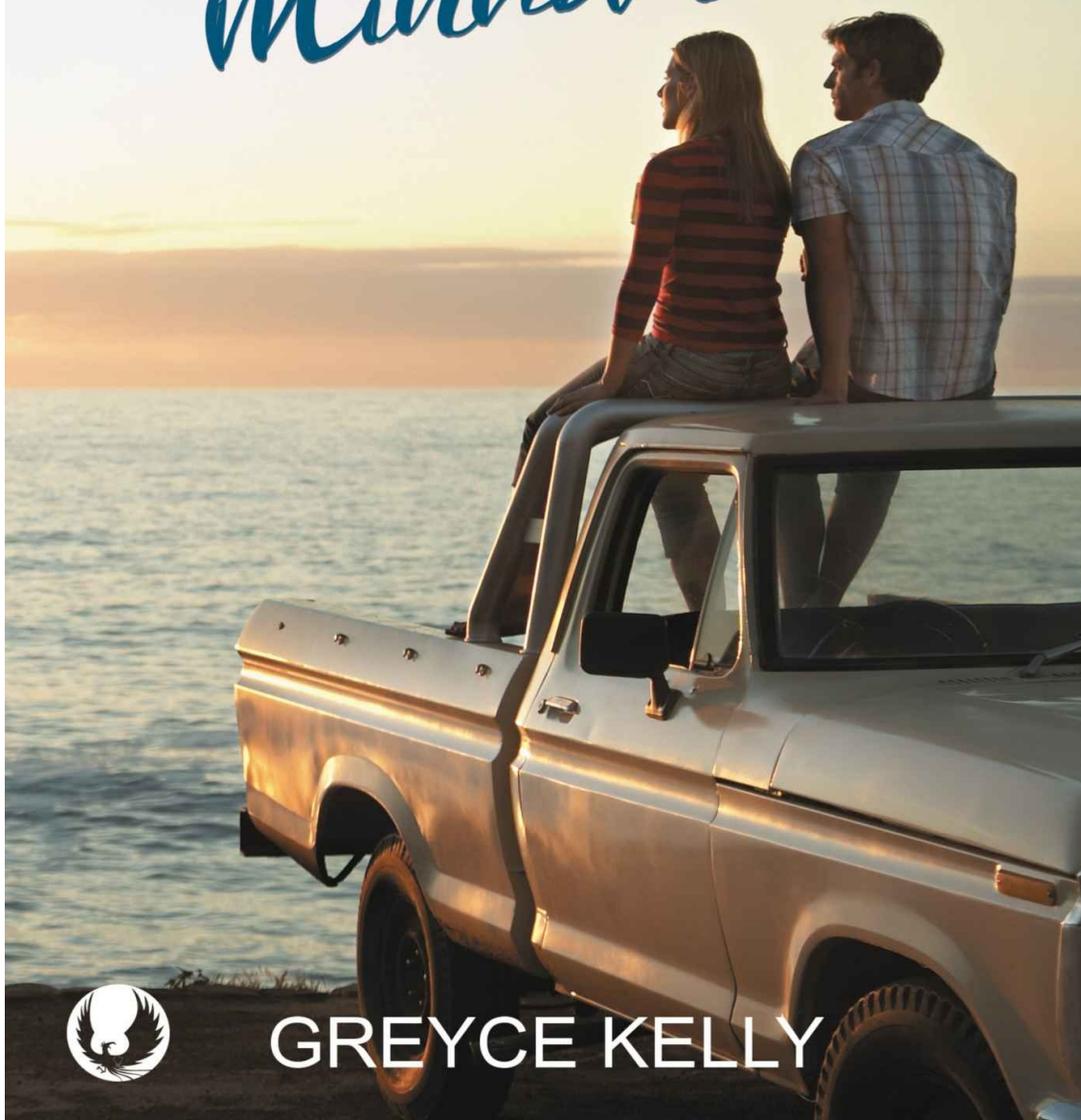
A viagem da Minha vida



GREYCE KELLY



A viagem da Minha vida



GREYCE KELLY

Copyright © 2017 by Greyce Kelly

Preparação de texto e Projeto da capa:

Taty Lima

Revisão:

Taty Lima

Projeto Gráfico

Greyce Kelly

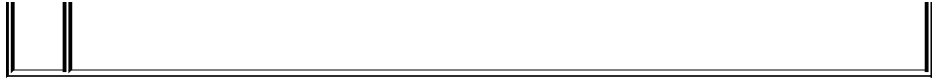
Kelly, Greyce

A viagem da minha vida / Greyce Kelly

2º edição – São Paulo, 2019.

300 pg.

1. Ficção e contos brasileiros . 2. literatura infanto-juvenil . I. Título.



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta história, em quaisquer meios — tangível ou intangível —, sem a expressa autorização por escrito da editora.

ESTA OBRA SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTAGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Esta obra é uma ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos aqui descritores são produtos da imaginação do autor. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Editora Manias

www.editoramania.com

editoramania@yahoo.com



EDITORA MANIAS

Agradecimentos

Esse livro é dedicado a todas as pessoas que o tornaram possível, sabemos bem o que passamos para chegar até aqui né meninas?

Mas quero fazer um agradecimento especial para alguém que mudou meu mundo, desde que, pois nele. Mãe, embora não esteja mais aqui quero dedicar esse livro para você, a tudo que você me ensinou e a tudo que vivemos. Sinto imensas saudades suas, mas eu sei que um dia vamos nos reencontrar, seja onde for. “Eu te amo para sempre, meu pequeno pôr-do-sol.”



Para todos os sonhadores,
Nunca desistam de sonhar.



**“Pensamos em demasia e sentimos muito pouco.
Charlie Chaplin”**

Ao acordar, eu não sentia a mínima vontade de me levantar, isso é, se essa vontade não estivesse alguns pontos abaixo de zero. Minha cabeça... Eu ainda não encontrei um termo certo, mas essa aqui latejava, como o som de mil tambores da Sapucaí unidos na missão de fazer com que o início do meu dia fosse uma droga! O amargo na minha boca recordava o gosto ácido dos vários e vários copos de todas as bebidas disponíveis no bar na noite passada. Lembrar-me da noite anterior era um incômodo, no final das contas. Mentalmente esfregando as têmporas, eu repetia: não pense, não pense, não pense, como um mantra, e como uma criança que apostava consigo mesmo quanto tempo passaria sem pensar, me frustrei ao perceber que eu não consegui não pensar. Olhei para o relógio e vi que já era hora de levantar e ir à luta, eu sabia que o dia ia ser longo, muito, muito chato e cansativo.

Tomei um banho rápido, bebi um gole de café e comi algumas torradas. Eu estava atrasado, não tinha tempo para comer bem como sempre fazia. Peguei as chaves de casa e do carro, sai apressado. Afinal, mesmo sendo o chefe, não gostava de incentivar atrasos, tinha que sempre dar o exemplo aos meus funcionários — Sorri. — Entrei no carro e aquelas dores chatas na cabeça já estavam ali para me lembrar de como seria torturante mais um dia. Suspirei fundo, pisei no acelerador, sai da garagem chique no bairro dos Jardins.

Cheguei ao escritório rápido, todos me cumprimentaram, os que não faziam isso lançavam sorrisos de bom dia para mim. Olhei para minha secretária e reparei na roupa dela, curta e colada. Ela se chamava Mônica, tinha grandes olhos verdes curiosos, sua maquiagem me lembrava a Amy Winehouse, ela era novata, tinha apenas três meses na empresa. A contratei porque gostei do seu humor, do seu estilo. Mônica era diferente, sem aquela frescura que toda mulher tinha com roupas, sapatos, etc... Ela tinha duas tatuagens no braço, uma na perna, uma nas costas, um piercing no nariz e um na orelha. Seu cabelo era cortado de uma forma meio estranha metade raspado e a outra não, as pontinhas do cabelo preto estavam rosas, coisa que eu achava completamente estranho pelo fato dela odiar rosa.

Mas o que eu mais gostava nela era o sorriso, ele era sempre gentil e transmitia sinceridade.

— Cadê o motoboy, Mônica?

— Bom dia para você também. — Sim, ela era atrevida demais, e eu gostava desse humor dela. — Ele está no banheiro! Quer que eu vá lá interromper o que ele está fazendo? — Um sorriso brincalhão surgiu em seus lábios, sorri de volta.

— Bom dia! Não, não precisa, peça apenas para ele vir na minha sala quando sair.

— Sim, senhor, pode deixar! — Ela me mandou um beijo no ar e me deu uma piscadinha, sorri para ela, um sorriso que somente ela conseguia me fazer dar. Levantei-me e caminhei pela minha sala, parei de frente para a janela, ela era grande, ia do chão até o teto, eu nunca tinha parado para apreciar está vista, e hoje não sei Por que ela me parecia como uma obra divina, eu conseguia ver São Paulo toda dali de cima. Pergunto-me, por que nunca reparei nela? Por que eu nunca parei para admirá-la? Talvez a falta de tempo, a correria do dia a dia, ou talvez pelo fato de que nunca me interessei por ela. Batidas suaves na porta me tiraram dos meus pensamentos, passos suaves chegaram perto de mim e senti uma respiração ofegante sobre minhas costas.

— Bom dia, senhor! No que posso ajudá-lo? Esse era o José, meu
motoboy, o escolhi porque ele era muito competente e porque o coitado estava desesperado por emprego, a filha estava doente na época e ele quase falido. José tinha 38 anos, era negro, magro, mais ou menos 1,90 m, cabelos castanhos e um sorriso doce. Eu tinha uma grande admiração por ele, nunca desistiu, apesar da vida difícil. Uma vez ele me disse que desconhecia a palavra “DESISTIR”, que nunca fez parte da vida dele e nunca faria. José era aquele tipo de pessoa que encarava a vida sempre de bom humor, munido de sorrisos e gentilezas, pois, achava que era assim que o mundo deveria ser... Gentil.

— Bom dia! Preciso que você vá ao banco, José. — Eu sabia cada um dos nomes dos meus funcionários, principalmente os que eu tinha contato mais direto, achava que isso fazia toda a diferença na empresa, pois, quando o chefe sabia seu nome e te tratava com respeito, o trabalho fluía melhor. Assim, as demissões eram quase sempre nulas e os funcionários trabalhavam com gosto.
— Pague umas contas para mim, vá ao cartório, passe na minha mãe e deixe os documentos para ela assinar. Se ela estiver em casa, pede para ela assinar e me traga os papéis aqui, se ela não estiver, deixe com algum empregado e avise que assim que ela chegar, é para assinar e me mandar, preciso deles urgente.

— Bom dia, senhor, algo mais? — José torcia os dedos, eu sorri de canto. Sabia muito bem o que aquele velho amigo queria, sabia também que ele não iria me pedir nada, ele não era o tipo de pessoa que pedia as coisas, e isso me

incomodava um pouco.

— Sim, quando fizer tudo isso, tire o restante do dia de folga.

— Desculpe, como? — Essa era nova, não sabia que ele tinha perdido a audição. Anotação mental, comprar aparelhos de surdez para José.

— Tire o restante do dia de folga, escutou bem? —repeti sorrindo.

— Tem certeza disso, senhor?

— Claro, José, hoje é o aniversário da sua filha, não é? — Sim, senhor.

— E você está aí, nervoso e torcendo os dedos, louco para ficar com ela, não é mesmo?

— Sim, mas é que eu...

— Então passe o dia com ela e se divirtam muito, pode ser?

— Claro. — Ele sorria tanto que pensei que sua arcada dentária fosse pular para fora e cair aos meus pés. — Obrigado! Muito obrigado, senhor!

— De nada, tem um envelope com a Mônica para você, pegue ele, é um pequeno presente para sua filha.

— Mas...

— Mas nada, José, ela merece, você merece. Preciso ir, tenho uma reunião com os velhos da diretoria, já sabe, não é? Um bando de homens chatos, grossos, gordos e insuportáveis, não sei onde papai estava com a cabeça de pôr eles no lugar que eles ocupam, preferia sair com você agora. — Se quiser, vai ser muito bem-vindo na minha humilde casa, senhor!

— Infelizmente não posso, mas obrigado pelo convite, quem sabe mais tarde eu não passe por lá?

Ele sorriu e balançou a cabeça, sorri de volta. Era por esses momentos que eu gostava de trabalhar nessa empresa, era de ver o ar de felicidade dos meus amigos, aqueles que trabalham comigo, Chicken Chess estava no seu melhor momento, com tantas franquias espalhadas por todo o Brasil, a Chicken Chess agora atendia em Nova York, Los Angeles, Miami e São Francisco. O ambiente de trabalho era excelente, gostava de encorajar meus funcionários, de mimá-los, me fazia bem ver eles bem. Escutei José contente contando para Mônica que ele ia ter o dia de folga e dos seus planos com a filha de nove anos.

Peguei meu paletó, o coloquei e fui até a sala de reunião, claro que, como sempre, eu fui o primeiro a chegar. Pensando bem, eu poderia ter tomado café da manhã sossegado, eu estava, literalmente, morrendo de fome. Sentei e esperei longos cinco minutos, longo porque minha cabeça sempre ia para o passado, relembrava minha infância. Está certo, nunca me faltou nada de material, papai havia me dado tudo que uma criança e um adolescente poderia querer, mas aquele carinho, aquele amor, aqueles contatos especiais entre pais e filho,

deixaram muito a desejar.

Lembro-me de mamãe e papai sempre com pressa, sempre com algo mais importante para fazer do que ficar comigo. Eu cresci cercado de pessoas estranhas, cresci no meio dos empregados, das babas, isolado da família, triste e sozinho. Eu sei sempre soube que aquelas atitudes eram para ter o que eu tenho hoje, sempre soube que eles estavam trabalhando duro para me dar um futuro digno. Fui tirado dos pensamentos sendo sacudido, bruscamente, por um cara gordo, bufei de raiva.

— Não está me escutando, não é, John?

— Desculpe-me, senhor Fabrício, estava pensando. — Dei um sorriso amarelo e me remexi no paletó.

— Pensando em alguma garota? — Ele sorriu malicioso, segurando a pança de tanto que ria.

— Não, não, na vida somente, como o senhor está? — Por quê ele tinha que ser sempre nojento e asqueroso? Ele acreditando que eu estava pensando em uma mulher me dava nojo.

— Bem, meu jovem.

O senhor Fabrício tinha por volta de 60 anos, era gordo, muito gordo, tinha bigode branco, os quais ele fazia questão de alisar e enrolar as pontas para cima. Usava óculos, tinha grandes olhos azuis, pele muito branca pela falta de sol, o pouco cabelo de sua cabeça era totalmente branco.

Assim que cumprimentei cada um dos sócios da empresa, nos sentamos e começamos mais uma reunião tediosa, era muita coisa que eu detestava, não sei por que decidi assumir a empresa quando papai morreu. Era um saco tudo, sempre tive responsabilidade com ela e isso estava me deixando muito, mas muito chateado. Deixava de viver para tomar conta dela, se bem que, isso aqui às vezes me tirava do tédio, e trabalhar com a equipe que montei me dava orgulho. Porém, às vezes eu parecia uma criança birrenta. Eu cruzava os braços e apenas escutava, no final balançava a cabeça concordando com eles.

Nossa empresa era uma grande rede de Fast food, começamos com alguns lanches de galinha e uniformes xadrez, daí o nome chicken chess, mas com o passar do tempo fui pegando nojo e, desde então, comecei a ser vegetariano, comia somente coisas saudáveis.

— Isso seria ótimo! — Fabrício gritou socando a mesa. — É a solução de nossos problemas!

— Muito bem senhores, então é isso que será feito, obrigado pela reunião, foi ótima, devo dizer que também foi muito esclarecedora, podem ficar sossegados que daremos um jeito em tudo e colocarei em prática cada opinião daqui. Agora, se me dão licença, eu tenho umas coisas para resolver.

Me levantei, arrumei meu paletó, dei um sorriso cordial e sai, fui para minha sala. Minha cabeça doía muito, precisava de silêncio, aquele tipo de silêncio que não era encontrado por lá, porque eles pareciam mais um bando de maritacas berrando no meu ouvido, sentei na minha cadeira coloquei os pés em cima da mesa fui me afundando na cadeira, hum... Ela era confortável acho que daria para tirar um cochilo antes dos meus outros compromissos, um sorriso foi se formando no meu rosto, talvez com esse cochilo essa dor chata de cabeça passe, soltei um longo suspiro. Estava quase cochilando quando a cadeira quebra e eu caio, comecei a rir histericamente e fiquei ali pensando na vida, em como ela poderia ter sido diferente, em como as coisas seriam se meus pais tivessem me dado mais atenção, ou em como seria se eu não tivesse assumido este cargo, o mais importante da empresa, em como seria se eu tivesse estudado artes cênicas como queria, em vez de administração, em como seria diferente se eu tivesse casado, com filhos, morando em uma casa grande com jardim e piscina, é...

Nisso entrou Mônica, me tirando totalmente dos meus pensamentos.

— Está tudo bem, John? — Ela disse se agachando perto de mim.

— Sim, sim está. — Eu entortei a cabeça, olhei os pés dela e fui subindo e subindo, ela percebeu, se levantou e me deu a mão.

— Safado você, hein! Vem, eu te ajudo, se alguém entra aqui e te vê assim, já sabe!

— Sim, eu sei pânico geral. — sorri, me levantei com ajuda dela. — Obrigado. — disse passando a mão no meu paletó, e em seguida nos cabelos.

— Não sei por que todos me tratam assim, odeio puxa saco, apesar de ser o chefe.

— E quem gosta? — Ela disse me dando um daqueles sorrisos que eu gostava tanto e revirando os olhos ao perceber que eu ainda olhava para suas pernas. — Sua agenda de hoje... — Ela tinha que ter quebrado a magia do momento me dando mais trabalho, não é mesmo? — Você tem aquele médico, depois tem uma reunião, tem que vistoriar uma lanchonete, ela está com suspeita de ratos na cozinha, e como você gosta de tomar conta disso de pertinho...

— Desmarca a reunião de hoje e passa para amanhã às 11 horas, tudo bem?

— Ok, mais alguma coisa?

— Sim, a lanchonete para depois de amanhã. Depois que fizer isso, tira o resto do dia de folga, ok?

— Tem certeza?

— Sim, absoluta.

— Obrigada, então.

— De nada.

— Vou fazer compras hoje. — Sorriu.

— Você fazendo compras? Que milagre é esse?

— Sim, namorado novo, vou comprar umas lingerie. — Piscadinha.

— Maldade a sua me falar isso, Mônica.

— Sabe, John, daquelas bem provocantes. — Ela mordeu os lábios, afastou o cabelo e estufou o peito, acho que ela tinha perdido a noção do perigo.

— Mônica, Mônica. — Sorri e balancei a cabeça num tom divertido, e dei aquele sorriso. O sorriso que somente ela conseguia me arrancar. — Tenho que ir, senão me atraso, até amanhã e boas compras. E se quiser, não sei, talvez, assim, se quiser uma opinião masculina, pode me enviar algumas fotos de lingerie, gostaria muitíssimo de te ajudar. — Piscadinha.

— John! — Ela exclamou balançando a cabeça e sorrindo.

Peguei as chaves do carro e parti, estava nervoso, suava frio, estava com medo do que o destino me reservava, acho que eu não estava pronto ainda. Cheguei rápido na clínica, tirei o paletó, dei uma ajeitada no cabelo e com o coração aos pulos, gritando, entrei.



Romain Rolland”
“A vida não é triste, ela tem horas tristes.

Entrei na clínica e me sentei na recepção, esperei alguns minutos, fiquei observando as paredes, era tudo tão branco que chegou a me doer as vistas, passei as mãos pelos meus olhos me ajeitei na cadeira, um sono que não era meu foi se apossando de mim.

Agora eu viveria com sono?

Essa era boa, era como se há dias eu não dormisse, era como se alguém passasse as mãos pelos meus olhos e me embalando com uma cantiga suave, comecei a dormir.

— Senhor? — Uma moça empurrava delicadamente o meu ombro.

— Oi, desculpe — disse acordando e me ajeitando na cadeira, passei a mão no rosto e tentei sorrir, aí paspalho, passa mais vergonha, corei sem jeito, ela pareceu não se importar, quando deu de ombros e sorriu para mim.

— O doutor pediu para que entre na sala dele. — Ela sorriu ainda mais, mas achei seu sorriso artificial, aquele que só é dado por obrigação, uma pena, porque o sorriso anterior dela era mais bonito.

— Ah sim! — Me levantei e passei as mãos pela roupa. — Ainda bem.

Tentei sorrir para tentar disfarçar a minha vergonha por ter cochilado no banco, mas foi uma tentativa falha, eu estava nervoso demais para sorrir.

Ok! Chegava e ser cômico.

Dei de ombros, agora já era, não é mesmo?

Ela me acompanhou até a sala do doutor, me sentei e esperei por ele, lembranças então invadiram minha mente, mas tentei não pensar nelas, foi quando a porta se abriu e dela saiu um velho neurocirurgião, uns dos melhores que existem.

Ele era magricelo, andava meio curvado, tinha cabelos pretos, mas com alguns fios brancos já, ele era baixo, tinha manchinhas por toda a pele, denunciando a idade avançada e sua fisionomia tranquila, calma com um bom velhinho. Ele levantou os óculos e sorriu para mim, era um sorriso que um pai dava ao ver um filho depois de uma longa data sem contato.

— Hei, John, meu garoto! Como está? — Ele sorria, agradavelmente, me senti

em casa com seu sorriso.

— Tirando essa dor de cabeça filha da mãe, estou bem. — Horácio foi amigo do papai, estudaram no colégio juntos, papai tentou fazer faculdade de medicina, mas ele levava jeito mesmo era para ser um grande poderoso e rico empresário. A amizade dos dois crescia rápida e calorosa. Com isso, o senhor Horácio, que tinha feito o parto da mamãe, se tornou meu padrinho de batismo, eu tinha as melhores lembranças com esse cara. Uma delas, por exemplo, era pescar. Adorava quando ele me levava para o lago ao sul, me dava uma vara e passávamos horas ali, tentando pescar algo, muitas das vezes passávamos no mercado e comprávamos um peixe para grelhar, porque não pescávamos nada e eu tinha a quase certeza que naquele lago tinha apenas uma meia dúzia de peixes.

Outra foi de quando meu pai faleceu, um dia fugi de casa e fui parar no cemitério, sentei em seu túmulo e tocava sua lapide, lágrimas doloridas caíam de meus olhos, foi quando Horácio chegou, colocou a mão em meu ombro e me disse que meu sorriso era mais bonito, que era ele que as pessoas precisavam, e não de minhas lágrimas. Aquelas simples palavras me mudaram completamente, é por isso que hoje eu reparo tanto nos sorrisos das pessoas, alguns eram tristes, outros felizes, outros tentavam mostrar felicidade, mas por detrás, sabíamos que a pessoa sofria.

Sorrisos, não lágrimas, com essas palavras me transformei.

— Dores? — Despertei das minhas lembranças, balancei a cabeça assentido.

— Sim, algumas dores de cabeça, apenas! — Dei um longo suspiro.

— Sente mais alguma coisa fora essas dores, ou algum outro desconforto?

— Sono, às vezes me desequilibro quando vem aquela dor forte de cabeça, a visão fica turva, e alguns enjoos.

— Hum, nada bom, nada bom. — Ele parecia falar com ele mesmo, se virou para mim e disse. — Vamos fazer os exames e tirar essa dúvida da cabeça?

— Sim, claro! — Mas que dúvidas eram aquelas?

— Venha comigo.

Assenti com a cabeça, queria perguntar quais eram suas dúvidas, mas sabia que ele não falaria até ter certeza se eram verdadeiras ou falsas. Ele me conduziu por um longo corredor branco com muitas portas, parei na frente de uma, tinha uma menina linda deitada na cama recebendo soro. Seus cabelos negros esparramavam pelo travesseiro, sua pele branca parecia brilhar por causa da luz do sol em seu rosto, ela era linda.

— John, anda. — Ele me olhou bravo porque eu tinha parado.

— Desculpe-me! — Ele pareceu perceber o meu interesse naquela menina, então, simplesmente começou a falar sobre ela, devo dizer que aquela minha

preocupação e angustia tinha passado quando ele começou a me falar de Alicia Relis.

— Tudo bem, essa é Alicia, uma das pacientes mais novas daqui, 12 anos.

— Por que ela está sozinha? — Sozinha uma palavra pequena, mas com um significado imenso, já pararam para refletir sobre ela, SO-ZI-NHA, só, sem mais ninguém nesse mundo, um arrepio odioso passou pelo meu corpo, será que se algum dia eu ficasse em um hospital eu estaria assim? Sozinho?

— Triste história. — Ele balançava a cabeça em negativa. — Alicia sofreu um acidente aos seis anos de idade, os pais dela morreram e ela vive aqui no hospital. Ela teve uma grave lesão no cérebro.

— Nossa, coitada, e a família dela? Por que não está aqui com ela?

— Não a deixe escutar você a chamando de coitada — ele sorriu — , ela tem uma tia mas, nunca vem ver ela, paga o tratamento, apenas isso. — Mais uma vez me coloquei no lugar dela, viver sozinha, sem ninguém, saber quando sair daqui não haveria nada para ela, sacudi a cabeça, mas que besteira. Bem ou mal, eu tinha minha mãe, o Horácio e meus amigos.

— John, filho, onde está com a cabeça hoje? — Ele não esperou minha resposta. — Vamos fazer nosso exame — disse com uma confiança que estava longe de sentir.

— Está bem.

Acompanhei-o até uma sala grande, toda branca, com uma máquina para fazer uma ressonância magnética, que é parecido com um raio-x, só que do cérebro, fiquei com essas roupas de hospitais que e aberta na parte de trás, tive que tirar tudo. Até minha cueca, esse doutor, não sei não, viu, acho que está querendo me ver nu, só poder.

— Deite-se, John, isso, muito bem, não pode se mexer, ok? Eu vou prender a sua cabeça bem firme, vou colocar esse fone de ouvido porque tem muito barulho dentro da máquina. O isopor é para que você, em nenhum momento, mexa a cabeça, não cruze braços e pernas, relaxe. Esse espelho aqui, se olhar vai me ver lá dentro, e se por acaso sentir medo ou sufocado, aperte essa bolinha que eu venho te tirar daqui, ok?

— Sim.

— Boa sorte, meu garoto, não se esqueça... Não se mexa.

Então ele apertou um botão e eu entrei dentro da máquina. Respirei fundo, queria poder ler seus pensamentos para saber o que se passava na cabeça dele. Me assustei quando escutei um estralo forte, mas em seguida relaxei, lembrei que a máquina fazia barulho. Eu tinha 30 minutos de exame, ficaria um bom tempo a sós com meus pensamentos.

E bem, no que eu pensei?

Pensei em tudo

A minha vida passou em flash, meus olhos se encheram d'água, respirei fundo, fechei os olhos. Algum tempo depois, escutei uma voz ao longe, era doutor Horácio.

— Muito bem, John. Graça, a enfermeira, vai te ajudar, fique aí parado.

— Ok.

Quando “Graça”, entrou fiquei bem animado. Ela era loira de olhos azuis, alta e a roupa de enfermeira era bem curtinha com um decote bem grande. Acho que meu padrinho mantinha suas enfermeiras assim por querer que seus pacientes tivessem algo de, extraordinariamente, bonito para olhar, ou então para que ele pudesse olhar, sorri.

— Muito bem, John. —Ela disse se debruçando em cima de mim, eu olhava para o decote dela e, óbvio que ela viu, pois, claro que eu não desviei o olhar.

— Vamos soltar você... pronto, está livre.

— Obrigado.

Quando me levantei, vi que ela estava olhando, não entendi o porquê. Foi quando lembrei que a parte de trás da roupa era aberta, ela olhava para o meu bumbum, era justo olhei para os peitos dela. Entrei no banheiro, troquei de roupa e fui para sala do doutor. Estava nervoso, suava frio e estava com medo, sabe aquele medo que fazia você sentir um frio na barriga, suar frio, a sensação era que eu estava indo para forca. Engoli seco, girei a maçaneta, ele não sorriu ao me ver, esticou a mão e apontou uma cadeira à sua frente, retirando uma caneta do jaleco e anotando algo, suspirou pesadamente e apenas disse:

— Sente-se, meu filho.

— E aí, doutor, o que eu tenho? — Comecei a me sentir inquieto, com medo, torcia os dedos, meu coração parecia que pulava de Bang-jump de tantos pulos que ele dava.

— Estava aqui pensando em como te falar isso, mas acho que se eu for direto, é melhor.

— Por favor, seja direto.

— Ok! É... —Ele tirou os óculos e passou a mão nos olhos, coisa que ele só fazia quando estava muito tenso e preocupado. — Você tem um tumor no cérebro, pelo visto, cresce relativamente rápido e é provável que retorne após a cirurgia. Mesmo que, completamente, removido, pode apresentar metástase em outras regiões. Só que esse não pode ser tratado cirurgicamente, ele precisa de tratamentos radioterápicos e quimioterápicos para evitar a recidiva, não vou poder te operar, porque ele está em um lugar... — Ele parou, seus olhos brilhavam, uma lágrima nascia no cantinho do olho esquerdo, ele colocou os óculos.

— Não tem como? — disse em disparada, com falta de ar e lágrimas queimando em meus olhos. — Não, sinto muito! Muito mesmo.

— É... — Não vou negar, a notícia me pegou de surpresa. Claro, eu imaginava algo grave, mas não tanto assim, não que não tivesse solução, pelo menos, não que eu fosse morrer. Lágrimas me invadiram os olhos e o que eu queria era exatamente FUGIR, era ir bem longe dali, longe de tudo e de todos. — Tudo bem, esse tumor, como sabe que não pode ficar bom, digo, se eu me tratar e fazer tudo certinho, não tem como... — Ele não me deixou terminar, me cortou.

— John, meu querido, olhe. — Ele me mostrou as fotos da minha cabeça. — Quanto tempo vem sentindo esses sintomas?

— Duas ou três semanas, não me lembro ao certo.

— O seu tumor tem um tamanho de uma ameixa, John, para o tempo que está me falando, ele deveria ser como um caroço de feijão. — Suspirei pesadamente e passei as mãos pelo rosto, deixando meus cotovelos em cima dos joelhos.

— Quanto tempo tenho de vida?

— Se você ficar aqui na clínica se tratando, tem um ano, mais ou menos.

— E sem tratamento? — perguntei nervoso, a ansiedade da resposta me corroía por dentro e os breves segundos que ele pensou, fez parecer horas.

— Algumas semanas — ele disse abaixando a cabeça, com a voz embargada, talvez o choro estivesse por vir.

Engoli em seco e respirei mais fundo ainda.

Droga!

Por que isso? Por quê? O que eu fiz para merecer essa doença?

— Eu preciso ir — disse rápido, me levantei e não esperei, porque se eu excitasse ele me faria mudar de ideia.

— Espere, John, volte aqui, vamos conversar!

— Não, depois, tenho pressa.

Pressa?

Eu tinha pressa do que?

De morrer?

De tentar fugir?

Ou de sumir?

Comecei a correr pelo corredor do hospital enquanto as lágrimas caíam dos meus olhos. Todas aquelas portas, todas aquelas pessoas, algumas entubadas, outras em seus últimos dias de vida, sofrendo, querendo ter mais tempo. E daqui uns dias estaria assim, daqui uns dias eu estaria num leito de hospital, respirando artificialmente e morrendo. Nunca parei para pensar no que morrer significaria.

Será que eu deixaria de existir?

Ou será que eu voltaria em outro corpo, em outra vida, com pessoas novas?

Parei na frente do quarto daquela menina, ela estava dormindo tranquilamente, coloquei as mãos no joelho e funguei, droga! Ela nem me parecia doente, nem parecia que estava morrendo. MORRENDO como eu... Entrei no quarto dela e fiquei olhando para ela, passei as mãos nos olhos, e de novo a pergunta, o que acontece depois que a gente morre?

— Eu posso estar de olhos fechados, mas sei que você está me encarando, que coisa feia...

— É, desculpe, eu... — Chorando.

— Por que está chorando? Quem é você? E o que faz no meu quarto?

— Eu já estou de saída — disse rápido não esperava que ela estivesse acordada, não queria conversa, não agora.

— Fica, conversa um pouco comigo, eu me sinto sozinha.

Pude ver no seu olhar a tristeza, então, dei de ombros e me sentei na cadeira ao lado de sua cama, ela também se sentou na cama, e dando de ombros, me olhou com uma intensidade tremenda. Eu nem sei por que comecei a falar da minha vida para ela, um cara de 26 anos desabafando com uma criança de 12 anos, loucura eu sei, o que ela poderia falar que fizesse eu me sentir melhor, o quê?

Nada...

— Droga! Você sabe o que é estar morrendo? — disse apontando para mim e em seguida abaixando a cabeça.

— Por que essa pergunta? Acha que eu não sei? Olhe ao seu redor e veja! Veja onde estou, como estou, acha que eu não sei o que está sentindo? Acha que eu não sei?! — Ela repetia, magoada.

— Me desculpe, eu...

— Tudo bem. — Ela remexeu as mãos e olhou pela janela. — Não fica assim, John, é a vida, ela simplesmente acontece.

— A vida é cruel! A vida é uma droga!

— E quem disse que viver seria fácil? Se fosse, ela não teria graça, viver tem que ser emocionante. — Ela colocou as mãos no peito, sorriu de um jeito meigo. Seus olhos brilhavam tanto, que me fez ver as coisas de um ângulo diferente, ela então, se ajeitando na cama pegou o violão que estava ao lado da cama, deu umas dedilhadas nele e começou a cantar...

*Veja o sol dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega é da cor dos teus olhos
Castanhos
Então me abraça forte
E me diz mais uma vez que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo.
Legião Urbana —Tempo Perdido*

— Eu estou aqui desde os seis anos, queria muito estar lá fora correndo, sentindo o vento no meu cabelo, queria meus pais comigo. Sabe, se eu

pudesse viver de outro jeito, pudesse realizar meus desejos, eu viveria a vida em vez de apenas reclamar, todo mundo aqui só reclama, é chato demais. As pessoas não veem a beleza nas coisas, mesmo em morrer. Vocês, adultos, reclamam da falta de tempo, o tempo é a gente que faz, então pare de reclamar. Está doente, sim, é triste, sinto muito, mas se sentir assim não mudará o fato, mas é a vida, John, é a vida. Então aí vai a dica, quer viver para quê? Seja lembrado pelo que você fez, construa memórias felizes, e não tristeza sem fim. Construa pontes em vez de muros.

— To desconfiado que você não tenha somente 12 anos. — Ela sorriu. — Qual é o seu desejo?

— Desejos? Sonhos? São vários, alguns deles sei que não vou realizar nunca.

— Me conte um deles?

— Quando eu tinha sete anos, comecei a escrever em um diário e queria muito que ele fosse publicado. — Ela me olhava intensamente, e seu sorriso era de felicidade. — Olha aqui.

Ela abriu a gaveta do criado-mudo com uma certa dificuldade e me deu um caderno, com um grande número 1 escrito em caneta preta na capa amarela.

— Espero que você tenha me entendido, John... Espero que você faça algo além do que só reclamar, parece mais um velho ranzinza, acho que está passando muito tempo com o senhor Horácio. — Ela gargalhou alto colocando a mão na boca, nisso apareceu uma enfermeira, grande, muito grande.

— Quem é você?

— Um amigo. — Alicia se apressou em dizer.

— Pois bem, amigo, horário de visitas já acabou!

— Deixe ele mais um pouco, nunca recebo visitas, ainda mais uma tão... Interessante, vamos assim dizer. — Ela piscou para mim. — Você tem que descansar, eu volto outro dia.

— Tudo bem, mas volte mesmo.

— Sim.

Dei um beijo em sua testa, peguei o diário dela e sai. Fui direto para o carro, entrei, coloquei as mãos no volante. Sem querer, lágrimas começaram a descer sem parar, chorei tanto que cheguei a soluçar, então, uma raiva se apossou de mim, comecei a socar o volante, a gritar e pensei no que Alice disse, que eu mais parecia um velho ranzinza que só reclamava.

Ela estava certa, essa foi a vida que eu quis para mim, essa foi a vida que eu escolhi, não adiantava reclamar, não adiantava mais. Olhei para o lado, peguei o diário da Alice e comecei a ler. A letra de criança ainda se formando me emocionou, e muito. Eram frases, poemas, eram descrições de seus tratamentos, pensamentos, entre eles como ela se sentia sozinha, e de como era difícil passar

por inúmeras cirurgias, tanto da reconstrução de suas pernas, quanto às cirurgias do coração, e de como era insuportável à dor em sua cabeça. Essas foram às coisas que eu li que mais me emocionaram, novamente chorei, e mais uma vez soquei o volante do carro, mais uma vez gritei, gritei como se eu estivesse só no mundo, como a Alice. Gritei como se meu grito fosse me livrar do meu fim trágico, angustiante e triste. Gritei, assim, quem sabe alguma providência divina me ajudaria. Meu celular tocou, olhei no visor e era o Carter.

— Ei, seu veado, onde você está?

— Veadão é teu pai — disse fungando.

— Fala logo, caramba, crédito acabando aqui.

— Saí do médico agora, estou no carro lendo.

— Você lendo?... Só se for revista pornô. —Ele caiu na gargalhada da piada sem graça dele.

— Muito engraçado, vai se foder. O que você quer?

— Sair, vamos, bora?

— Hoje não.

— Mas por quê?

— Cansado!

— Shi, o que aconteceu, cara, o que você tem?

— Nada não, Brow, fica tranquilo

— Passamos aí na sua casa às 21:00 para balada, indo nessa, créditos acabando.

— Carter, Carter...

Não deu para falar mais nada, ele desligou antes. Eu não queria sair, não hoje, tudo isso tinha mexido com a minha cabeça, com o meu coração, estava difícil aguentar. Liguei o carro e fui para casa, tomar um banho e dormir até eles chegarem. Sabia que eu não poderia dizer não, quando eles queriam, eu tinha que fazer, eu era obrigado. Cheguei rápido, tomei um banho, meio que demorado e deitei, nossa a cama estava ótima dormi até as 21h00min da noite acordei com eles pulando em cima de mim.

Sim, eles tinham a chave do meu apartamento.



**“Viver, viver é ser livre saber dar valor as coisas simples.
Charlie Brown Jr.”**

— Sai de cima de mim seus, veados. — Comecei a tentar me mexer para eles saírem de cima de mim, estava ficando sufocado já.

— Ui, a moça está na TPM. — Carter começou a zombar de mim, rindo em tom de deboche, dei um tapa no ombro dele, onde foi que eu conseguir acertar.

— Vamos, levanta, vamos para balada. — Brian começou a pular na cama, mais parecia uma criança de dois anos fazendo isso, e não um homem barbado de 26 anos.

— Acho que não vou não, eu estou cansado, para de pular na cama, mas que inferno, está parecendo uma criança — gritei e deitei novamente, levando a mão na cabeça, tentando fazer com que os gritos dele cessassem.

— Iiih o que tá pegando? — Ele finalmente parou de pular e se sentou na cama, com aquela cara de Zé dele, deveria agradecer porque aqueles pulos estavam me fazendo ficar nauseado, mas eu não ia fazer isso, estava sem saco, à única coisa que queria era dormir e dormir, sabe, dormir até a vida acabar.

— Como foi no médico? — Carter se sentou ao meu lado, ele sempre contido, na dele, calmo e com um sorriso nos lábios, o sorriso dele de que tudo ia ficar bem, de que não importasse nada, que ele estaria ali, hoje, amanhã e depois, depois, depois...

— É por isso esse baixo-astral, a notícia é tão ruim assim? — Brian abaixou a cabeça e seu tom parou de ser de brincalhão e tomou um tom sério preocupado, o tom que eu odiava, detestava porque eu sabia que para ele estar assim o negócio era realmente sério. Mas que merda! Eu não poderia esconder nada deles, eles eram meus melhores amigos Carter tinha 26 anos, o conheci no jardim de infância, e desde então a amizade fortaleceu e nunca mais me separei dele. Ele era alto, tinha cabelos negros, e olhos azuis, adora malhar o apelidamos de bombadinho, apelido que ele odiava, claro.

Já o Brian era de longe o mais doido de nós três também tinha 26 anos assim como eu e Carter, nos conhecemos na primeira série do ensino fundamental, ele era estranho gordinho usava aparelho, meio desengonçado, mas era engraçado, sua risada era estranha, foi o que me fez se aproximar dele, toda aquela esquisitice, fazia ele ser uma pessoa única, uma pessoa que estaria sempre do seu lado não importasse qual fosse a situação foi por isso que a gente se tornou amigos três completos desajustados socialmente unidos, não sei o que seria da minha vida sem esses caras.

Brian havia mudado muito agora estava magro, cabelos arrepiados ele era loiro dos olhos verdes, barba sempre por fazer, e sempre ele sempre conseguia

nos constranger em qualquer situação, devido aos fatos, devido à minha história de amizade com eles, eu não poderia esconder deles que eu morreria. Nos formávamos um trio de desajustados socialmente desde do colégio é agora eles seriam uma dupla, uma dupla imbatível.

— Sim. — Me levantei andei até a cômoda peguei os exames, dei para eles, eles leram atentos, e com os olhos perdidos olharam para mim.

— Caraca, mano você vai se tratar né? — Brian disse pulando da cama andando de um lado para o outro, bem talvez ele abra um buraco no chão e caia na cama da gostosa do andar de baixo.

— Não, eu não quero ficar preso em uma cama. — Disse abaixando o olhar é com um aperto indescritível no peito.

— Mas se não fizer isso vai morrer, tipo vai acabar tudo, nossa amizade... — Carter estava completamente assustado. — Você não pode... Não... Não tem que se tratar.

— Mas eu vou morrer do mesmo jeito, meninos — disse suspirando. — Me tratando ou não, entenderam? Eu não quero viver o que me resta de vida assim numa cama de hospital escutando os pi, pi, pi, e esperar que eles se cessem assim como a minha vida.

— Então pretende fazer o que? — Brian falava com a cabeça baixa, é passava as mãos pelos olhos.

— Nada, deixar isso passar assim. — Estralei os dedos.

— Não você não vai deixar a vida passar assim, você não pode entendeu? — Brian pulou da cama pegou um caderno uma caneta e começou a escrever.

— O que você está fazendo?

— Sempre tive umas vontades doidas vamos fazer isso, cada um escreve 10 coisas malucas que sempre teve vontade de fazer, mas que nunca teve coragem, então nós três juntos vamos fazer, vamos realizar uma lista maluca, sair em numa viagem que mudará o rumo de nossas vidas. Uma viagem que ficara marcada em nós, na história, é quando a gente lembrar dela sorrisos tomaram conta, lembranças de bobearas incríveis invadirão nossas cabeças e nós três juntos, eu disse juntos vamos escrever a história de nossas vidas.

— Tá brincando, né? — levantei uma sobrancelha.

— Não estou não, estou falando sério, muito sério.

— É pode ser legal. — comecei a pensar que poderia ser minha última aventura, quer dizer a minha primeira é única aventura, uma de verdade, uma aventura para fechar com chave de ouro. — Eu topo.

— O que pode sair dessa sua cabeça de jaca? Só besteira mesmo. É John não incentiva não, isso vai dar merda, como sempre.

— A fé de vocês em mim e inacreditável sabia? Pensa só, Carter, viajar fazer

tudo que sempre teve vontade de fazer, mulher bonita, aventuras, sol, praias, surf... Ainda acha bobeira? — ele disse animado.

— E olhando assim nem tanto.

— E aí vamos?

— Tá legal vamos.

— Legal, vou comprar umas bebidas e trazer umas gatinhas.

Brian disse saindo correndo, antes que eu fala-se alguma coisa, balancei a cabeça é pensei bem...O que poderia acontecer de mais? Ele traria algumas amigas dele é umas bebidas de certo tomaríamos todas e acordaríamos de ressaca, bem nada de anormal para os padrões de Brian... Meia hora depois ele voltou com todo tipo de bebidas dessa vez ele me surpreendeu porque além de ter muita coisa ele trouxe algumas mulheres, que vou te contar eram estonteantes, ele sabia escolher muito bem. Bebemos, bebemos muito demos alguns pegas na mulherada é a noite passou como uma criança adorei aquilo. A sensação de liberdade era agradável, liberdade até quando eu conseguisse. Como era de se esperar no dia seguinte acordei com uma puta dor de cabeça, a ressaca estava muito forte é o apartamento todo bagunçado.

— Nossa que noite doida. — pensei alto. — Brian, Carter cadê vocês?

Andei pelo apartamento e nada deles, tropecei em um monte de roupas cai.

— Cuidado cara eu tô aqui. — Escutei Brian reclamar, quando acidentalmente pisei nele.

— Até que fim te achei, cadê o Carter?

— To aqui. — ele levantou a mão estava atrás do sofá enrolado na cortina.

— Cara que noite. — Foi tudo que ele conseguiu dizer.

— Boa né, muito boa. — Brian disse deitando no sofá é pegando um copo de uísque. — precisamos fazer mais festinhas.

— Nossa são 9 horas. — disse olhando para o relógio me assustando com as horas.

— E daí que são 9 horas? — Carter se sentou ao lado de Brian colocando as mãos na cabeça.

— Esqueceram da reunião? — Brian cuspiu o uísque que tomava, e Carter se levantou num pulo só.

— Vão para suas casas, se arrumem rápido anda.

— Merda, mas que caralho, vamos Brian.

— O senhor coloque as calças, por favor. — Comecei a rir que cheguei a chorar — Não quer ser taxado de tarado no condomínio não é mesmo?

— Mas... O que a gente aprontou ontem à noite? —ele colocou a mão na cabeça.

— Se veste. — disse tampando os olhos, ver homem pelado essa hora não era bem o que eu queria, aliás era o que não queria nunca.

— Não lembro depois de tudo que misturei nem sabia mais meu nome. — Carter caiu na gargalhada.

— Claro que não se lembra, conveniente para você.

— Você se lembra?

— Claro.

— O que aconteceu? — ele perguntou pegando as calças

— Depois de você ter gritado lá no meio da rua que me amava peladão a gente fez um sexo selvagem gato. — ele imitou um rugido eu olhei bem pro Carter e não me segurei, comecei a rir que perdi o fôlego.

— Tá zoando né? — Ele disse assustado.

— Me sinto ofendida com isso! — ele passou a mão na sobrancelha pegou um casaco estralou os dedos e saiu rebolando.

— Cara não dá trela ele está brincando de certo bebeu mais que a gente e nem sabe o que aconteceu, vai se trocar nós encontramos no escritório.

— Isso não tem graça, não mesmo. — Ele disse colocando as calças.

— Tem sim, é muita. — Dei risadas.

— Até mais tarde John.

— Até.

Eles moravam no mesmo prédio que eu, eu na cobertura e eles dois andares abaixo do meu, tomei um banho rápido me troquei, sentei no sofá para tomar um café. vi o caderno da alicia ali em cima, peguei ele e comecei a ler eles. Na rádio tocava uma música que eu sempre a ouvia, mas nunca tinha parado para prestar atenção na sua letra. O refrão naquela manhã ensolarada me pareceu ter todo o sentido.

“Histórias, nossas histórias. Dias de luta, dias de glória.”

— É Chorão dias de luta, muita luta.

Com isso tive força para começar um outro dia, um novo dia, um dia diferente em minha vida, um dia que prometi para mim que iria ser diferentes dos outros, nada mais de sofrimentos, tristezas, trabalho, seria um dia de felicidades alegrias... Peguei as chaves do carro e sai, tinha no rosto um sorriso, no coração felicidade.



—Mônica... — disse chegando e parando de frente para a mesa dela arrumando a gravata

— Oi, pois não, quer algo?

— Brian e Carter chegaram?

— Ainda não.

— Assim que chegarem pede para irem na minha sala.

— Sim, mais alguma coisa?

— Tudo pronto para reunião?

— Sim senhor.

— Ótimo, ninguém chegou ainda certo?

— Não o senhor está adiantado 15 minutos.

— Sério, tudo isso?

— Sim. —sorriso.

— Então, por favor, pede um mega hambúrguer com uma coca bem geladinha.

— Hambúrguer e coca? Que estranho!

— Nada de estranho, vou aproveitar a vida, enquanto eu ainda tenho ela.

— Que papo é esse, John? — Ela levantou uma sobrancelha e cruzou os braços.

— Nada, é só que uma hora a gente morre e deixa de aproveitar a vida não e então para que se privar.

— Hum, estranho, vou comprar o que o senhor deseja daqui 10 minutos eu volto.

— Tudo bem eu vou para minha sala, quando chegar leva para mim, por favor.

Entrei na minha sala sentei na minha cadeira liguei o rádio, tocava uma música bem animada que eu não conhecia, tirei o paletó e comecei a dançar, dancei essa música a próxima, quando parei de dançar já sem fôlego, Mônica me olhava com um sorriso no rosto.

— Dança muito bem. Essa sua reboladinha é uma coisa. — Ela mordeu o lábio e deu aquela piscadinha sacana para mim.

— Você viu? — perguntei gaguejando é claro que viu, corei de vergonha

— Sim. — sorriso. — seu lanche, bom apetite. — Ah! É quando você cora
fica uma graça. — Ela me mandou um beijo no ar é eu corei ainda mais

— Obrigado.

— De nada. — sorriso. —licença



“Será que Deus pode me ouvir, só quero agradecer por tudo aquilo que consegui. Ivo Mozart”

Aquele hambúrguer com aquela coca cola geladinha estava muito bom, estava mais que bom estava divino, digno de um Deus da Grécia porque tinha me privado disso esses anos todos? O telefone começou a tocar insistentemente, atendo com a boca cheia e um sorriso nos lábios.

— Fala Mônica, o que quer?

— Desculpe John é que Brian e Carter chegaram podem entrar?

— Claro, deixe eles entrarem, nem precisava ligar para falar isso.

— Ok, mas é que você está estranho hoje, pensei que... Está tudo bem? — ela abaixou o tom da voz. — Por que eles estão vestidos assim?

— Sim claro, está tudo bem, relaxe enquanto a isso mande eles entrarem logo, por favor.

Desliguei o telefone e em poucos segundos eles entraram carregando uma tralha imensa sorri aos vê-los.

— Caras estão ridículos vestidos assim. — Soltei uma gargalhada intensa que se perdeu na minha garganta quando eles olharam para mim.

— Hambúrguer de café da manhã? — Carter Franziu o cenho.

— Coca cola? — Brian disse tomando o copo da minha mão e tomando, e em seguida soltando um grande e enorme arroto. — Desculpe estava com sede.

— Tudo bem Brian, eu estava com vontade, algum problema Carter? — Perguntei dando outra mordida no meu lanche e encarando ele.

— Não, não.— Ele disse balançando a cabeça, mas sabia que ele estava achando estranho, dei de ombros, decidi que não iria mais passar vontade.

— Bem deixando de papo furado, toma sua roupa, veste para reunião.

— Está tudo certinho?

— Sim. — pigarreou Carter. — Tudo certo. — Ele deu um longo suspiro passou as mãos pelas temporãs e olhou para a janela.

— O que foi cara?

— Nada... Sei lá, talvez... — Ele chutou o chão olhando pro mesmo Brian suspirou eu sabia que ele queria falar algo, mas preferiu o silêncio ao invés ele me estendeu a mão e me entregou a roupa, dei minha última mordida no

hambúrguer um gole na coca e fui trocar de roupa. Demorei um pouco me trocando a roupa parecia ser complicada cheia de babados e frufu o que me deixava perdido, me olhei no espelho assim que terminei de me vesti suspirei pesadamente será que o que eu ira fazer era uma completa loucura. Será que era o certo? Acho que se papai estivesse vivo e visse o que eu ia fazer, com certeza, ia ter um ataque cardíaco. Então dei de ombros e sorri pela primeira vez eu ia fazer o que eu tinha vontade, é me perguntava Por quê eu havia esperado tanto tempo para fazer isso? Por que deixe minha vida tomar esse rumo? Batidas na porta me tiraram daqueles pensamentos.

— Vamos lá está, na hora, os velhos estão esperando a gente na sala de reuniões. — Berrou Brian

— Já estou indo.

Pela primeira vez me encarei no espelho!

Digo de verdade pela primeira vez eu estava sendo quem eu queria ser! Pela primeira vez minhas vontades não ficariam só nas vontades, pela primeira vez pensaria mais em mim do que nos outros, pela primeira vez em todos esses anos eu sorri de verdade! Sai do banheiro me sentindo um completo idiota e só pirou quando vi os dois rindo tanto que chegam a chorar.

— Você está ridículo John. — Carter começou a apontar para mim.

— Mais que ridículo está um completo idiota.

— Acho que vocês não se olharam no espelho não e mesmo meninos? —Apontei para um grande espelho num canto da sala, eles se olharam e começaram a rir mais ainda, acho que achando graça de suas vestimentas.

— Vão pirar quando virem à gente. —Brian falava com um brilho maluco nos olhos

— Sim vão, tem certeza que querem fazer isso? John tem certeza dessa sua decisão? —Quando Carter abriu a boca todo o entusiasmo e o clima de brincadeira evaporou, eu achava que ele não queria participar que achava loucura.

— Claro que sim, mais que tudo! Não vão se arrepender depois, digo depois que eu morrer? Eu não quero obrigar a vocês fazerem nada se quiserem e por livre e espontânea vontade.

— Tira isso da cabeça cara você não vai morrer. — Carter brigou comigo — E outra tudo que eu mais quero e te ver feliz cara e se isso se fizer feliz tô mais que dentro.

— Não mesmo, você não vai morrer e eu também tô nessa. — Brian sussurrou mais alguma coisa que mais me pareceu uma prece do que outra coisa.

— Não se engane eu vou sim! Mas agradeço do fundo do meu coração vocês estarem nessa comigo — Não queria dar esperanças á eles quando

nem eu mesmo as tinhas, eu sei a ordem da vida nascer, crescer e morrer, e eu estava na última fase e o buraco ia ser fundo de mais. — Vamos parar de papo furado e ir fazer o que a gente tem que fazer.

— Vamos. — Eles disseram animados e aquele tom de velório sumiu.

Tiramos uma foto, queria registrar para eles esses momentos de loucuras em seguida sorrindo saímos da sala todo mundo do nosso andar olhava para gente e ria, está bem confesso nessa hora me senti ridículo de vestir aquilo, mas quer saber dane-se, respirei fundo e continuei a andar.

— Mas o que é isso? — Mônica corria atrás da gente espantada. — John vá se trocar tem uma reunião importante. — Ela segurou firme o meu braço e me olhava com um olhar completamente sexy com aquela voz de mandona que somente ela conseguia fazer, cheguei a dar dois passos em direção a ela, mas depois balancei a cabeça e sorri divertido.

— Vem participar da reunião também você precisa escutar o que eu tenho a falar.

— Está doido John? Está com febre? Já sei só pode estar doente, claro que está, pediu hambúrguer de café da manhã, vem eu te ajudo vou trocar você tem um reunião importante, e nela que você vai decidir sobre algumas franquias é...

— Mônica, pare. — ela me soltou de imediato. — A ideia de você me trocar e tentadora de mais, se sair com você aqui agora eu não vou para nenhuma reunião se e que me entende. — lancei um olhar para suas pernas compridas e pro pedaço de pano que ela insistia em chamar de mini saia, e mordi os lábios. — Eu quero decidir minha vida Mônica, eu não posso mais ser quem eu sou, preciso da ajuda de vocês. — parei e a encarei, segurei suas mãos. — Por favor, confia em mim? — Ela me olhava assustada

— Droga!

— O que foi?

— Eu sabia que tinha algo errado com você. — Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Esquece isso, por favor, confia em mim. — ela me olhava no fundo dos olhos e neles dava para ver o desespero que ela sentia.

— Espero não me arrepender, se você fizer bobagem não vou concertar. — ela soltou as minhas mãos e passou no terninho, como se quisesse tirar algum pelo invisível.

— Não vai te garanto. — Dei um beijo na testa dela.

— Dá para parar com o clima de “eu vou pegar você”. — Brian falava rindo enquanto a frase pegar você ele fazia em aspas com os dedos. — Temos um circo montado e eu quero o ver pegar fogo.

Paramos na porta da sala de reuniões, segurei a maçaneta da porta, meu coração batia acelerado, será que estava fazendo a coisa certa?

Será que era assim que eu tinha que acabar com tudo?

Será que a minha vida tinha válido a pena?

Entramos na sala eu na frente Brian e Carter atrás, Mônica em seguida a cara de cada um dos membros da diretoria era de dar medo, mas, mesmo assim, criei coragem e comecei a dedilhar a viola o Carter agitar as maracás e o Brian bem o Brian tentou dançar se bem que aquilo era tudo menos dança.

John/ Carter/ Brian — La Cucaracha, La Cucaracha, Ya no puede caminar Porque no tiene, porque Le falta pata para caminar.

— Mas que palhaçada e essa aqui? — Fabrício batia na mesa se levantando furioso.

— Não é palhaçada, tirei meu sobretudo, e joguei na mesa. — ele rodopiou até chegar à outra ponta parando perto da minha cadeira.

— Como não imagina o desgosto de seu pai vendo essa cena ridícula de vocês.

— Vou me retirar, palhaçada mesmo. —disse um.

— Ridículo. — disse outro.

— Eu ainda mando aqui, cada um sente-se no seu lugar, vão me escutar querendo ou não, e senhor Fabrício não meta meu pai nisso, e nem ouse mencionar o seu nome, sua boca e suja de mais.

— Você não manda sozinho, na empresa. — ele disse se levantando e socando a mesa.

— A empresa e herança do meu pai e eu ainda tenho a maioria das ações dessa joça faço o que quiser, se eu quiser doar, vender, e ir vender sorvete na praia eu vou fazer com ou sem consentimento de vocês, não se esqueçam tenho 51% das ações, agora se sente, por favor. — falei bravo.

Todos se sentaram, Mônica fez menção em sair.

— Fica, Mônica, você precisa escutar o que eu tenho para falar.

—Mas...

— Sem mas, sente-se, estou mandando, que saco. Por quê ninguém me dá ouvidos? Será que tenho que ser desagradável?

Ela se sentou, comecei a andar pela sala, olhando bem para cada membro da diretoria, não vou negar ver a cara deles de putos comigo era o melhor de tudo, meu íntimo estava se sentindo vitorioso é a minha vontade de rir era muita, mas me contive — Passei a vida aqui enclausurado nessa empresa dando desde cedo meu sangue para que tudo funcione-se.

— Não foi só você meu jovem.

— Eu estou falando meu caro senhor dá para fechar o bico pelo

menos uma vez?

O encarei bravo, Brian e Carter riram, olhei para eles com olhar de censura, logo eles pararam, a sala ficou em completo silêncio, olhei a janela o escritório ficava no 86º andar, a vista era incrível de qualquer janela dali. Fechei os olhos e pensei.

— Como ia dizendo... Passei minha adolescência aqui comecei como todos sabem como moto boy, fazendo faxina, limpando a privada onde seus bundões cagavam. — não me contive tive que rir. — Nunca reclamei de nada sempre fiz tudo certo, sempre fiz tudo que me mandavam, aos poucos fui crescendo dentro da minha própria empresa, eu tenho orgulho disso porque sempre me esforcei em tudo que eu fazia. Mas hoje eu percebo perdi minha vida em um patrimônio que dê certo ficara para os filhos dos senhores que vem aqui uma, duas vezes por semana passa duas horas e não veem à hora de ir embora, querem apenas saber dos lucros, enquanto eu... Eu me mato de trabalhar todo santo dia, é como eu me arrependo isso, eu nunca tive tempo de viver minha vida, nunca tive tempo de namorar sério constituir uma família e de certo não farei isso. — cochicho na sala.

— O que está acontecendo John? E jovem ainda tem 26 anos apenas. — Marcos me encarava com seus olhos grandes eles tinham um tom de verde melancólico, era um dos acionistas mais velhos da empresa, foi nele que papai confiou a empresa até eu poder assumir ela.

— Sim apenas 26 anos e com um tumor cérebro, onde não se pode operar, o médico me disse que se eu me internar tenho um ano de vida, se não tenho algumas semanas apenas.

O espanto foi geral, as bocas abertas em forma de O eram no mínimo hilário, se não fosse à gravidade da situação. — Sabem o que é ter apenas alguns meses de vida? Sabe o que é pôr a porcaria da cabeça no travesseiro é pensar que posso não abrir meus olhos nunca mais? Sabem como me sinto, como dói é de como estou desesperado? Por isso estou aqui vestido de mariate e fiz essa cena patética, ridícula, para chamar a atenção de vocês, eu não quero passar o resto dos meus dias nessa sala com os senhores, desculpem não e nada pessoal, mas eu quero ser livre quero me libertar de tudo, quero viver, quero beber até cair, quero chorar de tanto rir, quero fumar aquele cigarrinho do capeta, quero fazer loucuras que nós jovens fazemos, é que eu nunca fiz, mas eu sei se ficar aqui eu nunca poderei fazer isso, e daí a minha vida vai ter perdido completamente o sentido, é eu vou me arrepender amargamente das loucuras que não cometi.

— ...

— Deixa-me terminar. Depois o senhor fala... Eu quero ser livre quero fazer as coisas que tenho vontade sem me preocupar com isso, Mônica

como minha secretaria vou te dar dois meses de férias remuneradas pode viajar para onde você quiser que a empresa vai pagar, vai viver sua vida você e nova não espere, a espera pode acabar de uma hora para outra e você pode nunca fazer as coisas que tem vontade. — ela chorava. — O José, meu motoboy, é para continuar por aqui até quando ele quiser, e quando ele decidir sair, será com todos os direitos dele, Mônica na minha mesa tem uma relação de funcionários, que eu quero que sejam remunerados pelo seu esforço e para eles também cabem ficar até quando quiserem, já está no meu testamento, Brian e Carter vão sair de viagem também espero que uma bem doida. Aos de mais... Não esperem para fazer o que desejam a vida passa depressa, não guardem seus sonhos em uma gaveta, essa gaveta pode fechar e nunca mais se abrir. Marcos você vai ficar no meu lugar.

Peguei meu chapéu coloquei na cabeça e sorri.

— Vamos Brian e Carter temos uma viagem para fazer.

— John, John volte aqui! Vamos conversar.

— Desculpa! Não posso, já perdi tempo demais.

Sai da sala tocando a mesma música que eu entrei tocando, saímos dali dançando e tocando por onde a gente passava as pessoas olhavam a gente, no começo fiquei um pouco envergonhado, mas depois me soltei, brincava com as pessoas na rua, tinha algumas que nos dava algumas moedas, fomos para casa assim a pé sorrindo feliz, coisa que há tempos eu não me sentia, feliz. FELIZ... Chegando em casa, sentei no sofá e sorri.

— Puta merda, falou bem demais, hein, John.

— E a cara de cocô do Fabrício foi foda.

— Foi sim! —sorriu.

— Eu nunca te vi assim, John, tão autoritário

— Às vezes e preciso Carter, e aí o que vamos fazer hoje?

— Bem a mala está arrumada já.

— Não.

— Está sim.

— Vocês não perdem tempo, hein, rapazes! Pra onde a gente vai?

— Sei lá para onde nossos pés nos levarem — comentou Brian

— Está brincando, não é?

— Sim — disse gargalhando

— Vamos para o México — anunciou Carter. — Afinal, nossa viagem tem que começar por algum lugar.

— Vamos nos trocar, senão, perdemos o avião.

— Cara, repito, vocês não perdem tempo, hein?

— Claro que não, você acha mesmo que íamos ficar aqui hoje? Mas

nem fodendo, levanta a sua bunda branquela e gorda daí e vai se trocar, daqui no máximo dez minutos, voltamos.

— Isso aí

Eles saíram correndo para seus apartamentos e eu fiquei alguns segundos sentado ali, fitei o teto e pensei, era inevitável, eu não tinha muito tempo para cumprir a lista toda, me levantei me troquei, em dez minutos estava pronto, eles chegaram peguei minha mala, apaguei a luz respirei fundo tranquei a porta e partir.

Partir para talvez uma viagem só de ida, partir para ir viver minha vida, a ida até o aeroporto foi legal Brian como sempre sendo babaca e eu ria muito, o que faria sem esses meus amigos bocós?



Um Navio, um Naufrágio.

A vida não oferece promessas nem garantias, apenas oportunidades e possibilidades. Autor desconhecido.”

Alicia ...

A definição de um naufrágio nada mais é do que a destruição ou a perda de um navio. Os naufrágios têm diversas causas. Um navio pode ser destruído pelo fogo, pode afundar, ou pode colidir com outra embarcação. As causas de alguns naufrágios permanecem desconhecidas.

Se prestarmos atenção à vida e como um navio, muitos desfrutam de uma bela paisagem, passam sem nenhuma tormenta, alguns já começam a sua viagem com furacões e desastres, ficam à deriva, sem sinal que possa ser salvo, já outros devido suas ambições, egoísmo e maldade fazem da sua vida um verdadeiro naufrágio.

Como e sei disso?

Simples eu passei por isso vivi uma vida maravilhosa por seis anos, as paisagens eram maravilhosas, mas devido a um desastre, um furacão na minha vida tudo mudou e se transformou nisso que é hoje.

Devem estar se perguntando quando meu naufrágio começou não é mesmo?

Ele começou quando meus pais morreram.

Dizem que não lembramos com detalhes nossa infância, mas eu ainda fecho meus olhos e lembro da mamãe me abraçando, me beijando, me empurrando no balanço feito de um pneu de carro velho pendurado na árvore no quintal de casa, me lembro da sua voz doce suave, como um sussurro dizendo que eu era um anjo que papai do céu enviou na terra para dar sentido à vida dela. Lembro-me de como sorrir era fácil, de como eu era feliz, aquela felicidade que vem daqui de dentro, do fundo da alma. Mas tudo acabou quando eu entrei naquele barco e pela primeira vez em minha vida eu desejei ter morrido também.

Te encontro nas ruas até de olhos fechados

Sinto a tua presença e a lembrança que eu tenho de você

Me faz querer te abraçar

Querer te encontrar ♪

Detonautas — Verdades do mundo

Naquela manhã de sábado, há seis anos, mamãe, papai e eu estávamos indo ao zoológico. Eu estava animada porque tinha um bebe elefante novo, estava louca para ver ele. Lembro-me da trança que mamãe fez no meu cabelo, do perfume com cheiro de jasmim que ela usava, do vestido cor de rosa com renda branca, lembro do papai sorrindo também de tênis bermuda e uma camiseta, lembro de olhar ela janela e ver o sol brilhando tanto e tão quente que queimava a minha pele, me lembro que o meu sorriso era do tamanho do mundo que eu balançando meus pés e brincava com um foguete que tinha ganhado no dia anterior eu cantarolava a música do rádio ela me parecia triste, mas, mesmo assim, me deixei envolver por ela.

*Das coisas que digo sobre a gente ter coragem
Às vezes me esqueço e quando vejo, outro dia clareou
E eu fiquei aqui
E eu fiquei aqui»*

Aquele dia que era para ser de pura alegria descontração se transformou no pior dia da minha vida. Um caminhão vindo na outra direção bateu em nosso carro jogando ele em um barranco, lembro-me do carro descendo aquele barranco girando tanto que me deixou enjoada e eu acabei vomitando, quando ele finalmente parou, mamãe me chamava desesperada eu não conseguia falar algo impedia da minha voz sair passei minhas mãos pela minha cabeça e ela sangrava, comecei então a chorar, papai não se mexia, mamãe chorava.

Mamãe pediu para ter calma que me tiraria dali, eu chorava minha cabeça doía, papai não se mexia e nem me respondia quando eu o chamava queria que ele me pegasse no colo que me embase como ele costumava fazer sempre, mas o que eu não sabia ainda era que nunca mais ele me embalaria e me confortaria.

O que veio então foi à cena mais horrível que vi na minha vida depois de tanto tempo eu ainda fecho os olhos é a vejo. Mamãe conseguiu se soltar em seguida me tirou da cadeirinha que eu estava, me colocou perto de uma árvore encostada, e voltou pro carro, ela chorava e soluçava muito, tentava tirar meu pai de dentro do carro que estava todo retorcido e ainda de cabeça para baixo, vi quando ela se levantou colocou as mãos na cabeça e caiu ajoelhada pedindo para Deus que aquilo não fosse verdade, minha visão começou a ficar embaçada, a respiração difícil, então eu vi, vi um ferro passando por dentro do peito do meu pai e saindo o outro lado o sangue era muito, comecei a chorar novamente, eu sabia que ele tinha morrido, uma dor imensa foi tomando conta de mim, mamãe ainda estava ajoelhada chorando quando o carro explodiu, um pedaço de ferro passou raspando por ela e as chamas estavam por todo corpo, ela gritava deitada no chão, tentei levantar, mas além dela me proibir eu sentia uma dor imensa no meu corpo quando olhei para baixo eu vi que aquele ferro tinha passado por mim estava entre minhas costelas. Então o cansaço foi tomando conta de mim e eu

adormeci.

Será que agora chegaria a minha vez?

Será que agora eu ficaria com o papai e a mamãe?

É difícil viver as verdades do mundo

Quando o seu coração não se sente à vontade

É difícil viver as verdades do mundo

Quando o seu coração não se sente à vontade♪

Essa lembrança sempre é difícil e penosa para mim, sempre quando doutor Horácio me força a me lembrar eu fico dias e dias chorando, é como se uma depressão profunda se abate dentro de mim no meu coração, e eu penso porque eu não morri também? Por que Deus me deixou viva enquanto eu via minha família toda morrendo? Por que ele me abandonou? Não me lembro de quanto tempo fiquei ali dormindo, mas me lembro de uma voz ela parecia angustiada falava com alguém, mas eu não ouvia o que a outra pessoa dizia, algum tempo depois senti alguém mexendo em mim abri meus olhos e um belo par de olhos negros me fitava. Ele se chamava Sergio era um socorrista, por mais que ele sorrisse para mim eu sabia que algo muito errado tinha acontecido, lembro-me de perguntar ele onde eu estava, lembro-me dele me perguntar meu nome e eu não saber responder, lembro-me de não sentir minhas pernas e da minha cabeça muito dolorida eu chorava e ele tentava me animar dizendo que tudo iria ficar bem, se naquela época eu soubesse o que eu sei hoje eu gritaria com ele e falaria que nada nunca mais ficaria bem.

Sigo os seus passos invento certezas

É certo que fracasso algum será capaz de me fazer desistir

Porque eu não vou me entregar, eu não vou desistir

E se eu puder fazer por ti o que ninguém jamais fez por mim

Eu faço

Eu faço ♪

Depois disso o que eu lembro são flash, luzes, vozes e quando acordei estava na clínica do doutor Horácio um anjo em minha vida que cuidou e cuida de mim até hoje. Eu tive queimaduras de primeiro grau no rosto, pernas e braços, minhas pernas foram reconstruídas demorou muito tempo para que eu pudesse andar, mas isso, isso nem se comparou ao dano que eu tive no cérebro devido a pancada muito forte eu perdi a memória meu lobo temporal foi seriamente comprometido, essa é parte do cérebro permite que os sons e as imagens sejam interpretados, ela armazena os eventos sob a forma de memória e evoca os já memorizados e geram as vias emocionais. Essa lesão do lobo temporal direito afetou a minha memória. Eu não sabia quem eu era, não me lembrava da minha vida e de ninguém que fez parte dela. Depois de muitas operações, eu consegui

recuperar a memória do acidente e aos poucos minhas memórias de quem eu era é do que tinha acontecido comigo voltaram com força total e eu desejei mais que nunca que elas ficassem para sempre desaparecidas.

Sabem o que é viver assim?

Perdida num pesadelo sem fim?

Sabem quanta dor e angustia eu sinto dentro do meu peito todo santo dia? Quando eu consegui recuperar boa parte da minha memória eu me revoltei eu queria morrer odiava tudo e todos a minha volta, parei de comer de viver eu apenas praguejava o tempo todo.

Sabem como isso é ruim? Uma criança de oito anos se revoltando desse jeito?

É difícil viver as verdades do mundo

Quando o seu coração não se sente à vontade

É difícil viver as verdades do mundo

Quando o seu coração não se sente à vontade ♪

Um dia depois de uma crise de depressão a qual eu tentei me matar doutor Horácio decidiu que era melhor me manter sedada por algum tempo, pois achava que me daria tempo para pensar, mas na realidade me deu tempo para sonhar.

Eu sonhei com a minha mãe e meu pai eles estavam zangados com o meu comportamento e me pediram para parar com isso que a vida era assim nos ganhávamos e perdíamos que tínhamos que aceitar o desafio proposto para gente, e tentar tirar o melhor sempre das situações que a vida nos impusesse, eles me abraçaram forte me beijaram e partiram novamente. Decidi então, mudar acho que a chance de ver eles novamente me deu uma nova visão sobre a vida e desde então mudei minhas preservativas e sonhos, eu consegui levar uma vida feliz, aceitando meu destino.



**“É assim eu vou indo sendo feliz é o que importa.
Desconhecido”**

Estávamos no aeroporto esperando nosso voo ser anunciando, devo dizer que eu estava ansioso, meu estômago se contorcia só de pensar nas coisas que a gente ia fazer, eu sei que parecia loucura, é de certo era uma loucura, mas cara essa era a melhor loucura que eu ia fazer na minha vida, espero que eles tenham histórias incríveis para contar depois que...

Bem depois que tudo acabar.

Olhei bem pros meninos que estavam tão agitados e empolgados como eu, tomamos um lanche, em uma cafeteria do aeroporto, brincamos com algumas meninas, que devo dizer eram lindas, mas o que chamou minha atenção foram as aeromoças, uma passou perto da gente e quase quebrou o pescoço de tanto que nós olhávamos, então soltei um sorriso maroto seria ótimo se ela estivesse no nosso voo. As horas pareciam congeladas, era como se o tempo tivesse parado literalmente, se estivesse sozinho ali essas horas iriam parecer ainda mais com a eternidade, mas como eu tinha sorte — bem essa “sorte” ela só aparecia quando queria. — era que eu tinha dois palhaços favoritos ao meu lado.

— Galera — Brian deu um pulo da cadeira.

— O que foi?

— O que dá o cruzamento de um pato com uma galinha?

— Como é que é? — Carter disse levantando uma das sobrancelhas.

— Vai uma piadinha adivinhem.

— Não sei. — Respondi sério.

— Uma galinha que Qua Quareja! — Ele começou a rir que até chorava. — Qua Quareja entendeu.

— Só eu que não achei graça? — disse olhando para Carter.

— Não eu também não achei a menor graça, Brian, você tomou seu gardenal hoje? — ele abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Se fode Carter.

Comecei a rir e não parava mais, porque Brian ficou seriamente insultado com isso, encostei a cabeça na cadeira eu precisava descansar meus olhos estavam pesados e a cabeça latejava.

— Senhoras e senhores, boa tarde o voo 432 com destino ao México está liberado no portão g3, por favor, fazer check-in, obrigada tenha todos uma ótima tarde.

— Isso até que fim. — Brian falava enquanto arrastava sua mala, e quando digo arrastava era literalmente isso com a mão esquerda ele arrastava sua mochila pelos corredores do aeroporto e com a direita ele passava pelo cabelo enquanto olhava para trás. Já estava na hora do nosso voo sem parada pro México ser anunciado, a empolgação foi muita, eu ainda estava com aquela maldita dor, mas mesmo com ela sorri, enfrentamos uma fila e passamos pelo detector de metais, quando nossas mochilas passaram por eles apitaram.

— Deve ter algum engano. — disse prontamente dando um sorriso amarelado.

— Hum... Não sei vem vamos revistá-los. —disse um guarda grande colocando a mão no sintô e levantando as calças.

—Não precisa disso. — Carter disse com a voz trêmula.

— Claro que sim precisa, estão achando que vai ser fácil passar com sei lá o que dentro dessas malas?

— Mas não tem nada na mala, quer dizer ter tem, mas são apenas roupas. — Carter disse, mas em seguida se arrependeu porque tomou um tapa na cabeça, ele se encolheu e ficou quieto. Levaram a gente para uma sala toda branca, sentamos e esperamos um pouco.

— Se vocês conseguirem fujam, digam para minha mulher que eu a amo.

— Para com isso, não vamos fugir é você Carter não tem mulher.

— Estranho... Essa sala mais parece daqueles filmes de terror. Sabe aquelas que você morre feito em mil pedacinhos? — Balancei a cabeça em negativa. — Pois é John parece e eu tô com medo dessa minha visão. — sorri de canto.

— E você Brian não vai falar nada? —disse olhando pro Brian que não tinha aberto a boca ainda. Ele balançou a cabeça em negativa, ok era estranho ainda mais porque ele não tinha nenhuma piadinha para fazer, e eu estava falando com Brian então isso era estranho. Não demorou muito para o guarda grandão entrar, junto com outro, eles colocaram uma luva e a cara deles eram de malvados.

— Sabe garotos temos que tomar cuidado, com quem entra e sai do nosso país.

— Tem muito terrorista por aí. —disse o outro.

Como é?

Terrorista?

Olhem bem para cara desses três panacas acham mesmo que a gente pode ser

terrorista? Vasculharam nossas mochilas e para minha surpresa o que eles acharam era inacreditável, advinham em qual mochila estava aquilo? Claro Brian olhei espantado para ele. Era por isso que ele estava tão quieto.

— O que foi? — ele disse em voz baixa.

— O que te deu para trazer isso? — falei mais alto do que queria.

— Está doido? — retrucou Carter

— Vamos revistar vocês, primeiro você. — Ele apontou para mim e sorriu, e devo dizer que pela primeira vez eu fiquei com medo de um sorriso.

— Tudo bem.

Me levantei e caminhei até onde ele apontava ele então começou a me revistar, deixei não fiz nada, apenas rezava para que ele não tivesse uma mão boba, depois foi à vez do Carter ele também deixou sem nenhuma reação aquilo era no mínimo constrangedor. Os guardas saíram.

— Olha Brian nada contra sua escolha, mas não podia ter deixado aquilo em casa?

— Cara o que você tem na cabeça de trazer um vibrador para cá?

— Ué melhor eu usar um desses do que tarar um de vocês não acha?

Eu achava que ele era louco, mas depois disso tive a certeza, quem diria... Os guardas voltaram.

— Vamos te revistar agora, mãos na parede e abra a perna.

— Ok. — Ele começou a passar a mão no Brian e ele gemia. — Hum isso assim está gostoso.

— Mas o que é isso?

— Não para amor tá gostoso.

— Mas isso é inaceitável, é uma afronta, está achando o que rapaz?

— Que vocês podem me aliviar, sempre tive tara por homens grandes. — ele piscou para o policial, meu queixo foi parar no chão, não acreditava no que eu estava vendo e ouvindo. Eles nos algemaram e nos levaram para cela.

— Seu veado olha onde a gente está.

— Sabia que não iria me aceitar assim. — cara de choro.

— Para com isso cara.

— Verdade, não vão querer mais ser meus amigos.

— Para Brian não viaja.

— E aí o que vamos fazer com vocês? — o guarda grandão batia o cassetete na mão.

— Hum... Eu acho que eu sei. — disse o outro.

Ele pegou um chicote e estralava na mão, olhei assustado pro Carter ele para mim e o Brian dava risada.

— Vamos fazer maldade com esses meninos.

— Sim, pode fazer. — Brian respondeu.

— Não fazem não, por favor. — Carter gritava

— Pelo amor de Deus faz não. — Eu já imaginava o que eles iam fazer e ter minha porta dos fundos violada não estava em cogitação, nem nessa nem em outra vida, nesse buraco nenhuma minhoca entra.

— kk, chega galera, eles estão assustados demais.

— Mas já, Brian?

— Sim, olha a cara de assustado deles, valeu .

— Como assim? — olhei para ele.

— É tudo brincadeira.

— Seu veado, baitola, filha da puta.

Carter pulou em cima do Brian e começou a enforcar ele, Brian deu uma cotovelada nele e se levantou da cama.

— guardas falsos 300,00, vibrador 50,00 a cara de assustados dos seus melhores amigos, não tem preço...

— Quer dizer que...

— Não vou veado podem ficar tranquilo. — Ele explodiu em um riso frenético e chegou a chorar, colocando as mãos na barriga ele respirou fundo.

— Fez a gente perder o voo, e agora como vamos para lá.

— Já arrumei tudo tem um navio saindo de Santos pro México está tudo acertado já.

— Um cruzeiro interessante.

— Sem vibrador?

— Sim sem.

— Então vamos.

— Só tem uma coisa.

— Lá vem, sabia que teria um “mas,” por vir.

— É que era a última cabine temos que pagar a mais por ela.

— Ah tá! Só isso? — ele balançou a cabeça. — Não se preocupe eu John Mayer dou um jeito.

Os guardas soltaram a gente e assim fomos o mais rápido possível para Santos afinal o navio não ia esperar a gente para partir. No táxi a caminho de Santos, encostei na janela estava puto da vida.

— A cara de vocês foi muito boa.

— E foi até que diferente essa brincadeira seu bicha.

— O que você tem na cabeça me fala Brian? Pra que essa brincadeira estúpida?

— Sei lá só quero que essas nossas férias sejam inesquecíveis.

— Inesquecível e uma coisa isso que você fez e outra. — falei bravo.
— Desculpa.

Um silêncio incomodo se instalou no carro, tinha que ser eu para estragar tudo, será que eu fazia isso com frequência? Tentei me corrigir.

— É as nossas últimas férias juntos galera.

— Não fala assim você vai ficar bom. — é o prêmio asno do ano vai para John Mayer...

— Duvido pessoal.

— Vai sim tenha fé.

— Fé rum! Isso e uma coisa que nem sei o que é!

— Chegamos são 150,00. —Disse o Taxista.

Pagamos o táxi e pulamos fora, o navio era imenso, grande luxuoso, Brian levou a gente por uma entrada diferente. Já estava esperando outra brincadeira dele, do tipo que a gente viaja—se no porão de carga.

— Hey Gustavo. — ele gritou para um cara de marinheiro e acenou, ele acenou de volta chegando perto da gente.

— Pensei que não viriam cadê a grana?

— Aqui. — entreguei um maço de dinheiro para ele.

— Entrem logo, sem barulho é não chamem atenção.

Entramos passamos pela sala das máquinas, era muito legal ali em baixo, aquelas máquinas enormes soltando fumaça e apitando, os caras trabalhando duro para por aquela máquina imensa para trabalhar, subimos é chegamos ao convés principal.

— Nossa. — Me espantei ao ver tudo aquilo, se eu achava que o navio era grande era porque eu não tinha visto por dentro.

— Que foda aqui. — Carter estava admirado

— Lindo né.

— Sim tanta gente.

— Vamos vou mostrar a cabine de vocês.

Seguimos ele, passamos pelos corredores. Era cada coisa, tanto luxo. Fiquei bobo com tudo aquilo, afinal isso ainda era um barco certo? A cada corredor a cada cabine que a gente passava os detalhes eram incríveis, o marinheiro olhou pro relógio sorriu. Parou num corredor grande que no final tinha um imenso relógio de pendulo o relógio então badalou seis vezes e parou.

— Senhores esse e o quarto de vocês. — ele abriu a porta para gente e meu queixo foi lá pro chão, embora ele fosse simples era decorado com muito bom gosto e estilo. — vou deixar vocês. — Disse por fim.

— Valeu cara.

— De nada, se precisarem e só me chamar.



**”As pessoas são solitárias
porque constroem muros,
ao invés de pontes.
O Pequeno Príncipe”**

A cabine não era muito grande tinha uma cama de casal é um beliche a vista era linda, o luxo era imenso, olhei para o teto e sorri ele era pintado como a capela sistina era um espetáculo. Da janelinha só se via água é um baita céu azul. Um céu de azul intenso dava vontade de toca—lo. Deixamos tudo ali e animados, fomos dar umas voltas pelo navio, saímos no convés principal encostei—me na grade e olhei pro mar o vento era forte já estávamos navegando, e o inacreditável era que eu não sentia um movimento sequer, uma moça bonita loira parou do meu lado, seus cabelos

compridos voavam fiquei olhando para ela, apesar de linda tinha o semblante triste e pensativo, sua boca era vermelha olhos azuis fixo no horizonte, seus olhos estavam vermelhos é as lágrimas tentavam descer a face, mas ela as enxugava antes de cair.

— Se tirar uma foto dura mais! — Disse ela irritada para mim.

— Desculpe prazer John. — Sorri amigavelmente

— Prazer? Afff! Ridículo.

Ela virou as costas e foi embora, fiquei ali com a mão estendida sem entender nada, dei de ombros ou a minha cara de amigável estava horrível ou era doida. De certo era doida uma doida linda, mas doida, maluquinha, piradinha.

— Cara isso é demais. — Brian disse chegando perto é pulando em cima de mim.

— É como. — Carter olhava admirando a vista. — Acho que ir de navio vai ser muito mais divertido do que de avião.

— Depois vocês me agradecem. — Brian disse colocando os óculos escuros e mastigando um chiclete, olhando assim ele mais parecia uma lhama, sorri com meu pensamento.

— Vou pegar uma bebida alguém quer? —Eu queria era uma desculpa para sair de perto deles, adorava eles, mas às vezes eu precisava ficar sozinho, essa era uma dessas horas.

— Sim queremos. —os dois falaram juntos.

Girei nos calcanhares, claro que eu não ia voltar iria da uma volta,

ficariam bem sem mim de fato ficaram lá conversando dando risada olhando a vista, eu fui até o bar, e fiquei olhando eles, se eu não levasse as bebidas de certo não teria paz o resto da viagem, então que mal tinha deixava lá com eles e daria o meu jeitinho de fugir.

— Opa me vê três cervejas.

— Claro. —disse o garçom do bar prontamente.

Assim que peguei três cervejas e dei um passo à frente, esbarrei em alguém fazendo os três copos virar em cima da pessoa.

— Não olha por onde anda não? —A pessoa disse irritada. — Perfeito vou ficar cheirando cerveja.

— Desculpe. — Balbuciei sem nem ao menos olhar quem era

— Você de novo está me perseguindo é?

— É... claro que não garota chata, bem feito fica aí atrás dos outros, ah! E para o seu governo tome um banho, tira a inhaca de cerveja.

— Eu ainda sou chata, você que é um imbecil. É banho querido é você que está precisando — Ela passou a mão no nariz, que ousada, depois disso saiu quase que correndo, e eu fiquei ali parado olhando a reação esquisita dela.

— Olha o John já tá pegando as gatinhas. —Brian zombou

— Aquela ali é uma casca de ferida. — peguei outras bebidas e dei um gole na cerveja gelada.

— Conhece ela de onde? Por quê tá molhado?

— Nenhum lugar, virei um copo de bebida em cima de mim, vou tomar um banho descansar.

— Espera.

— Vamos juntos.

— Não, fiquem aí, peguem alguma gatinha. — Piscada. — Afinal, vocês não vão tomar banho comigo, volto depois.

Virei às costas e fui embora andei em direção ao quarto, tá era uma viagem em grupo, mas não significava que eles tinham que grudar em mim o tempo todo, precisava de espaço cheguei ao quarto tirei a camisa o tênis as calças a cueca e entrei de baixo do chuveiro água bem gelada para passar o calor, fiquei ali com a cabeça bem debaixo do chuveiro, pensando na vida, na morte, eu tinha que pedi aos caras para me fazer um elogio fúnebre, via isso nos filmes e achava o máximo, se bem o que poderia sair daquelas cabeças de bagre? Peguei um frasco de sabonete líquido esfreguei meu corpo peguei a toalha me enrolei nela abri a porta e dei de cara com uma pessoa. Uma pessoa quase nua. É devo dizer que aquele corpo me hipnotizou e me ascendeu na hora.

— Ahhhhhhhhhhhhh.

— Ahhhhhhhhhhhhh.

— Vai ficar gritando mesmo? — ela pegou uma toalha que estava na cama e se cobriu. — Sabia que me queria. — Agarrei ela pela cintura.

— Me solta seu imbecil, o que faz no meu quarto? Vou chamar o segurança!

— Seu quarto? É nada é meu é dos meus amigos

— Haha! Engraçado se veste seu pervertido. — ela pegou minha roupa e me entregou, colocou a mão nos olhos e se virou.

— Pode parar com isso, sou nada disso não, você que entrou aqui enquanto eu tomava banho.

— Por quê está no meu quarto?

— Calma, deve ser um engano... Claro que esse engano é seu. — Me encostei no batente da porta do banheiro ela se virou. — Qual seu nome. — ela ficou calada. — Mimada qual é o seu nome? — Ela fechou a cara. —

Moça se você não me falar seu nome vai ficar meio difícil a nossa comunicação.

— Beatriz. — ela fechou ainda mais a cara bateu o pé e cruzou os braços.

— Bem você sabe o meu nome então vamos ver o que aconteceu se veste que eu vou me vestir também.

Ela estava apenas de sutiã e calcinha, é seu corpo era bonito. Não conseguia parar de olhar para ela, deveria ter minha altura, pele branca, devo admitir aquela cor dela caia super bem devido as suas outras atribuições físicas. Seu cabelo loiro era grande iam até a cintura fina, pernas grossas, bumbum empinado, seios fartos, gostei do que vi, sorri de canto, olhando ela de baixo para cima, mas quando eu a encarei tanto seu sorriso quanto seus olhos eram tristes. Fiquei ali pensando na profundidade da sua tristeza, e no porque dela, e de repente fui tomado de uma paixão profunda, queria por ela no meu colo e dizer que tudo ia passar, queria passar as minhas mão pelo seu cabelo e fazer um cafuné, fui interrompido com sorriu de mais duas meninas que entravam no quarto a gargalhadas.

— Nossa amiga já está com um gatinho, prazer Bianca, essa é a Carla, é você bonitão quem é?

— Prazer meninas eu sou John Mayer ao seu dispor, — peguei na mão de ambas e a beijei, Beatriz revirou os olhos, enquanto batia os pés no chão. — Só para deixar claro eu, é a dona mau humor não estamos ficando, acho que ocorreu um problema com o quarto porque eu paguei por ele, tenho dois amigos comigo também. - Pelo visto minha cara de amigável era boa porque ambas sorriam para mim, diferente da amiga delas.

Carla era alta morena, cabelos compridos iam até cintura, olhos verdes brilhantes tinha um piercing no nariz, uma tatuagem na perna. Já a Bianca

era ruiva cabelos cacheados na altura do ombro sorriso fácil, olhos negros como a noite é como todos ruivos natural tinha algumas sardinhas pelo rosto. A porta do quarto se abriu de uma vez.

— Verdade Brian. — Carter ria colocando a mão na barriga.

— Opa suruba John? Espetinho você. — Piscadinha.

— Ai meu Deus! Calem a boca seus asnos. — cheguei perto do Brian e disse de uma vez — Seu boco o seu marinheiro vendeu o quarto para gente e para elas, e para casca de ferida que está no banheiro, apliquei um delicado pedala em seu pescoço, e com delicado quero dizer que quase arranquei a cabeça dele com a força aplicada.

— Casca de ferida é a... —Ela gritou saindo do banheiro

— Cala a boca é vamos.

Fui até a porta e esperei ela andar e nada, essa menina tinha o dom de me irritar assim fácil, fácil, voltei até ela é a encarei, fiz cara de mal, mas acho que falhei porque ela ria de mim, então peguei em sua mão é a puxei, mas ela não saía do lugar, puxei de novo e ela veio.

— Me solta eu sei andar sozinha!

— Não parece.

Ela passou a mão na roupa se ajeitou e começou a caminhar a minha frente, não pude não olhar para bunda dela não falei nada tentei ao máximo desviar meu olhar, mas, quando dava por mim estava lá eu olhando ela. Caminhamos em silêncio até achar o marinheiro que me vendeu a cabine ele passou um rádio para outro, discutiu xingou virou para gente e disse, num tom tão simples tão calmo que me irritou.

— Desculpe, mas teve um pequeno engano na venda da cabine só tem essa é vocês vão ter que dividir desculpem.

Ele virou as costas e foi embora e agora como a gente ia se virar? Eu ia ter que aguentar aquela casca de ferida, a enjoada e mimada? Oh céus o que mais falta, vamos lá manda tô preparado.

— Está vendo como foi uma confusão deles? —Disse me virando para ela e apontando pro marinheiro.

— É está parecendo, mas acho estranho do mesmo jeito.

— Vem cá você é sempre chata assim?

— É você é sempre um imbecil assim?

Ela virou as costas, foi embora batendo o pé, mas era mimada essa menina eu ia atrás dela e ela ia ver só, comecei a andar atrás dela e a cada passo que dava menos vontade de ir atrás daquela lá me dava, me virei e sentei em uma cadeira que tinha ali perto, pelo visto a viagem de navio iria ser tensa do início ao fim. Estiquei minhas pernas na cadeira, coloquei a mão atrás da cabeça encarei o céu.

— Por quê? Me diz por quê? — Fiquei ali alguns segundos esperando uma resposta que eu sei que não viria.

— O cara até que fim te achamos e aí o que deu a cabine? — Brian disse animado se sentando ao meu lado

— Vamos ter que dividir com as meninas tomara que as outras não sejam chatas igual essa porque, senão, estamos lascados.

— Isso vai virar pegação.

— Pegação o caralho, ela é muito chata.

— Duvido que vocês não se peguem. — Eu ia mudar de assunto, mas Brian mudou ainda bem.

— Vamos jantar? Tô com fome!

— Você sempre tem fome, Brian, mas seria bom estou com fome também não pudemos almoçar por causa da palhaçada de alguém.

— Falando nisso deu fome mesmo. — O estômago dele roncou.

Fomos até o restaurante e nós sentamos ia ter um show os meninos já começaram a rir e eu nem tinha entendido nada até lembrar de um item da nossa lista, então comecei a sorrir também.

— Olha para bar. — Carter me cutucou com o cotovelo.

— As meninas, já digo que a Bianca é minha. — Brian disse rápido

— A Carla é minha.

— É eu fico com a carne de pescoço né, belos amigos vocês são — Por que tinha que me restar ela?

— Meninas. — acenando.

Vi que elas discutiam um pouco, mas acabaram de chegar perto da gente, se sentaram as meninas riam falavam só a Beatriz ficava muda, queria muito entender qual era a dela.

— O gato comeu sua língua? — falando baixinho.

— A minha não, mas podia comer a tua né?

— Carne de pescoço.

— Otário.

— Boboca. — riso.

— Senhoras e senhores, com vocês Chico Buarque. — Disse alguém no centro do palco

Palmas, ele começou a cantar todo mundo aplaudia, será que eles não tinham achado alguém melhor para cantar por aqui? Carter começou.

— Canta Sampa...

Só que ele falou baixo de mais, e de certo ele não escutou, bundão, depois de mais outra música foi à vez do Brian.

— Canta Sampa, Sampa, Sampa.

Ele de cima do palco olha para a plateia, a gente ria demais e as meninas não entendia nada. Talvez, elas achavam que éramos loucos, ou que não conhecíamos quem realmente cantava Sampa.

— Sua vez John, anda

— É para falar alto.

— Canta Sampa. Sampa queremos Sampa.

A cara dele em cima do palco foi de mais ele parou no meio do palco com a mão na cintura e batendo o pé, dois seguranças chegaram perto da gente.

— Os senhores e senhoras estão convidados a se retirar.

— Como assim?

— Estão perturbando, se não sair por bem, será por mal.

— Não tudo bem, mas deixe elas a culpa foi da gente.

— Desculpe não dá.

Levantamos e saímos, saímos rindo que chorávamos.

— Você e um babaca John, um completo idiota.

— A culpa é só minha? Oh casca de ferida!

— Sim toda sua, é não me chame assim.

— Vai fazer o que princesa correr pro quarto e cair na cama chorando?

Ela bufou me olhou nos olhos, virou as costas e foi embora, acabava de perceber o quanto ela era chata, não fui só eu que brinquei os meninos também e, no entanto ela só descontou em mim a nossa saída.

— Mas o que deu nela? — Olhei pros outros à procura de respostas.

— Eu que sei, Bianca vamos dar uma volta?

— Claro.

— É aí Carla um drink no bar?

— Sim, vem com a gente John?

— Não obrigado vou andar por aí e depois vou ir dormir.

Me virei e sai andando até parece que eu ia segurar vela me poupe comecei a andar pelo navio e meus pés sem querer me levaram para onde eu vi Beatriz pela primeira vez, e como da primeira vez ela estava lá com o vento batendo em seus cabelos, a cara fechada, ali tinha algumas pessoas cantando tocando violão, me aproximei dela, ela não me percebeu de imediato, tinha o rosto molhado por lágrimas, será que era eu o causador delas? Eu estava prestes a pedir desculpas quando ela me olhou e me fuzilou com o olhar, ela abriu a boca para falar algo, mas fui mais rápido que ela.

— Eu não quero brigar passei muito tempo assim só quero paz e sossego, já que a gente tem que dividir a cabine será que você não podia ser mais agradável para gente não brigar?

— Eu também não quero mais brigas, tentarei ser menos eu mesma.

— Menos carne de pescoço seria bom. —sorri.

— Menos idiotice num único ser humano seria bom também.

— Então moça, tentarei ser menos imbecil e você menos carne de pescoço, combinado? — estiquei minha mão para ela, a qual ela olhou e ignorou, passou a mão no cabelo segurou a bolsa.

— Combinado.

Juro que tinha escutado um rosnado, me segurei para não rir. Ela me encarou olhou no fundo dos meus olhos é saiu não sei bem o que dava nessa garota como ela conseguia ser assim tão insuportável. Porque ela agia assim, dê da primeira vez que a vi, ela agiu estranho comigo, quer saber, mulheres são complicadas, a vida é complicada, chutei o ar coloquei as mãos nos bolso, andei muito pelo navio já era tarde mais de três da madrugada, quando resolvi voltar para cabine estava com um pouco de frio. Chegando lá vi Brian e Bianca dormindo juntos agarradinhos, Carter e Carla deitados juntos, só me restou a Beatriz, entrei de fininho, tirei minha camisa meu tênis é a fitei ela era mesmo muito bonita, tinha lábios lindos carnudos bem vermelhos, deitei na beiradinha da cama, não queria acorda-lá, mas ela me empurrou e cai de cara no chão, me levantei bravo, cuspidando fogo pelas ventas.

— Qual, é o teu problema?

— Ân, o que?

— Qual é o teu problema?

— Ân, o que?

— Ân, o que? —remendei ela.

—Você é bobo.

— Não, você que é infantil, me vesti e sai do quarto, ela veio atrás.

— Espera, volta, vem dormir. — Ela me segurou pelo braço e um arrepio intenso percorreu todo meu corpo, era como se ondas de choque corre-se pelas minhas veias, disparando no cérebro com um simples toque dela.

— Pra que para você me jogar da cama de novo?

Eu encarei ela, eu estava tão bravo, tão furioso e estávamos tão próximos, sentia sua respiração quente se misturando a minha, é aqueles olhos meu Deus que olhos são esses parecia que penetrava fundo que ia até a alma, era um olhar que eu não sabia decifrar, o que eu queria era poder cuidar deles porque a tristeza neles era tão visível que doía em mim, então o inevitável aconteceu segurei em seus braços mesmo ainda estando furioso a trouxe para perto de mim, a encostando na parede, encostei meus lábios nos dela é a beijei, um frio tomou conta do meu estômago acho que senti pela primeira vez as famosas Borboletas... Aquelas as retratadas que voam no seu estômago quando está perto

de alguém especial, no começo ela resistiu, mas depois cedeu, sua língua se enroscava com a minha com vontade, suas mãos subiam pela minha coluna indo parar em minha nuca, que passou para o meu tórax...

— Hey! —disse me empurrando.

— Desculpe. — fiquei desconcertado por ela ter interrompido que eu queria mais.

— Agora tenho certeza você é um imbecil. — tapa na cara.

— Oh! Não faça isso foi só um beijo nada mais. —disse passando a mão rosto, pois ardia.

— Só um beijo? Isso foi mais que um beijo, isso foi... Foi...

— Foi o que?

— Invasão do meu espaço! — Ela estufou o peito e eu mordi os lábios.

— Lá vem você com a discussão por causa disso para de ser essa carne de pescoço, um beijo apenas um beijo.

Larguei ela lá reclamando e fui andar já que eu não podia dormir na cama com ela decidi então andar e dormir em alguma cadeira, andei até a proa ali tinha uns marinheiros cantando e tocando, assim que cheguei eles se levantaram.

— Hey...

— Oi senhor posso ajudar?

— Me empresta o violão?

— Claro senhor. —ele sorriu me entregou o violão. — pode ficar com ele tenho outro.

— Obrigado.

— De nada

Sentei na cadeira de praia peguei o violão e comecei a tocar. Eu era um completo idiota tinha sido somente um beijo nada mais do que isso apenas um beijo, uma droga de beijo o qual eu não conseguia parar de pensar, droga! E aquilo que eu estava sentindo? Aquelas malditas borboletas no estômago, porque delas?

— Fiquem quietas não é para vocês se manifestarem, entendido? — mas a sensação não parava. —Eu que mando, fiquem quietas.

Foi então que me senti observado olhei para trás e não tinha ninguém. Coloquei o violão no chão estiquei as pernas na cadeira coloquei a mão na cabeça e olhei pro céu, as estrelas brilhavam tanto pareciam pequenos diamantes no manto negro.

— Só queria ter tempo, um pouco mais de tempo. — Soltei um suspiro fundo e assim adormeci, com lágrimas nos olhos.



**“Quem de nós se enganou com um outro amor?
Eu vou lembrar de nós seja onde for.
Malta”**

Os dias que se passaram foram mais tranquilos ela nem olhava na minha cara eu nem fazia questão disso também, mentira eu fazia sim, sei lá o que acontecia aqui dentro, ou talvez eu soubesse sim, mas não quisesse admitir, talvez admitir isso pudesse pôr tudo a perder, talvez pudesse me machucar, e com toda a certeza a machucaria, dei de ombros irritado isso não estava nos meus planos, eu não podia perder a cabeça por causa de uma garota, uma garota que nem gosta de mim, uma garota chata, e carne de pescoço como ela era, comecei a me irritar mais ainda, droga!

— Hey! Último dia de cruzeiro da gente vamos curtir uma piscina?

— Bianca sorria pulando em cima de mim.

— Vão na frente vou depois. — Disse sem vontade de me levantar e seguir com eles.

— Eu adorei a ideia. — Bianca disse me parecendo forçar o sorriso, não a culpo acho que ela deveria estar doida para sair da minha companhia um tanto que monótona.

— Vou por meu biquíni. — Carla já começara a tirar toda sua roupa da mala.

— Posso ir junto? — Carter levantou a sobrancelha e sorriu malicioso

— Pode ir tirando essa cara de safado da cara à gente vai somente ir para piscina não para um motel. — ela disse mostrando a língua para ele, enquanto seus braços passavam ao redor da sua cintura e seus lábios estralando na bochecha dela, como se ele dissesse. — quem precisa de um motel?

Quando todos saírem, pude finalmente ficar sozinho então comecei a pensar nessa viagem, em como estava sendo de certo modo legal, pensei que talvez o que eu precisava era parar de pensar em que eu iria morrer e viver um pouco, mas era difícil era como se uma força me puxasse para baixo era como se alguém soprasse em meu ouvido — morte. — ou era a própria me lembrando que não importasse o quanto eu fingisse eu iria morrer, lenta e dolorosamente,

deixei estes pensamentos de lado e me troquei e fui até a piscina às meninas estavam tomando sol e os meninos dentro da água.

— Vem Carla.

— Não já disse.

— É você amor, vem!

— Não quero pegar uma cor.

— Oi gente. — Disse tentando ser amigável

— Oi. — Disse Beatriz sorrindo.

Me espantei, isso foi um sorriso para mim? Ah! Não né era pegadinha só podia ser cadê a câmera? Me sentei do lado dela não falei nada nem ela, dei de ombros, mas aquele sorriso estranho não saía da minha mente Beatriz me detestava e eu não sabia o motivo, levei a mão ao queixo e comecei mentalmente listar os porquês ela dela não ir com a minha cara.

Bem vamos aos fatos primeiro eu derrubei bebida nela, mas em minha defesa foi ela que chegou por trás sem falar nada, segundo teve o beijo, aquele beijo que eu não conseguia parar de pensar, era como se eu ainda sentisse o gosto dela em meus lábios, sorri com a lembrança, — suspiro — apesar dela também ter me beijado, mesmo assim eu havia me desculpado então pensando bem eu não era o culpado de nada, simplesmente ela que não tinha gostado de mim paciência. Os meninos saíram da água sentaram ao lado das meninas e quando dou por mim vejo pernas balançando pelo ar elas gritando para que eles a soltassem, bem eles fizeram isso sim, as soltaram, mas foi dentro da piscina, olhei para o lado é não pensei duas vezes levantei e peguei a Beatriz no colo ela berrava igual a um bezerro novo mergulhamos. Eu não tinha pensado direito de certo levaria um tapa na cara quando emergíssemos, mas, ao invés disso ela soltou uma gargalhada e eu fiquei surpreso assim como os outros.

— Você rindo? Não está brava?

— Não, porque estaria?

— Não sei você e meio que de lua...

— Só não me chame de carne de pescoço, odeio quando me chama assim, não ajuda em nada meu humor que já é difícil.

Ok agora era oficial, essa aqui não era a Beatriz, acho que abduziram ela e colocaram um clone em seu lugar. Ela olhou bem nos meus olhos é sorriu ainda mais jogou água no meu rosto, coisa que me fez sair dos meus pensamentos, nunca que eu iria imaginar que aquela casca de ferida pudesse se divertir com algo assim tão banal, tão bobo. Passamos o restante da manhã, na piscina quando deu 13:00 almoçamos no restaurante que tinha de frente para a piscina, depois fomos fazer as malas para ir embora, nos desceríamos elas continuariam. Quando o navio atracou...

— Tchau meninas foi um prazer conhecer vocês.— Fiz uma reverencia e beijei a mão de cada uma delas, mas quando meus lábios deixaram o beijo na mão de Beatriz estremeci era como se eu deixasse um pedaço de mim para trás, tratei logo de por meus óculos escuros para que ninguém visse meus olhos marejados sorri, desci a rampa até hoje em tudo que fiz na minha vida nada me pareceu tão difícil quando essa despedida, nem mesmo quando vi o caixão do meu pai descendo pela cova dele me senti assim, um completo covarde. Elas acenaram e de onde eu estava dava apenas para escutar o Tchau delas, mas eu sabia que elas diziam outras coisas apenas não queria ouvi-las.

— Me liga Carla qualquer dia quem sabe a gente não saia.

— Quem sabe...

— Tchau Bianca. —beijo no rosto.

— Tchau Brian. — Abraço apertado

Eles colocaram as mochilas nas costas e desceram a rampa, de repente Brian tira a mochila das costas e sai correndo de volta pro navio. Ele pegou a Bianca pela cintura e deu um beijão nela. Não era qualquer beijo era aquele beijo de cinema como no Titanic quando Jack Dawson, e Rose estão na polpa do navio ela de braços abertos cabelos ao vento e ele atrás sussurrando coisas em seu ouvido.

O espetáculo, quer dizer o beijo rendeu grandes aplausos da plateia que assistia aquilo, uma alegria e ao mesmo tempo uma tristeza passou pelo meu coração. Ele teve a coragem que eu não tive, disse algo em seu ouvido pegou sua mochila colocou nas costas e voltou à cara dele era péssima, tinha lágrimas nos olhos caminhamos em silêncio alguns segundos, até mesmo porque não conseguíamos ficar juntos sem conversar, soltar piadas ou algo do tipo.

— Cara não sei porque, mas eu sinto que ainda vamos ver elas e a carne de pescoço.

— Eu acho que o John se apaixonou.

— Também acho nunca vi ele implicar tanto com alguém assim. — gargalhada.

— Não fode não pessoal, é só para vocês saberem e ela que implica não eu.

Começamos a brincar pular um em cima do outro fizemos muita bagunça.

Algum tempo depois.

— Vamos apostar uma corrida?

— Bora.

Começamos a correr, eu sai em disparada na frente deles, virei aqui e ali, comecei a me sentir mal, muito mal, falta de ar, coloquei a mão nos joelhos e tentei respirar, não conseguia uma dor se apossou no meu peito ardia, doía era

como se chamasse me consumissem de dentro para fora, pensei que fosse desmaiar a voz de Carter me chamando me fez me despertar.

— John, cadê você?

— John, seu bicha, aparece.

— Estou aqui, galera. — disse quase sem ar.

— Seu veado fez a gente se perder. — deu um tapa na minha cabeça.

— Eu não fiz a gente se perder não.

— Tá tudo bem? — Carter me olhava assustado.

— Sim estou bem. — Brian como sempre alienado ao que acontece a sua volta ainda falava que eu tinha feito à gente se perder, e isso não era verdade, apenas não nos achávamos no mapa.

— Fez sim. — olhando pro céu. — Oh! pai o que mais falta acontecer? — Nisso um estrondo enorme e a chuva começa a cair.

— Você tinha que perguntar né. — cara de bravo.

Onde estávamos era terra então já viu o barro que foi feito certo, mas foi legal a gente caiu se sujou, andamos mais um pouco a chuva parou avistamos uma casinha

com uma chaminé saindo fumaça dela. A casa era uma graça, mas estranha no meio do mato mais parecia que a bruxa que queria comer João e Maria morava ali.

— Olha lá vamos pedir informação. — Disse com a coragem que me faltava. Eles me deram passagem, me deixando confortavelmente passar, mas eram um bando de bundões com medo de uma casinha velha, de certo morava uma velha mais velha que aquela casa, estufei o peito e convicto fui até lá

— Vai não quem sabe quem mora ali, uma casa no meio do mato estranho.

— É o lobo mal, Cuidado John soube que ele gosta de comer. — ele soltou uma gargalhada tão grande que eu tive que me virar e mostrar o dedo para eles.

— Vão se ferrar, vem anda.

Eles deram uma corridinha até chegar perto de mim andamos lado a lado até a casa, uma grande placa dizia “pensión de mamá” pensão da mamãe, bati na porta e esperamos alguém abrir.

— Aposto que vai ser uma velha que vai abrir a porta.

— Uma velha gagá.

— Fiquem quietos —grunhi.

— Velha gaga de peitos caídos — sorriu.

— Sem dentes.

A porta se abriu devagar com um rangido até parecia cena de filme de terror.

Um relâmpago brilhou no céu, começamos a gritar Brian e Carter pularam em cima de mim.

— senhor tenha piedade da nossa pobre alma. — essa foi à prece mais ordinária que Brian já tinha feito na vida. A Luz de dentro da casa foi se formando deixando a silhueta da pessoa bem visível, e ela não parecia uma velha gaga sem dentes e de peito caído, ela sorriu.

— Hola, ¿qué puedo ayudarle?

— Hola, é...

— Nossa, velho, como ela é bonita. — Brian já estava babando em cima da moça.

— Um avião.

— Ah! Brasileiros... —disse ela em português.

— Fala a nossa língua? —indaguei surpreso.

— Não, não sou uma bruxa má que fiz um feitiço. —olhamos bem para ela sem entender, ela sorriu e por fim disse. — Claro né... — Sentimos um alívio e um suspiro saiu de nossos lábios.

— Estamos perdidos será que poderia nos ajudar?

— Claro, entrem.

— Licença.

A casa era simples, mas bem arrumada e limpa, é o cheiro da comida estava maravilhoso. Era como voltar à infância a casa da minha mãe aos domingos tinha esse cheirinho, sorri maravilhado.

— Ah, desculpem, meu nome é Margarida Videl.

— Prazer, John, Carter e Brian.

— Prazer gatinha. — Carter pegou a mão dela e a beijou, revirei os olhos.

— Prazer, qual é a informação que vocês desejam?

Ela sorria, seu sorriso era lindo, Margarida era ruiva, seus cabelos batiam na cintura seus olhos eram cor de mel claro, sua boca vermelhinha parecia um morango, Margarida era de estatura mediana, não deveria ter mais que 1,70m, me encantei por ela, talvez fossem seus olhos eles eram tão bonitos. Me perdi no meus pensamentos sobre ela quando dei por mim ela me olhava fixamente esperando minha resposta.

— É... Nós perdemos acabamos de descer do navio e queríamos saber onde tem um hotel para gente tomar um banho e dormir.

— Viu ele admitiu a gente está perdido.

— Cala a boca Brian não estamos eu só não sei onde no mapa a gente está. —ergui o mesmo e balancei

— Serve uma pensão? —Ela disse prontamente rindo da gente, de certo de mim.

— Claro.

— Então bem-vindos à pensão da mamãe. — Ela nos deu passagem e a gente entrou, era tão aconchegante a sala tinha uma lareira acesa uma vizinha sentada perto da mesma cochilando, sorri não poderíamos estar no lugar melhor.

— Maravilha.

— Nossa que cheiro bom.

— Então meninos — Disse ela fechando a porta e nos mostrando uma porta.— Aquele e o quarto de vocês, aqui só tem um banheiro então, aproveitem que estamos a sós e podem demorar no banho.

— Obrigado. —sorri, porque eu não conseguia parar de sorrir para ela?

— De nada. —ela sorria de volta.

Abrimos a porta do quarto, havia três camas de solteiros uma janela o quarto era todo branco, deitei na cama e o cheiro de roupa limpa me inebriou. Cada um demorou uns 15 minutos no banho eu fui o primeiro assim que sai do banho desabei na cama dormindo um sono tão profundo que nem se a casa caísse na minha cabeça eu acordava. Acordei já estava escuro, sai do quarto.

— Margarida. —ela estava no sofá com uma senhora. — Cadê os meninos?

— Foram da uma volta.

— Faz tempo?

— Umas duas horas, está com fome? Vem comer!

— Não eu...

Ela pegou minha mão e saiu puxando, entramos na cozinha o cheiro estava ótimo me deu até água na boca, ela me serviu e alguns minutos depois tinha comido tudo e repetido.

— Nossa você cozinha muito bem.

— Obrigada, que bom que gostou.

— Quem é aquela senhora?

— Minha vó, ela está velha de mais quase surda e cega.

— Nossa sinto muito.

— É eu também amo muito ela.

— É seu avô?

— Faleceu a seis meses vovó ainda sente saudades dele.

— Quantos anos de casados?

— 60 anos

— Nossa quanto tempo, e para sentir saudades mesmo.

— Sim ela disse que foram os melhores 60 anos da vida dela

— Ela amava ele muito né?

— Sim. — Escutei a voz dos meninos, levantei e fui até a sala.
— Onde foram?
— Cara tem uma boate foda aqui vamos?
— Você nem tem noção ela e demais.
— Acho que eu sei qual vocês se referem, ela e boa mesmo.
— Eu só vou se a Margarida for.
— Não acho uma boa ideia, John.
— Ah! Qual é vamos divertir, um pouco, dançar, beber, — ergui meus olhos pidões para ela — Por favor?
— Está bom eu vou, vou me arrumar.

Ela foi pro quarto dela e a gente pro nosso, mas era claro que foi só fechar as portas que os caras começaram.

— Ela está afim de você.
— Está nada.
— Ah está sim.

30 minutos depois estávamos prontos e esperamos por ela, peguei meu celular sai na varanda sentei lá liguei ele, tinha inúmeras mensagens da mamãe pedindo para que eu voltasse, inúmeras chamadas perdidas, e mensagens de voz, bem, estava lotada, resolvi ligar para ela.

— Oi mãe. — Disse me sentando no degrau da escada passando a mão pelas têmporas e suspirando profundamente.

— Filho volta para casa você precisa se tratar...

— Mãe só liguei para te falar que eu tô bem, eu não posso voltar me entenda.

— Mas assim você vai... — pausa, choro.

— Morrer! Eu vou morrer de qualquer jeito, só que se eu morrer assim serei feliz, eu preciso libertar meu coração dessas grades entenda. — escutei um suspiro longo seguido de um soluço ela precisava entender que eu tinha que seguir com isso por mais loucura que fosse, por mais imbecil que essa decisão parecia, era o que eu precisava eu ansiava por ser feliz.

— Não adianta falar né?

— Não.

— Então filho promete que me da notícia e que se algo acontecer venha para casa?

— Sim mãe prometo.

— Eu te amo.

— Te amo também, tchau

Desliguei telefone e fiquei ali sentado pensando. Mas que merda, que bosta porque tinha que ser assim? Eu acho que era castigo de mais para uma pessoa só,

senti lágrimas brotarem em meus olhos, não hoje não, eu não ia chorar eu ia sair beber todas para esquecer essa merda toda. Escutei a porta bater os meninos junto com a Margarida saírem ela estava ainda mais estonteante

— Vamos.

— Nossa Margarida como está linda.

— Obrigada.

Ela estava com um vestido preto agarradinho e uma sandália preta de salto alto, cabelos soltos, com as pontas enroladas, ajudei ela descer os degraus da cabana, ela pegou o seu jipe e fomos até a boate, era perto não demorou muito para gente estar no meio da pista dançando e bebendo todas.

— Ao John.

— Ao John. — Todos gritaram ao mesmo tempo.

— Que eu morra logo.

— Uhu. — Mais uma vez a multidão gritava.

— Um brinde a mim, a solteirona, que dê certo vou morrer sozinha, virando uma velha gaga de peitos caídos. Um brinde a cada “Filha da puta” que existe nessa vida.

— Viva. — A cada brinde a cada copo levantando todos gritavam pelo visto não era somente eu que estava com problemas e de saco cheio da vida.

— Um brinde a bebida, eu amo ela. — Disse Carter virando um copo enorme de cerveja, todos riram.

Margarida colocou um copinho entre os seios e me fez pegar ele, peguei e bebi ela fez de novo e eu peguei novamente. Fui para o meio da pista dancei até não aguentar mais bebi muita tequila fiquei completamente, bêbado, olhei para Margarida ela dançava sensualmente, em cima do balcão, lembrei do que os meninos falaram e fui até lá, fiz ela descer a puxei para mim e a beijei. Nossas línguas travavam uma batalha feroz talvez por estarmos bêbados ou talvez pelo fogo que sentíamos, nunca vou saber qual era o motivo daquele beijo, um beijo doido e completamente sensual. Suas mãos ousadas passavam por todo meu corpo me fazendo arder em desejo, seu cheiro era bom, seu gosto melhor ainda.

E assim foi a nossa noite...

Acordei em uma moita no dia seguinte, Carter caído no meio da rua, Brian em uma árvore, não pera aí como ele foi parar ali? Melhor eu nem saber, a noite tinha sido muito doida, acho que seria a mais louca que eu já havia passado na minha vida, é bem eu estava bem destruído, senti meu estômago revirar é o gosto de amargo na minha boca algo ou alguém se mexia ao meu lado.

— Que não seja uma cobra, que não seja uma cobra.

— Aí que foi John? Tá falando em cobra porquê?

— É você?

- Não, é sua vô, claro que sou eu, quem mais seria?
- Ufa, menos mal, a gente... É, você sabe.
- Parece que sim, estamos nus...



**“A gente corre o risco de chorar,
quando se deixa cativar.
O Pequeno Príncipe”**

— Caramba não é possível.

Peguei minhas roupas comecei a me vestir, sai de trás da moita, um pouco afoito, caramba ela veio atrás de mim se vestindo também, fiquei meio sem graça, meio não era a palavra exata, eu estava muito sem graça, arrependido a certo ponto, sim, talvez, não sei...

Eu não lembrava de quase nada da noite anterior, mas peguei na mão dela mesmo assim, ela olhou para nossas mãos e sorriu. Pela primeira vez na minha vida eu fiquei constrangido depois de dormir com uma mulher, da para acreditar nisso? Nem mesmo na minha primeira vez eu fiquei assim, me sentia como no colegial outra vez embora elas tivessem outro foco me senti com 14 anos. O caminho até a pensão foi longo ficamos em silêncio andando de mãos dadas meu coração batia rápido, assim que chegamos à pensão ela foi direto pro banheiro e eu por quarto, senti um enorme alívio de estar ali deitado sem ela por perto. Comecei a então reparar quando pensava nela meu estômago doía, meu coração acelerava eu suava, adormeci nesse estado —confusão total, o que estava acontecendo comigo? — Uma hora depois ela bate na porta.

— Posso entrar?

— Claro que sim. —Disse acordando e me sentando na cama.

Ela entrou, olhou o quarto mordeu os lábios passou a mão esquerda no braço e depois no cabelo, se sentou na cama que tinha na minha frente, me olhou no fundo dos olhos achei ela com o semblante triste, achei seus olhos tristes, achei a voz dela embargada, e eu sabia que vinha algo dessa emoção toda.

— John é... Eu...

— Você o que? —eu a interrompi, idiota controle—se, lembrete de me socar mais tarde.

— Sabe o que aconteceu ontem foi porque estava bêbada, não vai mais se repetir.

— Ah! Sim claro. — Dei de ombros ela se levantou e saiu, pera aí, não, não estava tudo bem, eu me senti usado, me senti completamente fora de mim, eu me decepcionei, e isso doía, achei que ela sentaria ali e se declararia

para mim, me levantei fui atrás dela a olhei no fundo dos olhos coloquei a mão na cintura e disse duro, amargo, disse grosseiro.

— Por que não? —Ela sorriu um sorriso doce e encantador.

— Por que o que?

— Por que não pode ter nada entre a gente? Por que, você tem outro?
—Ela deu de ombros e apenas disse.

— Porque não quero me apegar. — E oi sou um ser humano com sentimentos sabia?

— Então dormiu comigo é vai fingir que não foi nada? Isso é o certo a fazer Margarida?

— Sim é. —Ela disse batendo a colher em uma tigela onde ela fazia um bolo de laranja

— Me diga que não quer, me diga que não quer mais ficar assim perto, me beijar? —Segurei ela pela cintura e apertava seu corpo junto ao meu.

— Me solta, John. —sua voz era dura e fria

— É se eu não quiser? — Chegando perto dos seus lábios

— Eu... eu...

— Você quer não é? —Eu rosava meu nariz no dela nossa respiração junta e ofegante, minhas mãos atrevida passando pelo seu corpo, ela segurando com a mão direita a tigela de bolo e a outra a borda da mesa, dava para ver o quão abalada ela ficava comigo assim perto dela.

— Me solte, agora.

— Não. — Cheguei mais perto dela.

— John eu estou pedindo, por favor, não faça isso não me obrigue a... Ela fechou os olhos e sussurrou. — A tomar medidas drásticas.

— Iria fazer o que moça, me colocar para fora de casa. —sorri meus lábios passavam pelo seu pescoço minhas mãos seguravam seu rosto e então... Ela numa jogada rápida derruba toda a massa de bolo na minha cabeça, a soltei de imediato e me afastei, ela me olhava e sorria, seu sorriso passou a ser uma gargalhada estrondosa.

— Por que fez isso?

— Eu te avisei desculpe! Queria que me solta—se mas você não fazia o que pedia.

— Me diz Margarida eu sou apenas uma transa para você?

— Por que quer saber?

— Por que eu preciso, para não me senti usado. —Cruzei os braços sobre o peito ela riu, não sei se era da minha cara ou da massa se espalhando ainda mais pelo meu corpo e piso.

— Usado? Só você para me fazer rir.

— Hein, assim me magoa. — abaixei o olhar me sentia ridículo, peguei o pano de prato de seu ombro e comecei a me limpar. Ela puxou a cadeira e se sentou, fiz a mesma coisa ficando de frente para ela, enquanto ela pensava, eu me limpava, mas seus gestos não passavam despercebidos por mim, ela torcia os dedos, e eu estava ficando impaciente com a demora.

— Há dois anos atrás apareceu um cara aqui na pensão, me apaixonei por ele perdidamente ele ficou um mês na hora dele ir embora ele me chamou para ir junto.

— Bom isso ele não te largou.

— Bom?! Bom nada eu tive que deixa-lo me diga quem cuidaria da vovó? Do vovô que estava doente? Eles pararam a vida deles quando eu nasci e minha mãe morreu, seria justo deixa-los quando mais precisava de mim? Não John não seria justo, então eu fiquei e ele foi, e meu coração foi partido em um milhão de pedaços.

— Sinto muito.

— É por isso que não posso me apegar, não quero sofrer de novo. Você não vai parar sua vida para ficar aqui comigo.

Um silêncio incomodo se instalou na cozinha nem eu nem ela falava, em uma coisa ela estava certa não daria para ficar ali com ela, não que eu não a quisesse mas eu tinha uma missão a cumprir é o meu destino não estava ligado ao dela Brian e Carter acabavam de chegar falando alto, alto até de mais, chegaram a cozinha sem se importar com a situação sentaram e começaram a falar e falar. Falar não a gritar.

— Seu bicha o que me deu ontem?

— O que você me deu seu boiola? Aliás o que e isso na sua cabeça?

— Acho que é bolo Carter. —ele disse passando o dedo no meu ombro e lambendo, dava para ser menos nojento, claro que não era o Brian sendo ele.

— Hey! Não gritem beberam porque quiseram então sosseguem. — disse num tom baixo porém firme. — Sim e bolo, bati a cabeça na mesa e a tigela virou em cima de mim.

Eles deram de ombros e continuaram a conversar, me levantei fui pro banheiro precisava me limpar, sei que minha conversa com margarida por hora estava interrompida, ou seria melhor dar por encerrado. Não me demorei muito no banho precisava apenas tirar aquela meleca toda de cima de mim, quando voltei para cozinha margarida estava terminando de pôr o bolo na assadeira olhou bem para mim esperava que não passasse na cabeça dela de derramar ele em cima de mim novamente, percebendo nossos olhares Carter se levanta.

— Vou tomar banho.

— Eu também.

— Depois eu que sou bicha, os dois tomando banho juntos. — dei uma piscada e peguei uma maçã da fruteira e a mordi. Eles mostraram o dedo e saíram discutindo quem iria tomar banho primeiro, ficamos lá na cozinha um olhando para o outro sem nada para falar, até que ela saiu do transe pegou a forma de bolo e levou ao forno.

Cada dia que passava eu sentia a vida mais difícil, sentia o peso de estar morrendo nas costas, olhei para cima, será que a morte sentou em meus ombros?

Com uma sobrancelha erguida tentei espanta—lá, mas pelo visto ela ali iria ficar é não sairia, bufei, com esse pensamento angustiante passei a mão nos ombros só para ter certeza que não tinha ninguém ali.

— Vou deitar estou com sono. —disse ríspidamente

— Tudo bem. —Ela retrucou pegando o pano de prato limpando a mão e em seguida o esticando no ombro

— Até mais.

— Até.

— É tô indo.

— Tudo bem

Esperava que ela corresse e me abraçasse e me beija-se e pedisse para eu ficar, porque me amava, idiota eu, tirei o chinelo do pé, deitei na cama, meus olhos se encheram de lágrimas virei pro lado e dormir o resto do dia.

— Acorda seu viado.

— Temos uma boa notícia. —Pulando em cima de mim.

— Que inferno, eu nem posso dormir mais em paz? Vão embora.

— Para com isso, lembra da lista John?

— Claro que sim por quê?

— Toma número 5. — Ele pulava feito um doido e dava uns soquinhos no ar em, seguida sorria como se tivesse acabado de nocautear Mike Tyson

— Haha querem fazer isso mesmo?

— Claro.

— Então vamos lá.

De repente a vontade veio com força é o ânimo surgiu, e mais do que nunca queria sair dali. Saímos do quarto Margarida estava arrumando a sala, parecia triste, olhos inchados, e um tom arroxado em volta deles.

— Aonde vão? —ela perguntou sem muito entusiasmo.

— Pular de paraquedas quer vim? — Carter seu bocudo, olhei para ele é o fuzilei com o olhar.

— Essas horas eles não estão lá para vocês pularem tem que ir bem

cedo antes do nascer do sol.

— Como sabe? — Perguntei surpreso, achei que ela só vivia por aqui trancada.

— Fiz parte da equipe deles por algum tempo e eles são os únicos aqui que fazem isso, então tô por dentro.

— Ah sim. — Meu queixo caiu ao saber disso, nunca imaginaria que ela fosse fã de esportes radicais chutei o chão para evitar olhar ela.

Ficamos por ali já estava escurecendo e não estava afim de sair, o jantar ficou pronto, sentamos na mesa jantamos, e pela primeira vez nessa viagem não precisei mandar nenhum dos dois bocós calarem a boca, eles estavam quietos, pensativos, assim como eu e margarida.

— Amanhã a gente vai sair bem cedo as 5:00 hrs para dar tempo de pular sugiro que descanse bem.

— Nossa para que esse horário? — Perguntou Brian.

— Confia em mim.

— Senhora sim senhora — batendo continência, ela sorriu

— Eu acho muito cedo, mas tudo bem. — Disse querendo provocar — Então vou te ajudar na louça e vou para cama.

— Não precisa, vai descansar.

— Certeza?

— Sim.

Me levantei e sai, droga nem eu deixar ajudar ela, ela deixava, fui até a varanda deitei na rede e olhei para o céu, um céu muito estrelado lindo a lua grande brilhante, pensei em como estaria daqui uns dias, se eu precisasse voltar para casa às pressas, se não desse para completar a lista, me senti triste e sem esperança assim adormeci ali na varanda olhando as estrelas. Acordei com um cobertor em cima de mim e um cheiro maravilhoso de café, entrei na casa olhei no relógio grande na parede marcava 4:30.

— Nossa que cedo. — disse entrando na cozinha. — Bom dia?

— Já está de pé?

— Sim acordei com esse cheirinho bom de café. —ela colocou um pouco na xícara e me serviu.

— Pronto para essa aventura? —sorriso.

— De mais.

— Chama os meninos vem comer e vamos para lá.

Fui até o quarto, olhei para eles na cama, então, decidi aprontar. Voltei na cozinha e peguei dois copos de água gelada, bem gelada, entrei de fininho, cheguei entre as camas e joguei a água, neles, eles deram um pulo tão grande e começaram a gritar. Eu ria tanto que cheguei até chorar, me sentei na cama

segurando a barriga.

— Precisava ver a cara de vocês.

— Caralho, precisava disso não.

— Eu te pego, seu baitola filho da mãe.

— Vamos, Margarida mandou chamar vocês, tomar café e ir saltar.

Eles ficaram reclamando e eu sai com o ar vitorioso, estava com fome, queria comer algo para a gente poder sair, meia hora depois estávamos prontos e saindo para uma aventura, fui zoad o caminho todo, mas tudo bem, chegamos lá e a vista era incrível.

— Oi pessoal, oi Edu. —Margarida disse o nome dele quase num sussurro.

— Margarida o que veio fazer aqui, lembrou da gente foi? —abraço apertado, confesso fiquei com ciúmes, muito ciúmes.

— Vim trazer três amigos para pular, tem como?

— Claro que sim, seus amigos são meus também.

Ele começou a explicar como que a gente ia fazer, colocou todos os equipamentos na gente subimos no avião. Confesso fiquei com frio na barriga e com medo e se o paraquedas não abrisse? É se eu me espatifar no chão, milhares de pedacinhos de John espalhados por aí.

— John, vou saltar com você. — Margarida disse mexendo na minha roupa. — Está preparado?

— Sim.

— Vou me prender a você, é a gente pula.

— Ok.

— Preparado? —Assenti com a cabeça. —3, 2, 1... — Pulamos

— Uhuuuuu...

Sentir o vento no meu rosto a sensação da queda era muito legal, vi minha vida passar diante dos meus olhos todos os momentos bons e ruins, senti uma puxada ela acionou paraquedas subimos a vista era realmente muito linda agora eu tinha entendido o que ela queria me mostrar por isso tão cedo assim, o nascer do sol ali de cima era completamente maravilhoso, pairamos sobre árvores, rios, cachoeiras e me senti péssimo quando chegávamos perto do solo, ali em cima era como se eu pudesse esticar a mão e alcançar a liberdade, mas como momentos extraordinários duram pouco chegamos ao solo, caímos é o paraquedas enrolou na gente nós ríamos, tentei achar ela no meio dele até que eu a vi, sorrindo com os cabelos soltos, preendi uma mecha do seu cabelo atrás da sua orelha e sorri, ela me olhava fixamente, corou quando passei a mão em seu rosto é a beijei, para minha surpresa ela correspondeu.

— Ah John! —ela me olhava. —Vem eu te ajudo a levantar ela disse

se levantando e esticando a mão — Gostou?

— Nossa é como adorei, perfeito quero ir de novo. - Carter e Brian vinham correndo até onde nós estávamos, sorrindo e ofegantes.

— Cara foi de mais

— Muito louco.

— É aí? —Disse Eduardo o amigo nada agradável da Margarida.

— Muito bom. — Disse finalmente. — Quanto é?

— Amigos da Margarida meus amigos e nada não cara, volte sempre.

Levantei uma sobrancelha, já falei para vocês que eu não gostava desse cara? Ali antes de partir vi Margarida toda melosa com ele corando de ora em ora e passando a mão no cabelo para na tentativa falida de esconder o nervosismo. Voltamos para casa da Margarida a ajudamos a preparar o almoço, comemos bem dormimos até o final da tarde...

— Precisamos ir. —anunciou Carter, ainda deitado olhando o teto branco

Não disse nada, eu sabia que precisamos ir tínhamos uma viagem pela frente, embora eu quisesse ficar ali naquele pedacinho de terra abençoado por Deus onde eu me sentia tão calmo eu não podia, sabia que precisava partir, com pesar me levantei e comecei arrumar a minha mala os meninos fizeram o mesmo quando sai do quarto Margarida estava sentada no sofá ao lado de sua Avó, ela se levantou e veio até a gente, andou calma porém seus olhos se encheram de lágrimas, e seu olhar passou a ser triste.

— Está na hora de ir.

— Já?

— Sim já.

Ela ficou ainda mais triste, deu para perceber qualquer um percebia a abraçei forte não queria solta—lá queria poder levar ela comigo, mas ela não iria um aperto, uma dor no coração foi tomando conta de mim me afastei dela e enxuguei suas lágrimas. Pessoas como Margarida conquistam sua alma, seu coração, e seus pensamentos, não por ela ser aquele espetáculo de mulher, mas por ser doce, gentil e meiga.

— Tem certeza que não quer vim com a gente?

— Sim não posso nem quero meu lugar e aqui. —Ela sorriu embora fosse um sorriso de tristeza, mas o pior disso tudo é que eu compreendia ela, o pior que ela me compreendia, eu também não abandonaria minha família nessa situação, e ela também no meu lugar seguiria a viagem meus olhos marejaram e somente disse:

— Prazer em te conhecer. —Ela me olhou com aqueles olhos doces

— O prazer foi todo meu John Mayer. —beijo na bochecha.

Assim parti deixando ela para trás fui embora não olhei para trás eu não conseguia finalmente depois de um longo tempo me manifestei

— Gostei daqui. —Disse sem ânimo.

— Eu também. —Comentou Carter.

— Sentirei falta. —Disse Brian.



**“Viver é a coisa mais rara do mundo,
a maioria das pessoas apenas existe.
Oscar Wilde”**

“Caminhos, pronto para recomeçar” Esse era o trecho da música que Carter cantarolava, que saco! — Chutei o chão frustrado, enquanto enfiava as mãos nos bolsos e olhava para o chão, cabisbaixo comecei a pensar, será que eu teria uma chance para recomeçar? Alguns segundos se passaram quando me dei conta que essa era a chance que eu tanto queria, essa era a minha chance de recomeçar.

Ok! Eu sei que não era como eu queria, eu sei que o que eu queria era outra coisa, mas essa foi a minha oportunidade de fazer diferente, foi a chance dada a mim de me libertar, sorri e balancei a cabeça, e essa chance, eu não iria perder por nada nessa vida. Levantei a cabeça e olhei ao redor se tinha uma coisa que eu detestava era estar perdido, joguei as mãos para o céu e perguntei silenciosamente, — Por que comigo senhor? Quanto mais a gente andava mais eu achava que estávamos num labirinto, deveríamos ter pedido ajuda para Margarida para sair dali, praguejei. *“Tudo isso vai passar (tudo isso vai passar)”*

— Cara a gente está perdido. — Disse Carter desanimado sentando em uma pedra.

— Não fala merda não estamos nada. — Tentei parecer convincente, mas na realidade, a gente estava perdido mesmo.

— Já passamos três vezes por aqui. — Brian disse se apoiando numa árvore.

— Desde quando você presta atenção em alguma coisa, Brian?

— Cara, a gente está mega perdido.

— Escutem...— aguicei meu ouvido. — É música?

— Que bom, tem alguém por aqui.

— Viu só.

— O que?

— A gente não passou por aqui várias vezes? Se assim fosse já tínhamos ouvido a música.

— Afff! John, se fode, mano.

Carter pulou da pedra e foi na frente, andamos mais um pouco “*Espero que hoje seja melhor do que ontem*” e de repente não só nos deparamos com um acampamento, demos de cara com um acampamento circense, era até que legal ver as pessoas fazendo malabares, as pessoas se contorcendo, e cada vez que a gente entrava mais no circo mais animado ficava, passamos perto da jaula dos leões um dele rugiu e levantou as patas, o animal era incrível, até que...

— Olá.

— Santa mãe de Deus, o que são vocês? — Me escondi atrás dos meninos.

— O que foi, tem medo?

— Não imagina ele ama palhaços ainda mais com essa cara. — Carter disse rindo de mim.

Bem aquilo não eram simples palhaços, eram os palhaços mais feios que eu já tinha visto na minha vida, será que eles não assustavam as pessoas que vinham até o circo ver seu espetáculo? Bem a não ser que aquele fosse um espetáculo dos horrores porque convenhamos.

— Me desculpem meu nome é Gregório, esses são meus seguranças sou dono do circo Spartacus. Ele tirou a cartola preta grande com uma fita vermelha amarrada nela, ele fez uma referência e ao fundo víamos o circo todo, Gregório era um palhaço, literalmente, mas era um palhaço diferente, aliás, o circo todo era diferente era um circo mais inspirado em terror eu nunca fui fã de palhaços e quando vi aqueles quase tive um ataque cardíaco.

Gregório tinha o rosto pálido cabelo branco comprido um sorriso macabro desenhado no rosto, dentes amarelos e os olhos eram apenas duas bolas tão azuis que pareciam brancas, já seus capangas tinham dentaduras grandes e estranhas na boca um deles tinham dentes pontudos e em volta da sua boca uma gosma vermelha escorria, bem esperava eu que aquilo não fosse sangue de verdade, eles eram carecas, mas, ao lado da cabeça o cabelo branco reinava cheio, volumoso e ensebados olhos vazios inexpressíveis assim como os de Gregório, só que ao invés de ser azul eram negros como a noite.

Ok, confesso, culpado — agora vamos embora? — Eu Não estava com medo eu estava apavorado, eu já detestava palhaços e ver esses aqui não estava me ajudando em nada no medo irracional que eu sentia.

— O que querem aqui? — Gregório disse se sentando num banquinho e cruzando as pernas e colocando as mãos em cima do joelho.

— Estamos perdidos é... — Fui interrompido pelo Carter.

— Queríamos um lugar para passar a noite.

— Claro se a gente for bem-vindo, garanto que somos gente do bem e não vamos mexer com ninguém por aqui.

Ele ergueu uma sobrancelha cruzou os braços e uma mão massageava o queixo como se pensasse no que deveria fazer.

— É querem ficar aqui?

— Sim, mas deixa para lá, vamos embora galera. — Disse abrindo um sorriso e dando meia volta, colocando as mãos no bolso e assoviando

— Para de ser medroso, John, — Carter me puxou pela camisa e me fez ficar.

— Sim queremos, podemos?

— Hum, vão trazer problemas?

— Não senhor, como disse somos do bem, só um lugar para passar a noite e amanhã se o quiser iremos embora.

— Se for assim sejam bem-vindos.

— Acho melhor a gente não ficar. — disse baixinho só para eles escutarem.

— Para de ser um medroso. — Carter falava entre os dentes enquanto sorria para Gregório

— Algum problema?

— É... Não, não senhor.

— Me sigam...

Eu não queria seguir ele eu queria era ir embora, preferia passar a noite ao relento que ficar ali com aqueles palhaços, mas aquele medo irracional tinha que ser deixado de lado.

— Aqui no circo somos todos uma família um protege o outro.

— Hum isso é bom. — Paramos na frente de um trailer, ele parou olhou para gente e colocou as mãos atrás das costas e começou a andar de um lado para o outro.

— Esse e o meu trailer se precisarem de algo é só me chamar. Durmam por aí só não quero vocês dentro das barracas das meninas se não.

Ele fez um gesto com a mão no pescoço, engoli a seco. Abriu a porta com um sorriso assassino no rosto e entrou junto com seus dois “seguranças”, me senti aliviado com isso, consegui relaxar meus músculos e encostar no trailer antes de cair em sã consciência.

— Vamos embora, agora. — dei meia volta e alguém me puxou pela camisa.

— Para de ser medroso, John. — Carter me balançava pelos ombros.

— Olha esse lugar além de lindo tem as pessoas que são interessantes.

— Você quer dizer as mulheres são interessantes, não é mesmo, Brian? — sorriu.

— Sim claro, mas olhem para isso.

Comecei a reparar, tinha gente fazendo malabares, dançando, cantando, até que era legal.

— Tudo bem, mas se eu morrer a culpa é de vocês. —disse levantando as mãos, eram dois contra um, perdi o jeito era ficar.

Eles caíram na gargalhada e começamos a andar pelo acampamento, acho que daria para aturar uma noite por aqui dormir sobre as estrelas, sentir aquele ar puro encher meus pulmões, sentei em uma grande pedra e fiquei vendo os artistas ainda fantasiados andando para lá e para cá.

— Olá. — senti um frio na espinha, era Gregório.

— O... Oi...

— Venham comigo desocupe um trailer para vocês.

— Não precisava isso.

— Sim precisa, não quero vocês zanzando por aí no meio das meninas vamos, lá tem banheiro vocês podem tomar um banho, e só não demorem.

Ele nos levou até o trailer ficamos lá, cada um tomou seu banho rápido e saíram fiquei por último, o que eu queria um banho bem quente queria que ele me lavasse até a alma, eu estava chateado, triste e com muitas dores de cabeça, mas não queria reclamar queria ficar tranquilo, calmo quieto, e não queria também preocupar Carter e Brian, tirei a roupa e entrei no chuveiro a água caía com força, pensei na minha vida, tudo que eu tinha vivido passou diante dos meus olhos de novo...

Comecei a ficar tonto, e tonto, peguei a toalha enrolei na cintura e sai batendo na parede não aguentei chegar na cama desmaiei.



Eu até que concordo com John esses palhaços eram estranhos de mais, eram feios, é me assustavam, é olha que eu não tenho medo de quase nada, depois de tomar uma ducha bem rápida eu e Brian saímos queríamos ver se no circo tinha gatinhas. Não demorou muito para que Brian sumisse é quando eu visse ele, eu ia dar uns belos socos naquele infeliz pedi para ele não me deixar sozinho, deve estar com algum rabo de saia por ai é isso era um saco, sentei em uma pedra que

tinha nos fundos do acampamento, estava de frente para um lago aqui era uma área com bastante pedras, a floresta em volta dava um ar sombrio e fazia nossas próprias sombras nos assustarem, nem queria ver isso aqui a noite, passei a mão pelo braço pois ele se arrepiava com meus pensamentos. Fiquei ali pensando com meus botões no John, em como iria ser daqui para frente, em como Brian se comportaria com sua morte, e em como eu lidaria com ela, suspirei a vida tem o jeito dela de nos mostrar que quem mandava era ela e não a gente, passei os braços pelas pernas e apoiei a minha cabeça nos joelhos, fechei os olhos e suspirei fundo, não queria chorar foi quando escutei uma bela voz e um dedilhar no violão.

Se não faz sentido, discorde comigo

Não é nada demais, são águas passadas

Escolha uma estrada

E não olhe, não olhe para trás

— Nossa que voz linda. — Pensei comigo mesmo. —oi tem alguém aí. — disse em voz alta.

Como não obtive respostas me levantei e passei por entre os arbustos, me deparei com uma garota de olhos curiosos e sorriso fácil, ela estava do outro lado de uma ponte de pedra sentada, com as pernas cruzadas, se levantou ao me ver.

— Sim, tem sim eu. — sorriso. — Olá quem é você? — Ela se aproximava devagar.

— Eu sou o Carter é você quem é?

— Prazer eu sou a Cristina, o que faz aqui? Meu pai já te viu? Se ele te pega bisbilhotando ele...

— Calma moça bonita! Seu pai e um daqueles palhaços assustadores?

— Já vi que o conheceu, meu pai é o Gregório.

— Sim o conheci, ele me deixou ficar aqui com mais dois amigos, estávamos perdidos.

— Ah! Sim que bom, papai sendo sempre gentil, com estranhos. — Só que eu senti que ela estava sendo sarcástica?

— Amanhã iremos embora.

— Hum... Já viu o circo todo?

— Não só algumas coisas.

— Então vem que eu vou te mostrar.

Ela Pegou na minha mão e saiu me arrastando, me mostrou lugares lindos, cachoeiras, rios e um grande lago aonde repousava um cisne branco e me mostrou também cada artista circense o que mais me impressionou, foi o cara que engolia fogo, é a mulher barbada, não é que a barba era de verdade mesmo?

— Nossa esse lugar é maravilhoso. — Disse sentando em um banco perto da churrasqueira.

— Sim é lindo, muito lindo. — ela disse me encarando e logo em seguida corou. — Quer dizer o lugar, viver assim nessa liberdade é incrível.

— Hum... — o que foi aquilo? — Deve ser mesmo.

Ficamos ali sentados conversando, por algum tempo até alguém nos trazer um prato com carne e dois copos enormes de cerveja, eu nem vi as horas passarem parecia que estava ali fazia apenas alguns minutos quando...

— Carter você está aí, até que fim te achei. — disse colocando a mão no joelho para recuperar o fôlego. — Você viu o John, não acho ele em canto nenhum. — ele olhou bem para a Cristina. — Oi gata tudo bem?

— Sim tudo. — sorriu.

— Eu não vi ele não.

— Será que ele está no trailer ainda?

— Seu asno porque não foi lá primeiro?

— Não sei vamos ver.

Me levantei e fomos até o trailer, meu coração palpitava, e o sangue corria quase que gelado em minhas veias, chegando lá o trailer estava trancado por dentro, demos uma olhada chamamos o John, batemos na lataria do trailer e nada dele responder, Cristina deu a volta no trailer é um pedaço minúsculo da cortina estava aberta.

— Pessoal é melhor irem chamar meu pai rápido.

— Por quê?

Falei com a voz embargada e o coração aos pulos pisei num pequeno degrau que tinha ali, ao olhar pela janela vi John desmaiado caído no chão, eu e Brian entramos em desespero, começamos a tentar a arrombar a porta mas nenhum conseguia.

— É agora a gente tem que ajudar ele, ele não pode...

— E vou chamar meu pai.

— Rápido, por favor!

Tentamos entrar, mas era inútil, aquela porta parecia estar chumbada alguns minutos depois, tempo que me pareceu uma eternidade, o Sr. Gregório e seus capangas chegaram, nos pediu licença e com uma habilidade incrível arrombam a porta é entramos. Corremos até John, nós os chamamos, sacudíamos e nada dele acordar, nada do meu amigo reagir.

— Coloquem-no na cama e saiam.

— Mas...

— Eu disse, coloquem-no na cama e saiam. — Ele disse sem levantar a voz, sem ameaçar, mas seu tom era de que se não saíssemos algo muito grave

aconteceria Cristina colocou a mão em meu braço.

— Papai e medico, faça o que ele pede, vem comigo ficaremos por perto.

Não tivemos outro jeito fizemos o que ele pediu e saímos, levei às mãos a cabeça e olhei para o céu, numa prece silenciosa pedi a Deus que ele não tivesse morrido.

— Calma, vai ficar tudo bem. — ela disse me abraçando.

— Tomara.



Eu só deixei eles ficarem porque fui com a cara deles, é achei o medo do John de palhaços hilário, mas claro que eu iria ficar de olho neles para que eles andassem na linha, não iria deixar nenhum mexer com as mulheres, embora algo me disse que eles não fariam esse tipo, quando Cristina veio me chamar porque um deles estava caído dentro do trailer pensei ou ele tinha algo muito grave, ou tinha caído de babado já, porque meu povo adorava uma bebida, mas quando cheguei lá e vi ele reconheci os sintomas, abaixei a cabeça e deixei um longo suspiro sair dos meus lábios, pedi para os amigos dele por ele na cama é que se retirassem. Sozinho no trailer com ele deixei apenas uma mocinha para me ajudar, medi a pressão dele estava um pouco alta, seus batimentos estavam acelerados, dei uma injeção nele e esperei alguns minutos para ser mais exato 23 minutos. Ele começou a abrir os olhos devagar.

— Olá.

— Oi, o que aconteceu?

— Você desmaiou como se sente?

— Confuso.

— Normal, o que você tem John?

— Eu não tenho nada eu...

— Eu sei o que você tem, reconheço os sintomas, pressão alta, batimentos fora do ritmo desmaios, quanto tempo está doente?

— É eu... — Ele mordida os lábios.

— Você?

— Alguns dias apenas quase um mês, tenho um tumor no cérebro,

não da para operar meu médico queria que eu ficasse preso em uma clinica para tratamento, mas ele não iria resolver nada, eu vou morrer do mesmo jeito.

— Mas você deveria estar se tratando.

— Pra que para morrer?

— Mas John você precisa de tratamento, seu tumor está crescendo.

— É como sabe?

— Porque sou médico, é já passei por isso.

— Como assim?

— Com a minha esposa a mãe da Cristina.

— Sinto muito.

— Eu também sinto. Sinto falta dela até hoje. —Minha voz falhava e as lágrimas vinhas os olhos, sempre eu que lembrava dela. — Quando ela descobriu a gravidez ficamos tão felizes passamos três meses em total felicidade, mas ela passou mal, tinha fortes dores de cabeça então eu como médico estranhando aquilo a levei a um especialista é veio à confirmação um único tumor do tamanho de uma laranja é crescia cada vez mais, aquilo foi um balde de água fria em mim, como eu sofri com essa notícia, minha amada esposa Miranda também, ela fez o tratamento certinho tinha várias crises, mas nunca desistiu, por causa da Cristina, quando Cristina nasceu uma semana depois Miranda morreu, sofri tanto, mas tanto, é ainda soffro, e como se tivessem arrancado meu coração do peito.

— Sinto muitíssimo. — Lágrimas vieram aos meus olhos

— Mas não e por isso que você deve desistir.

— Mas eu não quero desistir, eu só quero viver livre, passei minha vida toda dentro de uma caixa invisível, agora eu só quero ser livre fazer o que tiver vontade. Não quero meu coração preso dentro dessa jaula, não quero me arrepender do que eu não fiz.

— É isso que você quer?

— Sim com toda as minhas forças.

— Então tudo bem, vamos dar uma festa amanhã vai ter dança, música muita bebida e comida, descanse bem para poder participar.

— Mas a gente ia embora amanhã de manhã

— Fique e aproveite, assim você se recupera melhor.

— Obrigado.

— Pelo o que?

— Por me entender.



Fazia tempo que eu me sentia mal, tinha tonturas, dores de cabeça, mas hoje, hoje foi diferente dor foi tanta, tanta que eu desmaiei, quando Gregório saiu pediu um tempo para me recuperar então fiquei ali deitado pensando, pensando na vida...

— Podemos entrar? — Carter enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Claro.

— O que houve?

— Me senti mal e apaguei, mas já to ótimo, fiquei sabendo que vai ter uma festa amanhã e to doido para participar. Gregório disse...

— Para com isso.

— O que?

— Fingir que está tudo bem não está.

— Não precisa ter medo pessoal.

— Não precisa, você e inacreditável mesmo. — Carter estava furioso, socou a parede e falou meia dúzia de palavrões bem cabeludos.

— Calma eu...

— Não me peça para ter calma você quase morre.

— Mas eu vou morrer vocês sabem, tem que estar preparados.

— Para com isso, chega. — ele socou a parede novamente, é saiu batendo a porta.

— Carter tem razão, acho melhor você se cuidar mais. — Brian se sentou ao meu lado. — acho melhor voltar para casa.

— Não.

— Não e fácil para a gente.

— E nem para mim, já parou para se perguntar como me sinto? — ele abaixou a cabeça e negou. — Está vendo é por isso quero fazer todas nossas loucuras eu quero realmente viver, Brian eu... Eu quero viver mais que tudo, mas eu sei que não vou então quero poder fazer tudo que tenho vontade e voltar para casa não está nos meus planos, não por enquanto.

— Tudo bem você sabe o que faz.

Fiquei a noite toda deitado pensando na vida ouvia alguém falar lá fora, mas

deveria ser os vigias acabei adormecendo e acordando apenas no dia seguinte mais de meio dia, levantei tomei um banho escovei os dentes e olhei para o espelho.

— É cara melhor tomar mais cuidado.

Passei a mão pelo rosto suspirei, sai do trailer fingindo que estava tudo bem, o acampamento estava tudo enfeitado é uma enorme fogueira montada bem no meio do acampamento.

— Isso coloca ai perfeito. — Brian falava com um cara em cima de uma escada.

— Oi.

— Ah! E você, o que quer?

— Nada não, desculpe atrapalhar.

— Para com isso vai, me dá um abraço aqui to com você pro que der e vier.

— Desculpe. — abraço.

— Esquece.

— Cadê o Carter?

— Está por ai com a Cristina filha do dono do circo.

— Ah sim.

— Ajuda aqui a gente.

— Tudo bem ajudado.

Ficamos ali amarrando as bandeirinhas e fazendo a decoração, quando terminamos já era tarde entramos no trailer e tomamos banhos e saímos, vi Carter com uma moça bem bonita ele passou por mim e não disse nada fiquei com cara de tacho porque eu disse oi, mas ele não. Eu fiquei muito bravo e fui até o trailer.

— A gente precisa conversar.

— Não tenho para dizer.

— Mas eu tenho.

— Não quero escutar. — ele disse entrando no banheiro e ligando o chuveiro

— Você sabe que você e o Brian são meus melhores amigos, e eu amo vocês, não sabe?— Não sabia se ele estava escutando, mas, mesmo assim, continuei — Mas eu preciso fazer essa viagem até o fim preciso viver não quero ficar preso enjaulado para sempre, precisei de estar quase morrendo para descobrir que a vida é mais que só trabalho, por isso dessa viagem e dessas loucuras nossas, me entenda e por favor continua a viagem comigo, Carter, por favor!

Ele ficou mudo nem o chuveiro mais eu escutava, eu sei que era difícil para

ele ver um dos melhores amigos dele morrer, mas ninguém tinha culpa disso, o melhor era isso viver enquanto dava tempo. Virei às costas é ia saindo.

— Me promete que vai contar quando estiver se sentindo mal para gente te ajudar?

— Pra que? Nem vai resolver nada.

— E que a gente quer te ajudar e só isso.

— Ok eu te prometo.

— Então venha se arrumar que a festa vai bombar você tem que ficar bonito, hum se bem que isso difícil, mas quem sabe.

— Te fode.

— Não dá. — gargalhada e tacando uma toalha.

— Obrigado.

— De nada.

Entrei no banheiro tomei meu banho, Brian logo chegou e foi se arrumar, não sei por quê mas, acho que essa festa iria ser das boas. Alguns minutos depois saímos e a festa já corria solta tinha muita carne muita música, dança e é claro muita cerveja e vinho eu esqueci de tudo bebi ate cair.



Eu estava chateado com John, não vou negar senti medo pensei que ele tivesse... Morrido, depois daquilo fiquei me sentindo culpado e irresponsável em concordar com essa viagem doida, maluca, mas aquelas palavras dele me fizeram pensar que talvez essa seria nossa última aventura juntos, então nem adiantava eu ficar muito bravo com ele, ele era um dos meus melhores amigos e eu o amava, então essa minha pose de machão não adiantaria de nada. A festa estava ótima Brian e John estavam bebendo e muito.

— Olá.

— Oi.

— Seu amigo já está bem não acha?

— Sim ainda bem.

— Meu pai me contou o que ele tem, minha mãe morreu com isso também.

— Sinto muito.

- Tudo bem, vem comigo eu quero te mostrar uma coisa.
- Onde você vai me levar?
- Só venha comigo.

Ela pegou na minha mão e saiu puxando, demos duas voltas no acampamento, até chegar ao trailer dela entramos, ela se encostou na pia enquanto eu fiquei de frente para ela. Ela sorria como uma criança não pude deixar de reparar no contorno de seu rosto em como seu cabelo caia perfeitamente pelos ombros e de como era agradável estar perto dela.

— Sabe Por quê eu te trouxe até aqui?

— Não, porque?

Ela se aproximou devagar de mim tirou sua camiseta e me beijou, peguei ela no colo e sai com ela batendo nas paredes até chegar no quarto, a deitei, me deitei por cima dela, ela sorria.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Tirei seu sutiã enquanto a beijava seus lábios eram quentes, suas mãos tocavam cada centímetro do meu corpo isso me fazia me arrepiar todo, ela gemia baixinho no meu ouvido nossos corpos estavam em uma sintonia perfeita.



**“E se quiser saber pra onde eu vou,
pra onde tenha sol, e pra lá que eu vou.
Jota Quest”**

Depois de fazer amor com Cristina ela deitou sobre o meu peito, fiquei fazendo cafuné em sua cabeça, até ela adormecer, fiquei ali pensando ela tinha total consciência de que nós iríamos embora, não iríamos ficar, ou será que ela tinha a esperança que eu fosse ficar? Algumas horas depois ela acordou e eu nem tinha dormido ainda.

- O que foi? — ela disse me olhando com curiosidade
- Nada, só pensando.
- Pensando no que? — agora lascou, pensei.
- Nada de mais. — dei de ombros
- Hum.
- Cris você sabe que...
- Sim nem precisa terminar, eu sei que vocês vão embora.
- Então porque?
- Porque eu quero sempre me lembrar de você.

Ninguém disse mais nada ficamos quietos e logo adormecemos.



- Acorda preguiçoso.
- O que?
- O acampamento dentro de uma hora vai ser desmontado e vocês precisam ajudar anda. — disse um dos malabaristas.

Eu estava deitado em cima de uma mesa com uma garrafa de cerveja na mão e só de cueca, pelo visto beber e não se lembrar da noite estava virando rotina.

- Caraca! Que noite foda.

Comecei a andar só de cueca mesmo afinal ontem fiquei assim então nem ia pegar nada, fui procurar Brian e Carter, achei Brian deitado atrás de uma moita sem camisa, muitas também estavam virando rotina, sorri ao lembrar de Margarida. Eu o cutuquei e nada dele acordar, ele estava dormindo feito uma pedra, então eu peguei a minha cerveja e joguei nele, ele deu um pulo e começou a me xingar

— Acorda, eles já estão indo embora.

— Mas já?

— Sim já, vamos.

— É o Carter?

— Não sei dele.

— Deve está por ai com alguma menina.

— Pode ser, mas vamos que eles querem ajuda.

Começamos a arrumar tudo com o pessoal do circo, as lonas eram pesadas, grossas, mas o que me deixava preocupado ainda, era o sumiço do Carter, depois de algumas horas de um serviço estafante eu o vejo com um sorriso de orelha a orelha, eu sabia que tinha rolado ele fazia aquela cara quando estava pegando alguém, espero que ele não queira ficar.

— Onde você estava?

— Por ai.

— Na cama com alguém certo?

— Para pessoal, deixa eu ajudar vocês.

Ele ajudou a carregar alguns caminhões, algumas senhoras a subir neles e quando foi nossa vez Gregório, nos pediu que subíssemos em outro.

— Vão nesse que e mais fácil para vocês descerem.

— Tudo bem.

— Ok.

— Vou com eles papai.

— Tudo bem, se cuide minha pequena.

Cada num subiu em um caminhão diferente, no que nós fomos veio junto além da Cristina mais oito pessoas incluindo uma criança que trazia um violão, cantamos e rimos boa parte do caminho, até que todos os caminhões parou é segundos depois Gregório apareceu.

— Esse e o fim para vocês, seguindo reto nessa mesma estrada vai dar no centro da cidade que e uma praia.

— Obrigado. — disse pulando do caminhão.

— Foi legal.

—De nada, que bom que gostaram de ficarem conosco.

— Sim, obrigado pela ajuda.

— Sigam em paz e boa sorte.

Ele batia uma das mãos em minhas costas, engraçado eu achava que ele era malvado, com aquela cara toda estranha, mas no final era uma pessoa gente fina, e com um coração enorme, bem que dizem que as aparências enganam, ele se virou e caminhou até a cabine de um dos caminhões, tirou o chapéu e fez uma referência assim eles partiram, Carter ficou olhando para o último que era o que nós estávamos, Cristina acenava, ficaram se olhando até o caminhão virar e sumir no meio da mata.

— Borá andar está na hora, quero ver a praia, tomar um banho de mar.

— Sim vamos.

— É. — sorriso amarelo.

Andamos um pouco em silêncio cada um com seus pensamentos, o meu era de que essa viagem tinha que ser inesquecível, é que com toda a certeza ela iria, depois de algum tempo de caminhada, vimos uma placa escrito, **PRAIA DE NUDISMO** proibido usar roupas, nós entreolhamos e sorrisos, ia ser bom ver a mulherada peladona...

— Haha não acredito. — Carter sorria animado.

— Você acabou de pegar a Cristina e já quer outra?

— Como você sabe?

— Pela sua cara de bobo. — rindo.

— Para vai, vamos para praia.

Começamos a tirar as roupas e guardamos nas mochilas prontos e doidos para ver alguns peitinhos durinhos e bundas gostosas, andamos um pouco a praia parecia deserta sem ninguém.

— Poxa queria tanto ver as mulheres.

— Não damos sorte mesmo, uma bela praia afrodisíaca e de nudistas e não tem ninguém.

— Que azar o nosso.

— Muito azar.

— Escutem isso.

— O que?

— São rizadas?

— Borá para lá, ver a mulherada.

— Opa demoro.

Andamos despreocupados como se não estivéssemos nem aí para isso, mas, na verdade, estávamos doidos para ver, chegamos perto de alguns banhistas, mas tinha algo estranho, muito estranho.

— Mas que merda é essa?

— Eu não acredito nisso.

— Poxa broxei agora.

A praia era de nudismo sim, era afrodisíaca sim, mas só tinha homens ali, olhei para o Brian e Carter e começamos a rir, rimos tanto que tivemos que sentar, ainda rindo sentados na areia respiramos fundo, olhamos para o mar é não pensamos duas vezes caímos no mar, a água estava morna, uma delícia, o mar estava calmo, sereno como eu, fiquei ali boiando na água, olhando o céu azul sem nenhuma nuvem sorri.

— John vem cá.

Escutei Brian gritar lá da areia, dei algumas braçadas até chegar perto deles que estavam sentados olhando o pôr do sol, me sentei ao lado deles é cada um ficou com seus pensamentos, os meus dessa vez não sei por quê foi parar na casca de ferida, na carne pescoço da Beatriz, como será que elas estavam? Será que ela estava bem? Será que estava chata ainda? Ou será que aquele mau humor dela já tinha passado? Queria poder conhecê-la sem a chatice dela, acho que nos daríamos bem, ela era bonita e nas últimas horas que passamos juntos se mostrou ser gentil, e engraçada, o que será que tinha acontecido com ela? O que será que tinha magoado tanto assim o coração dela?

— Olá gatinhos, tudo bem?

— Oi eu... — Meu pai do céu não acredito nisso!

— Vão ficar muito tempo por aqui?

— Não já estamos saindo.

— Poxa fica mais para gente brincar. — o gorducho tentava parecer sexy colocando o dedinho na boca.

— Meu pai do céu, não vamos embora.

— Ui bundinha linda você tem, volte aqui meu chuchu.

— É para você o elogio, John. —rindo.

— E nada.

— Eu também acho.

— Se fodam é nada.

Imaginem três caras carecas, pançudos, feios para cacete dando em cima da gente haha não deu outra saímos quase que correndo na mesma hora, uma pena porque aquele lugar era um espetáculo.

— Pra onde vamos?

— Sei lá para onde nossos pés mandarem.

— Será que é boa essa ideia?

— Claro que sim.

— Eu também acho legal, viajar sem rumo, sem roteiro, cumprindo nossa lista.

Vestimos nossas roupas e começamos a caminhar, não demorou muito é chegamos ao centro da cidade, se aquilo era o centro eu não queria nem ver como era o interior, alugamos um quarto de um hotel de quinta e desabamos na cama, dormimos até no início da noite.



**“Tinha em mim, todos os sonhos do mundo.
Fernando Pessoa”**

Assim que acordamos tomamos um banho e saímos pela cidade queria conhecer todos os lugares e saber se tinha alguma balada boa no pedaço. Apesar da cidade ser pequena demorou para achar um lugar que parece—se bacana levantei uma sobancelha e sorri, acho que a cidade toda estava se acotovelando para entrar numa boate meio escura escondida, algo me dizia que ali estaria nossa diversão, cutuquei Brian que estava do meu lado e apontei com a cabeça o lugar.

— Acho que aqui vai ser legal. O que acham?

— Ta doido?

— Acho que vai ser legal também. — Carter já começou a andar em direção a boate.

— Mas olha só o lugar deve ter ate rato ai dentro. — Brian protestava enquanto cruzava os braços no peito

— Ta com medo de alguns ratinhos? —Disse ironicamente

— Boiola, para de frescura vem logo.

— Tem certeza? É que só sei lá...

— Vamos logo. — Gritei para ele do outro lado da rua.

Ele saiu correndo atravessou a rua, a noite estava calma estrelada, a brisa era fresca era uma boa noite para beber ate cair. As pessoas se acotovelam na fila e os seguranças escolhiam a dedo quem poderia entrar, claro que mulheres as bonitas eles deixavam na hora, quando chegou a nossa vez na fila um segurança enorme que deveria ter uns 200 kg e no mínimo 2 metros de altura, nos olhou bem e rosou baixo.

— Ta lotada.

— Maravilha vamos embora. — Brian já ia saindo quando eu puxei pela camisa

— Que pena. Tem certeza que está? — enfiei a mão no bolso e tirei duas notas de cem, e entreguei para ele, ele as pegou e olhou enfiou no bolso.

— Sim tenho, saiam. — ele sorriu e quando a gente ia se afastando ele disse:
— Obrigada pela gorjeta.

E deu uma piscadela para gente e sorriu, um sorriso horrível faltavam alguns dentes e outros estavam amarelos

Maldito! Levou minha grana

Ficamos ali vendo algumas pessoas entrarem outras sendo barradas, foi quando um cara alto chegou perto dele e entregou um celular ele falava alto, parecia preocupado.

— Não... Eu não chegam ... Relaxa são travestis eles demoram... Tá eu sei que não e para falar assim, mas são e sem maldade... Sim sei que são três... Pode deixar que assim que três travestis chegarem mando entrar e falo para você... Ok tchau.

Olhei para o Brian, é na minha cabeça já veio aquela cena, poderia dar certo, poderia dar errado na certa quem saberia.

— O que você está pensando John?

— A gente vai entrar, de um jeito ou de outro.

Dei um sorriso de malandro e sai dali Brian ria, enquanto Carter vinha atrás correndo sacudindo a mão e pedindo para esperar.

Do outro lado da rua existia uma loja de roupas ok nunca tinha entrado em uma loja assim apesar da música que tocava era meio estranha para a loja em qual estávamos, deixei me levar e fui fazendo aquele teatro todo, Brian me seguia em tudo, enquanto Carter nós olhava com uma cara nada boa, eu só ria, claro que ele entendeu o que a gente queria, a princípio ficou lá parado como dois de paus olhando com o ar de incredulidade, mas como eu conheço meus amigos e sei que eles não são do tipo que arregam para fazer uma loucura não demorou muito para ele cair na bagunça com a gente...

Gritei para o caixa aumentar o som, ele sorriu e aumentou, então começamos a dançar e trocar de roupas.

Colocamos saias, vestidos, topes, chapéus, colocamos bigodes, barba falsa, tchutchu, Carter de bailarina era muito engraçado aquelas pernas finas e cheias de pelo no figurino delicado de uma bailarina era de morrer de rir, e o Brian de fada então, melhor nem comentar, eu só conseguia rir daquilo que eles vestiam, achei uma fantasia de caubói tinha até uma pistola de mentira, então eu parei e olhei para umas araras.

— Acho que esses aqui são os ganhadores. Eles vão fazer a gente entrar na boate.

— Isso.

— Vou vestir isso não, que coisa ridícula, cheia de franjas cores chamativas e esse negócio aqui na frente para que esses cones no peito?

— Vai vestir sim, para de graça, e anda logo.

— Então eu quero esse aqui, essa cor combina com meus olhos.

— Mas como você é gay Brian.

— Vai me dizer que não combina? — disse colocando o pano no rosto. — Você deveria usar o rosa, é o John o verde.

Carter apenas fuzilou Brian com o olhar de certo passava em sua mente maneiras bem cruel de nos matar, mas, por fim puxou o vestido rosa das mãos dele e entrou no closet e foi se trocar seguindo o exemplo dele, Brian e eu fizemos o mesmo, não demorou muito para que a gente saísse do closet, meu vestido era verde com branco, tinha babados e um super decote, não era feio nem muito chamativo, coisa que me deixou super contente, o do Brian era azul e preto, mas era um azul cheguei com as costas todas abertas, já o vestido de Carter, bem era o mais chamativo possível, ele era rosa até os pés, de alcinha com franjas abaixo dos seios e no lugar do decote onde ficariam os seios tinha dois cones enormes a peruca era loira com as pontas rosas.

— Cara cê tá ridículo.

— Olha quem fala.

— Vocês estão gatos isso sim aí se eu te pego .

— Nossa, monas estão divinas, lindas. —disse o atendente piscando com a mão no coração.

— Argh! Vamos meninas temos um show para fazer.

— Não monas falta a maque como divãs assim vão sair sem a maque? Sentem ali vou pegar minha maleta.

E com um gritinho histérico ele saiu sentamos é esperamos, meia hora depois eu me encarava no espelho, se ele queria chamar atenção para gente tinha conseguido mais ainda, pagamos por tudo e saímos meio que caindo do salto alto que estávamos atravessamos a rua, quando o segurança nos viu abriu um sorriso.

— Nossa até que fim vocês chegaram.

— Desculpe divas se atrasam. —Tive que esconder o rosto com um leque, vai que ele me reconhece.

— Chefe elas chegaram... Sim já estão entrando.

— Obrigada lindinho.

— A vontade moça bonita. — Entramos na boate e não agüentei comecei a rir muito.

— Moça bonita acho que a tua perna seduziu ele .

— se fode mano to fazendo isso por você seu viado fio duma quenka me amola não.

— Por aqui.

— Sim.

— Nossa que escuro.

— Não vão se aproveitar de mim ok .

- Com vocês elas
- Uhu. —A multidão gritava
- Pera ai ele disse...

Não deu tempo de falar mais nada estávamos em um palco à cortina subiu e uma luz forte bateu nos nossos olhos e uma música familiar começou a tocar... E agora o que nos iríamos fazer, um pânico foi tomando conta de mim, comecei a suar frio, olhei para frente todos sorriam, segurei o microfone e sorri, olhei para trás.

- Acho melhor a gente dançar e fingir que está cantado.
- Mas...
- Relaxa se solta. — disse pro Carter.

Ele deu de ombros e começou a rebolar eu ri da cara de sexy que Brian fazia, bem ao menos ele tentava a boate foi à loucura todo mundo gritando quem diria que uma boate de Gay estaria eu no palco cantando então relaxei e comecei a dançar até arrisquei uns passos mais ousados, quando terminamos a casa inteira aplaudia e para ser sincero até gostei disso.

- Agradamos.
- E o que parece.
- Heim ali são eles, peguem.
- Opa problemas, saindo de fininho.
- Essa não, vamos.

Começamos a passar por entre a multidão que tentavam agarrar a gente fizemos de tudo para e tentamos despistar, eles chegaram até correr para lugares diferentes quando de repente.

- Ai não olha para onde anda não?
- Me desculpe eu... Você?
- Há eu sabia que era gay, você era perfeitinho de mais. —sorriu.
- Perfeitinho? — balancei a cabeça — Eu não sou, gay. —Ela sorriu

e corou na mesma hora.

- Opa!!! Se não é gay que roupa é essa queridinha?
- Aff tinha esquecido a casca de ferida que você é Beatriz.
- Eu não sou casca de ferida, seu babaca.
- E sim, sua chata.

Tirei rápido a peruca é agarrei ela e encostei no balcão ela ficou assustada, encontrei aqueles olhos azuis tristes eles me fitavam com suavidade, eram tão tristes, coloquei a mão em seu rosto, ela estava vermelha, sorri ao vê-la assim, queria tanto beijá-la de novo senti suas mãos em meus braços, sua respiração quente se misturando a minha, um turbilhão de pensamentos passou pela minha cabeça, coração, e alguns outros lugares não tão nobres assim então os

seguranças passaram correndo pela gente, é como se ela soubesse porque a agarrei, começou a gritar, quebrando toda aquela magia que tínhamos construído.

— Me solta, me solta socorro

— Cala a boca, só era para disfarçar. —soltando ela e olhando por onde eles foram.

— O que você ta aprontando heim?

— Nada, não e da tua conta. —Ela me olhou como se quisesse saber, seus olhos percorreram por todo meu corpo, bem e quando chegou em uma certa região ela demorou mais um pouco.

— Além de tudo e tarado, tava de pau duro me agarrando, cachorro.

— Mesmo eu não querendo gostando ou não de você, não mando nele, infelizmente você e bonita, e aceita o elogio e fica de boca fechada.

— Bem é hum... Cadê os meninos?

— Por ai, e as meninas?

— Banheiro. —ela me olhava muito, é dessa vez não era com aquele ar de reprovação, nem de gozação, era diferente.

— O que foi?

— Você está engraçado. — olhando para mim mesmo, tive que concordar.

— E verdade nem tinha me visto ainda foi o único jeito de entrar aqui, estava lá no palco cantando.

— Ah! Era você?

— Sim.

— Vamos sentar e beber um pouco?

— Você está bem?

— Sim porque?

— Tem certeza, não ta com febre ou doente? Você acabou de me convidar para sentar e beber.

— Há sim, se não quiser tanto faz só te chamei por educação, tchau.

— Não espera eu aceito.

Sai correndo atrás dela e sentei do lado dela enquanto tomava uma bela loirinha gelada logo às meninas chegaram e não demorou muito para que os meninos aparecessem.

— Que bom que a gente reencontrou vocês. — Bianca não tirava os olhos do Brian.

— Também acho. — Ela corou ao dizer isso.

— E ai o que aprontaram essas semanas? — Nem Carla tirava os olhos de Carter.

— Ah nada de mais só algumas loucuras. — Bem já vi que eu ia sobrar nisso eles estavam se comendo com os olhos

— E você Beatriz o que fez? — Perguntei olhando para ela

— Nada.

— Como nada?

— Nada oras, não sabe o que é nada?

— Ok carne de pescoço.

— Eu não sou...

— Um brinde.

— A nós.

— Nós? — Disse levantando uma sobrancelha.

— Sim nós vamos terminar essa viagem juntos. — Disse a Carla.

— Não. — Eu e Beatriz falamos juntos.

— Sim. — Os outros falaram juntos.

— A nós. — Outro brinde foi levantado.

— São todos loucos. — Beatriz falou baixinho.

— Estranho dizer isso, mas concordo com você Beatriz.

— Talvez, talvez as maiores loucuras sejam nossas maiores lembranças, vem brinda com a gente. — Brian insistiu para que Beatriz pegasse um copo.

Ela se levantou e brindou com a gente, se não tinha como vencê-los o jeito era se juntar a eles.



“Para hoje distribua sorriso, com certeza alguém sorrira de volta também. Desconhecido”

À noite até que foi boa, bastante animada, acabou que os seguranças desistiram de pegar a gente o pessoal tinha gostado mesmo, os verdadeiros artistas chegaram e estava tudo tranquilo, os meninos bem estavam felizes estavam com as meninas, ficaram se pegando, só não gostei muito porque eu fiquei chupando o dedo, olhando para a cara de enjoada da Beatriz, era uma cara de quem chupou limão que eu estava detestando tudo aquilo, eu não entendia ela, ela em um instante estava de boa e agora com essa cara.

Mulheres quem as entende?!

Mas eu um dia as decifro isso você pode apostar.

Ela se levantou e saiu, fiquei ali bebendo minha cerveja e quando acabou nem quis esperar o garçom fui até o balcão pegar mais uma cerveja, mas sem querer acabei esbarrando nela e virando meu copo nela todinha. Se preparando ataque de frescura em 3, 2, 1...

— Ain que ódio, cara se enxerga, para de ficar atrás de mim e de derrubar tudo em cima de mim.

— Desculpe, eu não.

— Para, sai fora. — Ela disse me impedindo de ajudar ela. — Eu vou embora, isso é loucura.

Ela começou empurrar todo mundo, saiu batendo o pé enfurecida com o acidente claro que eu fui atrás dela não era minha intenção fazer isso propositalmente, mas ela ficava atrás de mim qual é eu não tinha olhos atrás da minha cabeça, ela sempre achava que tudo que eu fazia era de propósito, que eu fazia sempre tudo para irrita—lá e bem isso não era verdade, a maioria das coisas acontecia porque tinha que acontecer.

— Espera. — Disse segurando firme no seu braço, com o simples toque da minha pele contra a dela me fez estremecer.

— Não sai de perto. — Ela puxou o braço rápido é aquela sensação se dissipou no ar, porcaria.

— Foi sem querer, desculpa.

— Não. — Disse ríspida e em voz alta.

— Ai, mas que casca de ferida, porque age assim?

— Eu não, sou casca de ferida, e como eu ajo meu caro?

— Assim como se fosse um fio desencapado querendo dar choque sempre quando alguém esbarra em você.

— E que eu tenho alergia a babacas. — Ela cruzou os braços em cima do peito, e sem querer olhei pro seu decote, mas logo cai em mim, precisava ganhar a briga com ela, pelo menos uma vez.

— Carne de pescoço, dura que só.

— Seu nojento.

— Criança.

— Seu imbecil.

— Mal amada.

— Decrépito.

— Sua, sua...

— Já nem sabe mais do que me chamar né seu otário?

— E que eu não quero ficar de criancice vamos parar com isso e tentar nos dar bem?

— Não dá para ficar bem com você.

— Por quê?

— Por que eu não te suporto não percebeu ainda?

— Vamos Beatriz, pare com isso.

— E se eu não parar, o que vai fazer?

— Isso.

Não sei por quê fiz aquilo, aquela não era minha real intenção com ela, ou será que era? Ela estava tão perto de mim que eu não resisti a puxei com força contra o meu corpo é a beijei, no começo ela lutava entre meus braços, tentava me afastar, mas depois ela relaxou e deixou acontecer calma e profundamente, nossas línguas se enrolavam uma na outra, minhas mãos ganharam ousadia, passavam pelo seu corpo como se quisesse decorar cada centímetro dela, as dela agarram minha nuca e a outra brincava com meu cabelo, acabei pousando minha mão em sua cintura, e com um gemido desprendi nossos lábios, encostei minha cabeça na dela e a encarei, profundamente tentando recuperar meu fôlego.

— Está vendo você queria também. — sorriso.

— Eu, eu...

Ela parecia meio confusa, com os olhos perdidos, com suas mãos paradas em meu peitoral, mas, de repente, como se acorda-se de um transe, — blaft. — levei um tapa enorme na cara, e em seguida outro do outro lado, senti minhas bochechas arderem pela pancada, acho que ela era lutadora de box, puta merda, oh mulher forte.

— Hey...

— Não se aproveite só porque estou alta. — Ela se virou para rua levantou a mão — Taxi.

— Espera eu te levo pro hotel.

— Não obrigada.

— Apesar de você ser assim essa carne de pescoço não vou deixar você sozinha a essa hora. — Disse entrando no táxi e me sentando, ela ainda ficou parada me olhando com ar de incredulidade.

— Mas eu...

— Vai entrar ou enrolar? — O taxista dizia olhando para ela.

— Sim vou entrar eu vou para o hotel da rua 5 ele nem sei. — entrando no carro.

— Na rua 5? Eu estou lá. — Disse sem querer parecer animado, mas eu estava e muito com a notícia.

— Ótimo, senhor rua 5 para nós dois.

Me afundei no banco de couro coloquei a mão atrás da cabeça e relaxei no banco, não queria papo com ela aqueles tapas ainda doíam, mas de vez enquanto abria um olho, para ver e ter certeza de que ela estava ali, ela estava encostada na janela do carro tinha adormecido.

Meia hora depois chegamos ao hotel, tentei acordar ela, mas ela não acordava, então paguei o táxi e sai, peguei ela no colo, ela passou os braços pelo meu pescoço e resmungo algo que não entendi, senti o perfume dela me invadir e mais do que tudo queria beijá-la, tocá-la ficar com ela sem aquele ataque de frescura dela sempre, sorri quando pensei que toda vez que eu beijei ela me sentia como se estivesse no centro de uma tempestade, como se eu pulasse de um precipício, como se eu morresse mil vezes e fosse ao céu, e aí eu constatei que estava fodido literalmente, essa menina mexia mais comigo do que eu gostava. Quando chegamos ao meu andar eu acordei ela, nada delicado porque por mais que eu a chamasse ela não acordava.

— Acorda doida, vamos lá. — disse colocando ela no chão, mas a segurando firme em sua cintura, não queria solta—lá, mas era preciso.

— O que?

— Chegamos eu estou no meu andar e quero saber qual é o seu te coloco dentro do elevador e te mando para lá.

— Abusado me solta. — ela disse me empurrando, mas como ainda estava meio que dormindo ela quase caiu, passei meu braço pela sua cintura e a puxei para perto de mim, seu cabelo estava em seu rosto, tirei uma mexa e preendi atrás de sua orelha, senhor faça com que eu não a beije novamente, por favor.

— Beatriz, só te segurei porque estava dormindo e não quis acordar, eu te levaria pro meu quarto, mas sei que não ia gostar, me diz qual e seu andar para que você vá dormir na sua cama longe de mim, por favor. — A soltei delicadamente, ela passou a mão pelo rosto respirou fundo.

— O meu andar e o seis quarto 650.

— Mas que merda

— Que?

— Eu estou 652

— Aff! Você fica me seguindo dá um tempo que merda.

— Se fode menina eu vou querer seguir uma carne de pescoço enjoada como você, sai para lá.

Ela revirou a bolsa é pegou as chaves, entrou no quarto e me deixou lá com cara de besta sozinho. Passei a mão pela roupa e lembrei que as chaves ficaram com os meninos e que o hotel não daria outra, agora eu estava lascado queria dormir porque estava com dor de cabeça e não daria, chutei a porta com tudo encostei nela me sentei no chão era o que me faltava mesmo.

— Vai quebrar tudo?

— Não torra garota, vai dormir.

— Tô tentando né, mas é impossível com você fazendo esse escândalo todo.

— Ah! Para de drama só chutei a porta.

— O que está fazendo aí?

— Esqueci a chave com os meninos.

— Hum, bem durma bem, boa noite.

— Você também.

Ela fechou a porta é entrou fiquei mais alguns minutos ali esperando eles voltarem, mas eu sabia que eles não iriam vim, pelo menos não tão cedo, me levantei e dei dois passos será melhor dormir lá no saguão pelo menos tinha um sofá, duro desconfortável, mas tinha.

— Espera John.

— O que quer?

— A cama é grande vem deitar.

— Não obrigado.

— Você me trouxe para cá, em segurança, então seria bacana se retribuísse o favor, vem deitar antes que eu mude de ideia.

— Ok, só vou aceitar porque aquele sofá lá é ruim.

Entrei ela foi para o banheiro, tirei o vestido, que merda nem uma calça eu tinha sei lá ela era doida se tentasse me tarar como e que eu ia correr? Será que eu iria correr, sorri com meu pensamento idiota dela poder um dia querer algo

comigo.

Reparei no quarto era um quarto de casal só tinha uma cama pensei no porque ela tinha se separado das meninas, mas logo parei de pensar nisso é comecei a prestar atenção em outra coisa, melhor comecei a prestar atenção nela, ela saiu do banheiro só de camisola estava linda, com os cabelos soltos, sem maquiagem, comecei a sentir tesão nela, pêra ai isso não podia ela era realmente uma carne de pescoço, mas era a carne de pescoço mais linda que eu já tinha visto na vida.

— Bem John, deita ai, mas na beradinha, vou por essa coberta entre a gente e se você pensar em sair dai eu grito e falo que você queria abusar de mim, entendeu?

— Ok senhora. —sorri.

— Eu estou falando sério.

— Eu sei, não faria nada que não quisesse, obrigado pela ajuda boa noite.

Me virei e me arrumei na cama não queria que ela me visse excitado de novo por causa dela, senti ela se arrumando na cama suspirando fundo e apagando a luz, eu tinha que me controlar, não podia deixar na cara que eu queria algo mais com ela, não seria justo com ela, afinal das contas uma hora ela ficaria sozinha, e eu acho que sofreria com isso. Na manhã seguinte, quando acordei o tempo estava chuvoso, acho que tinha caído o mundo em tempestade, olhei para janela ela estava embaçada, me virei calmamente para não acordar ela, fiquei olhando para ela, seus cabelos loiros tomava conta da cama, seu rosto sereno me deixou tranquilo, queria poder toca—ló, mas sei que não deveria. Ela estava tão linda dormindo, prestei atenção na sua respiração em como seu peito subia e descia calmo, tranquilo constante, prestei a atenção como era os contornos de seus lábios, prestei atenção nos dedos dela, acho que eu estava mais ferrado que antes, eu acho que eu estou apaixonado. Pior apaixonado por uma carne de pescoço, uma moça delicada, linda, mas com um gênio do cão, sorri, o sentimento aquecia meu coração e irradiava na alma.

— Bom dia. — ela me olhou e sorriu.

— É... bom dia.

— Tem a mania de olhar os outros dormindo John? — disse apoiando a cabeça na mão e olhando fixamente.

— Nem estava te olhando.

— Mentiroso. — Disse se levantando.

— Sou não.

— É sim.

Ela foi até um rádio e o ligou entrou no banheiro é trancou a porta. Coloquei as mãos cruzadas na cabeça e olhei fixamente o teto, e sorri feito bobo, se antes

estava ferrado agora que ferrou mais ainda.

Escutei o chuveiro, me levantei, fui até a porta, coloquei a mão na maçaneta, mas algo tirou minha concentração, era a música que tocava, a melodia triste e a letra carregada de emoção me fez refletir. “Some prayers find an answer some prayers never know” Engraçado a tradução era exatamente que eu vinha pedindo, “*Algumas orações encontram uma resposta algumas orações nunca se sabe*”

Algumas encontram a respostas, outras não...

Mais que depressa peguei meu vestido, toquei na maçaneta, a girei devagar, sabia que se ficasse ali poderia ter as respostas que eu procurava, ou talvez não, olhei para trás, olhei para cama, abaixei a cabeça e sai, não que eu não quisesse ficar, mas precisava pôr em ordem os sentimentos que percebi que tinha, precisava acalmar meu coração. Fui pro meu quarto bati à porta escutei uns resmungos em seguida a porta abriu e os meninos estavam lá todos com uma cara de ressaca danada, entrei e fui direto pro banho, mas com eu tinha dois detetives dentro do quarto foi meio que impossível.

— Que pressa é essa?

— Nada só quero tomar banho.

— Onde você estava?

— Com a Beatriz.

— Sabia.

— Sabia o que?

— Que você e ela acabariam juntos.

— Para com isso seu pateta, que saco! Vocês ficaram com a chave ela só me deixou ficar no quarto dela.

— Vai me dizer que não rolou nada?

— Não é nunca vai rolar.

— Por quê? Ela é linda.

— Porque ela... Ela é carne de pescoço por isso, anda se vestem aqui tem uma praia muito boa quero fazer uma coisa da lista.

— O que quer fazer?

— Número 15.

Eles pegaram a lista e olharam e sorriram, mais que depressa eles levantaram e se arrumaram, e eu fui pro meu amado banho, enquanto a água quente caia na minha cabeça, meus pensamentos foram de encontro a ela. Meia hora depois estávamos no saguão tomando café da manhã, animados pela aventura que iríamos ter.

— Oi meninos, bom dia. — Bianca falava com um sorriso de orelha a orelha

— Oi minha linda, senta aqui com a gente.

— Cadê a Carla?

— Está vindo junto com a Beatriz.

— Aff a carne de pescoço vai se sentar com a gente também?

— Olha John a Beatriz pode ser chata, mas ela tem lá seus motivos para agir assim, se você não quer ela perto eu não posso ficar também, e eu queria muito ficar.

— Não, desculpe, por favor, fica, é que ela me frustra, tento de tudo ficar de boa, mas ela parece não querer rejeita isso. Eu gosto de vocês.

— Não vai maltratar ela?

— Não claro que não, eu quero mesmo terminar essa viagem com vocês juntos, se a vida colocou vocês no nosso caminho é porque algum motivo tem...

— Ok, vou falar com as meninas se elas aceitarem, sem problemas para mim. — Ela se levantou e saiu, Carter e Brian sorriam para mim.

— Que foi?

— Nada.

— Nada sei — ele sorriu, deixei para lá

— Bom mesmo.

Tomamos nosso café da manhã e esperamos elas, mas elas demoravam de mais, eu estava começando a ficar inquieto com isso, quando elas chegaram me levantei, todos me olharam com uma cara estranha, sentei novamente.

— Até que fim chegaram, vamos.

— Não Brian espera, eu não acho boa ideia a gente juntos. — Beatriz falou torcendo os dedos

— Por quê? — A pergunta saiu muito rápido da minha boca.

— Porque não John.

— Só aceito a sua decisão se me der um, um único motivo.

— Por favor, vem com a gente? — Carter revirou os olhos

Ela olhou pras meninas que estavam com uma cara que queriam ficar então...

— Tá bem vamos com vocês, mas se você me irritar eu...

— Lá vem à casca de ferida. — sorriu.

— Hei...

— É brincadeira, nervosinha. — Ela sorriu e não falou nada. — Vamos para praia?

— Opa eu topo. — Carter disse animado

— Eu também. — Carla disse entre beijos com Carter.

— Vamos lá quero pegar sol, estou muito branca.

Assim que Beatriz mencionou isso lembrei dela na camisola preta da noite

anterior, sua pele branca, tecido preto, a deixava mais linda, suspirei e tentando sair daquelas lembranças me levantei.

— Eu quero aprender a surfar.

Assim fomos para a praia ficamos lá olhando as pessoas e vários surfistas ali estava acontecendo um concurso se surf, e claro que eu iria participar.

— Você não sabe surfar John como vai participar? — Beatriz me olhava com incredulidade

— É fácil só de olhar peguei a manha.

— Acho que não deveria.

— Esta preocupada comigo? Ah que bonitinha — disse apertando a bochecha dela.

— Para não e nada disso. — ela me deu um tapa na mão.

— Então o que é?

— Eu só duvido que consiga.

— Não deveria.

— Por que não?

— Porque John Mayer consegue tudo o que quer. — menos ter uma vida longa pensei.

— Duvido.

— Quer apostar?

— É o que apostaríamos?

Parei para pensar um pouco teria que ser algo muito difícil para ela me dar, e algo que eu gostaria sorri malicioso, já sabia.

— Se eu ganhar você me dá um beijo.

— Não.

— Tá com medo de perder?

— Apostado, mas se eu ganhar você nunca mais encosta em mim, fechado?

— Fechado, eu sei que vou ganhar.

— Sonha.

— Olha só o riquinho quer surfar. — Disse um cara chegando perto de mim e de Beatriz, ele olhou ela da cabeça aos pés e isso que ela nem estava ainda de biquíni.

— Não só surfar como ganhar.

— Quem ganha aqui sou eu, duvido que ganhe de mim.

— Então hoje terá um outro ganhador, até mesmo porque eu fiz uma aposta com essa marrenta. — aponte para Beatriz. — E eu estou louco para ganhar — sorriso. — Prazer meu nome é John. — estiquei minha mão para ele a qual ficou ali esticada ao vento.

— Ae quero saber não mano. — Ele ria de mim.

— Grosso é mal educado.

— Sou nada cara só não quero papo contigo, mas meu nome e Guilherme, falou grava bem esse nome porque e o nome que estará no primeiro lugar.

— Assim veremos.

— Só uma dica, cuidado para não se afogar.

Então ele se virou e saiu eu ri disso porque era engraçado a indignação dele, eu queria ganhar não era nem um pouco para ter o primeiro lugar, mas porque queria um beijo da Beatriz que me olhava de longe agora sim ela vestia um biquíni preto minúsculo deixando seu corpo exposto a sol. Eu não consegui ficar longe dela, dei de ombros e fui até onde ela estava, deitei ao seu lado e falei no seu ouvido.

— Prepare os lábios querida, hoje eu vou te beijar. — Ela se levantou apressada e me socou o braço.

— Sonha com isso querido.

— Já estou sonhando.

Fiz minha inscrição, comprei uma prancha e esperei demorou muito para que as baterias comessem eu fiquei para segunda, Guilherme na primeira, e não e que ele mandava bem fez cada manobras que eu gostei eu tentaria imitar se caísse eu tentava de novo. O apito soou fiquei perto da água ela passou por mim mexeu no cabelo sorriu e disse:

— Tenta fazer melhor cara.

— Com toda a certeza eu farei.

Não prestei atenção mais em nada entrei na água e comecei a fazer as manobras em cima da onda, eu não acreditava eu estava fazendo direitinho e mandando bem, a sirene tocou final da bateria, tinha mais uma na qual Carter e Brian estavam, mas eles logo caíram, em alguns minutos depois saiu o resultado.

— Não disse que eu ficaria em primeiro?

— Bem esse e só as semi-finais, quer apostar algo eu sei que vou ganhar. — sorriso.

— Eu topo o que for eu ganho.

— Não estaria tão certo assim. — estávamos a dois centímetros um do outro, se ele quisesse briga eu brigaria.

— O que vai querer?

— Ainda não sei, e você o que quer?

— O dobro do prêmio.

— Fechado. — estendi a mão ele pegou e me fuzilou com o olhar.

— Pronto para perder dinheiro?

— É você pronto para perder?

A sirene soou e tínhamos que ir para água, não demorou muito para que pegássemos uma onda e arrebentar em cima dela, ok confesso que ele mandava bem de mais, mas eu estava bem ok nunca tinha surfado na minha vida então estar nas semi-finais estava ótimo, pensei na Beatriz então desejei mais que tudo ganhar aquela parada porque queria muito um beijo da loira aguada, se Guilherme quisesse dava o prêmio para ele, dinheiro não me importava entrei nessa não foi por ele. A sirene tocou novamente saímos da água e esperamos os jurados decidirem quem ganharia.

— Você é doido. — Disse uma voz familiar atrás de mim

— Por quê Beatriz? — Passando a mão no rosto.

— Você nem sabia surfar e entrou nisso.

— É que o prêmio me interessa e muito. —sorri para ela.

— Há sim o dinheiro.

— Negativo.

Ela ficou mais vermelha que um camarão, mas permaneceu ao meu lado, alguns minutos depois, um dos jurados começou a falar no microfone falando que todos haviam mandado bem, mas que apenas três subiriam ao podium.

— Atenção os vencedores são... Terceiro lugar vai para Matheus...

— gritos. — o primeiro lugar vai para... John Mayer, segundo fica com o Gui, parabéns John venha buscar seu prêmio.

Na verdade nem queria prêmio nem nada eu queria mesmo era as apostas compridas, olhei para Beatriz com a boca aberta de incredulidade, primeiro iria cuidar do arrogante do Guilherme depois eu iria atrás do meu prêmio maior.

— Então o que você quer?

— Bem eu quero, me deixa pensar... Carter e Brian, venham cá.

Começamos a discutir o que queríamos ate que a ideia surgiu e era foda, claro que saiu da mente doentia de Brian, mas acho que seria bem legal.

— Bem eu quero que...

Uma vez Brian teve uma dor de barriga daquelas, foi à única vez que ele não conseguia se segurar e peidava sem parar, seus peidos eram tão fedorentos que pareciam aquelas bombas fedorentas que fazíamos no colégio.

— Eu quero que você beije a bunda dele. —apontei para o Brian, ele abaixou as calças deixando a bunda de fora e dando um tapa nela.

— Vem neném beija meu popo.

— Sacanagem...

Ele se aproximou Brian fez força e bem na hora que ele foi beijar a bunda dele, Brian soltou o pum mais fedorento que ele já havia soltado, todo mundo riu, gargalhando até não conseguir mais ficarem em pé.

— É cara valeu, foi um bom adversário, e cara você fede.

— Desculpe.

— Tudo bem, vai ter um lual por aqui hoje se quiserem vir serão bem-vindos.

— Opa to dentro.

— Nós também. — Beatriz não falava nada, estava quieta passando a mão no braço.

— A gente vem, Guilherme

— Falou. — dando a mão para John.

Ele se virou e saiu, eu fui ate a Beatriz que com minha aproximação ficou tensa, rodiei ela, mexi no seu cabelo e parei de frente com ela, a olhei fundo nos olhos.

— Vamos acabe logo com isso. — ela disse sussurrando.

— Não agora não. — disse passando o dedo em seus lábios. —A espera tem que valer a pena.

É sai de perto, não sei como consegui me segurar e não beija-lá ali, mas que graça teria se assim eu fizesse, eu tinha que criar o clima, para quem sabe eu pudesse aproveitar dela mais algum tempo então decidido eu iria fazer algo bacana a noite que seria inesquecível para ela e para mim, fui até a banca de jurados pegar meu prêmio, esperei um pouco não tinha ninguém lá então esperei um pouco, vi umas gatinhas por ali, tentei mexer com elas, mas elas não deram atenção, continuaram conversando.

— Mas é verdade o dinheiro era para a operação da irmã dele

— É agora o que ele vai fazer?

— Não sei, só sei que o Gui está triste, triste de mais, ela pode morrer sem essa operação.

Então aquela garra toda para ganhar era para ele salvar a vida da irmã doente?

Me senti mal com isso, é muito, eu queria ganhar para me vangloriar, para ganhar um beijo da Beatriz, propósitos nada dignos, enquanto ele, ele queria ganhar para salvar a vida da irmã, que belo ignorante eu sou.

— John, seu cheque. —fui tirado dos meus pensamentos com um dos jurados me chamando

— Ah sim, obrigado.

Fiquei pensando um pouco cocei a cabeça eu já sabia o que fazer, mas essa minha atitude foi desagradável para mim, deveria prestar mais atenção ao meu redor, em vez de fazer apenas o que eu queria, voltamos para o hotel esperamos dar á hora do lual, fechamos as contas e saímos tínhamos planos para aquela noite. Ficamos esperando as meninas no hall e quando elas chegaram estavam lindas, olhei para cada uma delas, mas de longe a Beatriz era a mais bonita de

todas, ela estava com um vestido vermelho justo, com decote e uma rasteirinha no pé, cheguei perder a respiração quando eu a vi.

— Acho melhor John você respirar, sabe aquela coisa que mantém a gente vivo. — Disse Carter me cutucando, apenas assenti com a cabeça.

— Prontas meninas?

Elas concordaram com a cabeça, e não me passou despercebido o olhar de Beatriz, sorri para ela.

Mais tarde naquela noite...

A praia estava toda enfeitada tinha flores espalhadas tochas mais distante, bandeirinhas coloridas é uma enorme fogueira ali no meio, tentei achar Guilherme, mas nada dele por enquanto, todos nós cumprimentavam e sorriam para a gente, chegamos perto da fogueira e logo estávamos tomando um ponche de frutas batizado e claro. Avistei Guilherme.

— Já volto agüentem ai.

— Onde vai? — Questionou Carla

Ele estava sentado na areia com os pés na água o mar estava calmo, tranqüilo, sem ondas, tinha um olhar triste, perdido naquela imensidão diante dele, sorriu ao me ver e indicou um lugar ao seu lado.

— Você veio que bom.

— É eu ia lá perder essa festa? Mas não mesmo. — sorriso, me sentei o sei lado, depois disso ninguém disse mais nada então quebrei o gelo.

— Olha eu sei para que queria o dinheiro, então tomei a liberdade de fazer isso.

Ele pegou o envelope da minha mão e lágrimas escorriam pelo seus olhos.

— Mas isso é muito mais do que...

— Relaxa e presente só promete cuidar bem sua irmã.

— Cara nem sei o que dizer, claro que eu vou cuidar bem dela ela a minha irmãzinha, só tenho ela papai e mamãe morreram em um acidente a dois anos atrás e esse dinheiro que você me deu vai ajudar muito ela, valeu.

— De nada, agora vamos lá para fogueira beber um pouco.

— Sim vamos.

Ele não parava quieto, falava para todos que um anjo tinha pago a operação pós operatório e dado ainda mais dinheiro para eles passarem mais uns meses sem se preocupar com nada.

— Você é esse anjo né?

— Sim Beatriz.

— Você deu dinheiro para ele?

— Sim dei.

— Por quê?

— Porque eu sei o que é ficar doente e não ter como se curar.

— John eu...

— Não fala nada esquece isso.

— Você é incrível.

— Me bajular não vai fazer com que eu esqueça a aposta. — Pisquei para ela.

— Bem eu não poderia deixar de tentar né?

Empurrei ela e ela sorriu levamos um copo a boca enquanto cada um ficava fitando o mar e pensando na vida. A festa foi madrugada á dentro e sempre que chegava perto de Beatriz ela perdia o fôlego



**“Me faça um gesto, me queira perto.
O Tetro mágico”**

O restante da noite foi agitado eu estava esperando o momento certo para cobrar minha aposta com a Beatriz, podem me chamar de bobo, de ridículo, mas eu queria que fosse especial tanto para ela quando para mim. Guilherme me indicou um lugar bacana para acampar tinha um píer, com um farol é segundo ele noites com aquela eram linda vista dali, agradei para ele e quando foi dando uma da manhã pedi para os meninos chamarem as meninas que iríamos acampar em outro lugar, eles me olharam surpresos, mas pegaram nossas coisas e fomos até o outro lado da praia.

— Nossa que lindo isso. — Carter largou as mochilas para admirar melhor a vista.

— John você se superou.

— Isso aqui é lindo.

— Preferia a fogueira. — Beatriz falou seca.

— Ta doida? Olha isso aqui, olha aquele farol ali.

Apontei para um farol que ficava em cima de uns rochedos, as ondas batiam fraca contra as rochas e a luz da Lua dava um ar de magnitude ao local.

— Não vejo nada de especial.

Ela disse saindo andando, pela praia, fiquei olhando para ela sem saber o que fazer, então peguei uma bolsa e sai atrás dela, caminhamos em silêncio lado a lado, paramos no píer, ela encolhia os braços o cabelo dela voava com o vento e sob a luz da lua ela parecia ainda mais bela.

— Por que veio atrás de mim?

— Não queria te deixar sozinha.

— Sei me virar.

— Sei disso.

— Então...

— Só queria ficar perto não posso?

— Hum... Acho que eu sei que você quer. — Eu sorri.

— Apesar de você ter que pagar a aposta eu me contento em observar a paisagem ao seu lado.

— Ta querendo me dizer que...

— Ah não, garanto que até o dia amanhecer você vai me beijar.

— Seu ego é enorme sabia.

— Não, só acho que sou irresistível.

— Para um palhaço só falta o nariz. — Ela disse com uma mão na cintura, é a outra apontando para meu nariz. — Queria ir lá no farol, vamos?

— Quer mesmo?

— Sim quero ver o nascer do sol de lá de cima.

Ela sorriu e tentou arrumar seu cabelo, peguei a mochila e fomos ela sorriu o caminho todo, e eu fiquei contente, pela primeira desde quando a conheci ela não implicava, não estava zangada, e nem, sendo aquela carne de pescoço dura que só, abri a porta do farol, ali tinha uma mesa com uma cadeira e um lampião daqueles antigos, a nossa sorte era que ele tinha gasolina ainda, peguei um isqueiro e o acendi, o cômodo se iluminou e pude ver que tinha além da mesa com a cadeira, um armário e uma cama e algumas plantas mortas, acho que quem vinha aqui mal ficava isso é se o farol precisa-se de gente para ser ligado, subimos as escadas em forma de caracol, chegamos lá em cima, estava ainda mais frio Beatriz encostou em uma janela e esfregou os braços, abri minha mochila peguei um cobertor e levei até ela colocando de leve em seu ombro, ela se assustou com a minha proximidade, mas não reclamou.

— Dizem que os faróis foram construídos para auxiliar os marinheiros quando voltavam do mar após as pescas. — ela me olhava com atenção. — Uma vez um barco saiu em busca de peixe à temporada era ruim muitas tempestades, Olivia a esposa do comandante sempre subia acendia o farol e ficava horas observando a mar esperando, quando cansava de olhar ela tocava piano, sua melodia triste era ouvida por toda a aldeia deixando as pessoas ainda mais tristes e desoladas, uma noite de tempestade um furacão atingiu a costa destruindo as casas, barcos, matando crianças, adultos, pessoas de idade, foram tempos difíceis para aquela pequena aldeia, quem não tinha morrido com a tempestade morria de fome...

— É o que aconteceu com a mulher do comandante?

— Ela ficou louca.

— Nossa.

— Não aguentando mais a tormenta de viver sem seu marido, ela subiu no farol, o acendeu, olhou o mar com tranquilidade, tocou sua última canção de despedida, e se jogou no mar, seu corpo bateu contra as rochas e seus restos mortais foram levado pela água salgada.

— Que triste fim. — disse apertando ainda mais a coberta em si.

— Não foi o fim ainda, pessoas que viram a cena contaram que no

momento que seu corpo decrepito bateu nas rochas e que o mar tocou os restos dela, um barco apareceu no horizonte, uma canção triste tomou conta de cada cantinho daquela pequena aldeia viram duas silhuetas, reconheceram era Olivia, ela tinha reencontrado seu marido. A partir daí toda vez que uma tempestade tomava conta é um furacão era formado eles escutavam uma música, e em seguida a tempestade parava. Falaram que era Olivia acalmando os mares.

— Nossa, que história.

— A vida e como o mar Beatriz, ora com ondas grandes que parece que vai te afundar, outras tão calmo e sereno.

Cheguei perto dela e a abracei mesmo com aquele coberto ela ainda sentia frio e tremia o queixo, ela se deixou ser abraçada, descansou a cabeça em meu ombro, sua respiração quente batia em meu pescoço e seu cheiro doce me invadia, passei minha mão sobre seu cabelo, e ela me abraçava forte, a lua brilhava no céu estrelado, afastei seu rosto de mim e o segurei entre as minhas mãos, acariciei seu rosto, seus lábios, ela havia fechado os olhos, beijei sua testa, seus olhos, suas bochechas e só por último seus doces lábios, o beijo foi diferente do que das outras vezes, antes eram beijos roubados, beijos quentes de desejo, daqueles que dão vontade de arrancar a roupa e fazer amor em qualquer lugar, mas esse beijo... Esse beijo era de entrega de sentimento, de amor, e aquelas malditas borboletas que voavam em meu estômago toda vez que eu a tocava estavam lá com mais desejo, com mais paixão, ter ela de livre e espontânea vontade em meus braços era uma emoção que eu não conseguiria descrever, talvez fosse amor de verdade, talvez ela fosse minha Olivia.

— John eu...

— Shiii.

Eu disse entre os lábios e continuei a beija-lá, suas mãos saíram de minhas costas e foram para a minha nuca, as minhas para sua cintura puxando ela mais desejo para meu corpo, o desejo de ambos era obvio, não queríamos nos separar, não queríamos deixar aquele momento acabar, andei devagar com ela ainda me beijando, a encostei na parede, minhas mãos ficaram mais ousadas subindo de encontro com seus seios, assim como as delas, que se abaixavam e apertavam minhas nádegas, ela inclinou a cabeça para trás eu me desprendi dos seus lábios procurando pelo seu pescoço enquanto eu abria os primeiros botões de sua blusa, estávamos ofegantes, suados, o frio de segundos atrás tinha acabado.

— Não John, chega. — Ela me empurrou, me deixando a ver navios literalmente. — Desculpa, eu...

— Tudo bem.

— Tudo mesmo?

— É... sim.

Ficamos alguns segundos num silêncio constrangedor, mas que piada eu era, nem tinha conseguido envolver ela ao ponto dela deixar as coisas acontecerem, então decidi que o melhor era não pensar nisso e fingir que nada tinha acontecido.

— Vamos lá fora, a gente senta na beradinha para assistir o sol nascer?

— Ta doido, a gente pode cair.

— Eu te seguro.

— Não.

— Por favor, vamos, encare isso como... Um desafio.

— John...

— Oi. — olhei para ela com uma carinha de cachorro que caiu da mudança.

— Ok, mas se eu cair venho puxar seu pé.

— Pode ficar tranqüila que eu não vou deixar.

Estiquei minha mão para ela, ela olhou desconfiada, mas, por fim, pegou, sai primeiro vi que era firme e a puxei para mim, ela tropeçou e caiu nos meus braços, tirei alguns fios de cabelo de seu rosto, e ela se desprendeceu tão rápido que nem tive tempo de pensar.

— Aqui em cima é lindo.

— Sim.

— John, me fale mais de você.

— Pra?

— Sei lá não quero ficar em silêncio.

Então comecei a contar minha vida para ela, claro as partes boas, de como conheci os meninos, de como papai construiu a empresa, e de como eu o sucedi na empresa, de como eu achava que minha vida era um tédio é de como essa viagem estava sendo libertador para mim, não contei sobre estar doente, não queria que ela muda-se comigo, se algo rola-se entre a gente rolaria naturalmente. Ela me contou um pouco sobre ela, mas mudou rápido de assunto quando perguntei de sua mãe, ela chegou mais perto de mim.

— John, posso encostar no seu ombro?

— À vontade.

Estiquei meu braço e ela deitou no meu ombro, mais alguns minutos de conversa e ela acabou adormecendo, fiquei ali olhando para ela, a forma com que seu peito descia e subia com a respiração, a forma como ela fazia bico ao respirar, devo ter passado umas duas horas olhando ela decorando cada centímetro do seu rosto.

— Hey acorda, o dia nasceu.
— O que?
— Olha só o sol nascendo está lindo.
— Nossa, que lindo.
— Isso nós mostra que há sempre um novo dia, há sempre uma nova esperança.

— Por que está falando isso?
— Sei lá só deu vontade, vamos temos um caminho longo á percorrer.

— Onde nós vamos?
— Surpresa.
— Mas eu...
— Vem e tudo por minha conta, relaxa.

Até que não demorou muito para chegarmos ao acampamento os meninos já estavam com as barracas desmontadas então decidimos partir, dei uma última olhada para o farol e partimos para uma nova aventura, dessa vez para um lugar ensolarado.

— Onde nós vamos? —perguntou Carla com curiosidade
— Para Disney amor. —beijo na cabeça.
— Sempre tive vontade de ir lá.
— Eu também.
— Nós vamos nós divertir muito.
— Com toda a certeza.
— Um certo rato precisa de uma lição. —Disse dando risada
— O que? —Beatriz perguntou.
— Nada lá você fica sabendo.
— Eu só espero não me meter em confusão com você.
— Não vai sou um anjo. — Disse sorrindo.

Pegamos um táxi de chegamos no aeroporto, assim que chegamos às meninas foram ao banheiro e nós comprar seis passagens de ida não sabia quantos dias ficaríamos por lá, esperamos por elas perto do banheiro, assim que saíram fomos comer alguma coisa, pois estávamos famintos.

— Quero só um café.
— Beatriz vamos fazer uma viagem longa tem que comer.
— Obrigada John, mas eu estou com dor de cabeça, então para não ficar enjoada vou ficar só com o café.
— Pêra ai o que deu em vocês dois?
— Nada. — Respondemos juntos.
— Estranho, vocês sempre são tão sutis como coice de mula um no

outro e agora estão desse jeito, pelo visto a noite rendeu. — Disse Brian sem pensar. — Fritas hambúrguer e coca, por favor, garçanete.

— Eu quero o prato da casa e mais um hambúrguer fritas e uma coca.

— Que fome toda e essa, hein John? Ah, saquei, gastou energias ontem né, seu safado. — Risos.

— Para de palhaçada não sou safado como você, Beatriz e eu não tivemos nada, apenas dois amigos conversando.

— Tem algo estranho desde quando vocês dois são amigos? — Bianca perguntou.

— Me dêem licença, garçanete risque meu café, por favor.

— Espera...

De nada adiantou, ela se levantou e saiu pisando duro e foi em direção ao banheiro, eu sei que ela não gostava de mim, mas agir assim só daria trela para que eles ficassem zombando.

— Entre eu e ela. — apontei pro banheiro. — Não há nada, parem com isso, foi vocês mesmo que pediu para não maltrata-la nem ficar dizendo que ela e carne de pescoço, então vou pedir com educação, não falem mais assim, estamos nos dando bem como amigos. Nisso a garçanete chegou entregou nossos pedidos. — opa obrigado — piscada para garçanete.

Beatriz demorou no banheiro eu fingia que não estava chateado, que não tinha acontecido nada, mas a verdade era que eu me decepcionei com ela, esperava outra atitude, mas nem tudo são flores certo, aquilo que eu estava sentindo estava na cara que SOMENTE eu sentia, suspirei fundo.

A vida tinha o jeito sacana de agir, Beatriz voltou sentou-se bem longe de mim, brincava com uma mecha de cabelo, e distraída olhava para um relógio imenso que tinha no aeroporto.

— Senhoras e senhores o voo 458 destino Flórida vai partir, dentro de alguns minutos, por favor fazer check—in no portão 8.

— Preparadas meninas para uma aventura? —disse sorrindo me levantando da mesa

— Sim.— olhos brilhando.

— Só espero não me meter em confusão.

— Nem eu.

— Ta comigo ta com Deus.

— Se eu fosse você tomava cuidado com o Deus e bem safado ele. — sorriu.

Em quinze minutos estávamos dentro do avião eu como sempre ao lado da Beatriz, olhei para ela, ela suava, tremia, estava ficando verde.

— O que foi? —Perguntei baixinho.

— Nada.

— Pode falar eu guardo segredo.

— Eu... Não se perguntou porque estávamos naquele navio?

— Pra ser sincero não, porque estavam lá?

— Eu... Eu tenho medo de voar.

— Hum.

— Vai rir né?

— Não vou não eu também tinha medo quando era pequeno, daí mamãe segurava minha mão era uns dos poucos momentos que eu tinha contado com ela. — estendendo a mão. — se quiser tentar.

— Ate parece. — virando a cara do outro lado.

— Você que sabe se quiser ela está aqui.

Não demorou muito para que o aviso de apertar os cintos fosse anunciado, Beatriz tremia mais ainda, mas não pegava na minha mão, mulher marrenta, assim que o avião começou a andar e a decolar ela pegou forte na minha mão e não soltou ate que descemos na Flórida. Assim que chegamos e o avião aterrisou a primeira coisa que ela fez foi sair correndo.

— Até que fim chegamos pensei que não ia chegar nunca.

— Calma fala ai gostou de pegar na minha mão. — piscadinha.

— Não você soua de mais credo. — limpando a mão na calça.

— Sei, sei, e ai vamos?

— Sim.

Todos responderam ao mesmo tempo, assim que pegamos as malas, chamei dois táxis e partimos em direção a Disney as meninas foram em um e nós no outro, não sei o papo de mulher, aposto que elas tinham muito que conversar, então dei de ombros e deixei elas irem sozinhas, como sempre Brian falava um monte de porcaria, Carter ria e eu os repreendia, então começamos a fazer planos e mais planos, e torcendo para que dois dias, desse conta do recado.

— Nossaaaaaaa.

— Que foda esse lugar.

— Não acredito, nisso

— Uau

— Vamos entrar logo. — Pegando na mão de Bianca e arrastando ela parque á dentro.

Rodamos o parque todo até chegar ao hotel, que era grande luxuoso, víamos quadros dos personagens pendurados por todo lado, gente muito feliz, sorridente e simpática, passamos na recepção nos registramos, pegamos nossos quartos, as meninas me pareceram desapontada quando entreguei apenas uma chave para elas, eu não queria ter que ficar com a Beatriz, pelo simples motivo que não

saberia minha reação se ela fica—se assim tão perto de mim, marcamos de sete horas nos encontramos no saguão, afinal precisávamos descansar, dormimos o resto da tarde. Chegando ao quarto eu fui o primeiro a tomar banho, desabei na cama com um pano úmido na testa minha cabeça explodia e eu me sentia tonto.

— John, você está bem? —Carter falava ao me sacudir.

— Sim só to com uma dor chata de cabeça. —Eu não menti, mas também não disse toda a verdade, de repente ficaram em silêncio.

— John?

— Fala Brian.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Manda.

— O que aconteceu entre você e a Beatriz?

— Nada... Nada que eu quisesse.

— Uou então teve algo.

— Sim, um beijo.

— Só um beijo? — Carter disse parecendo desapontado.

— Sim, mas não foi um beijo foi O Beijo.

Eles começaram e me encher de perguntas, respondi algumas e outras não, então eles ficaram quietos, dei uma espiada e os vi deitado estavam dormindo, dei graças a Deus me virei pro lado e apaguei. Acordei primeiro que eles, me arrumei, os chamei e sai do quarto e fui para o saguão e sentei lá, era um lugar lindo todo decorado, quem não se sentiria criança ali com todos aqueles personagens magia o encanto todo que Wall Disney, foi capaz de criar.

— Oieeee, tem alguém aí?

Eu a vi antes que ela me visse, quando seus olhos cruzaram com o meu ela ficou sem jeito sorri ela estava linda em um vestido branco com detalhes rosas, metade do cabelo solto e a outra metade presa. Tive que recompor meus pensamentos antes que eu abrisse a boca e fala-se algo para ela.

— Sim tem sim, e que me distrair olhando pro teto.

— Teto? —olhando para ele. — Nossa é lindo.

— Sim dá para viajar, cadê as meninas?

— Passaram no quarto dos meninos, estão vindo.

— Ah sim.

Demorou um pouco, mas eles desceram e fomos passear andamos na montanha russa e mais uns dois ou três brinquedos, estavam anunciando a queima de fogos atrás do castelo da Cinderela, claro não poderíamos perder isso, em poucos minutos o céu estava todo iluminado de várias cores graças aos fogos, todos olhando para cima, Beatriz estava ao meu lado, nossos braços se encostavam, eu senti um leve arrepio, ela pegou na minha mão e entrelaçou

nossos dedos, e sorriu não consegui dizer nada.

— Que lindo isso. — Carla disse num sussurro.

— Também acho.

— Pena que acabou.

— E ta tarde preciso ir.

Disse ríspido soltando rápido a mão dela e fui para o quarto, me sentei na cama tirei o tênis e deitei, fiquei olhando para o teto e pensando. Na manhã seguinte 7:40 am, me levanto com um pulo animado.

— Vamos acordar cambada. — pulando em cima deles.

— Sai fora.

— Seu gay to com sono.

— Nada disso, vamos lá temos muita coisa que ver ainda, vamos, vou tomar banho quero vocês de pé em cinco minutos. Minha animação era total, mas eles não estavam nem ai, me arrumei eles estavam começando a se levantar.

— Eu vi.

— O que?

— Beatriz pegando na sua mão.

— Te que fim ta rolando né. — Brian disse rindo

— Vamos mudar de assunto, até mesmo porque não tem nada.

— Não é porque você não quer né?

Taquei um travesseiro neles logo eles se arrumaram e saímos às meninas estavam tomando café já sentamos com elas comemos muito bem, cada coisa mais gostosa que a outra e saímos queria logo fazer o que tinha que fazer. Andamos pelo parque, visitando tudo que víamos, quando saímos de uma loja de pelúcias, o avistamos.

— Olha lá. —Apontei para ele.

— Te que fim encontramos esse rato safado.

— Sim. —sorriu.

— O que vão fazer? —Bianca perguntou

— Você vai ver.

— To vendo que vão fazer bobagem né? —Beatriz perguntou

— Que nada, fica de boa.

Saímos em direção ao Mickey, ele estava do lado da Minnie junto com o pateta.

— E ai Sr rato tudo bem?

Ele fez que sim com a mão.

— Olha só o pluto e orelhudo.

— Minnie minha querida, vamos dá um role por ai? —abraçando ela, ela tentava se soltar.

— E ai Mickey, me diz como e essa ratinha na cama?

Dava para ver pela posição dele que ele não tava gostando de nada da brincadeira então vi que o rabo da fantasia dele soltava, não pensei duas vezes o puxei e sai correndo, os meninos e meninas vieram atrás da gente, corremos até o hotel pegamos nossas coisas e saímos, tínhamos mais uma missão por aqui antes de ir embora.

— Vocês são doidos. — sorriu.

— De mais.

— Por que fez isso?

— Deu vontade, vamos temos que pegar um táxi para outra cidade.

— Ai para onde.

— São Franciscooooo. — falamos juntos para as meninas, elas sorriram.



**“Loucura é só um ponto de vista.
Jonny Deep.”**

— Mas o que a gente vai fazer lá? — Perguntou Beatriz

— O que tem de especial lá? — Carla se virou para Carter e perguntou

— Tem uma ladeira. — Me apressei em dizer

— Ah grande coisa uma ladeira vão subir ela? — Bianca falava gesticulando.

— Bem minha querida a gente não quer subir ela, é sim descer ela.

— De patins.

— É com uma coisa especial.

— Coisa especial? — Beatriz disse levantando uma sobrancelha.

— Sim lá vocês vão ver o que é.

— Aiai isso tá me cheiro a encrenca.

— Nem vai ser Beatriz relaxa ta.

— Do jeito que vocês são loucos não dá para relaxar.

— Loucura é só um ponto de vista.

— Essa frase eu conheço.

— Johnny Deep. — Ela sorriu

— Vamos parar de papo furado e vamos logo quero descer a ladeira.

—sorriu.

— Eu também. — Brian comentou

— Então vamos como vamos fazer para ir? Carros separados de novo?

— É se alugássemos um?

— Pra que só por algumas horas?

— Para vai assim a gente curte a viagem todos juntos sem parar.

— E se pegássemos ônibus, acho que seria mais interessante.

— Sim aqueles vermelhos de dois andares. — Escutei um pigarro olhei para Carla

— Desculpe interromper, mas a gente pode dar uma opinião?

— Fala amor.

— Preferimos o ônibus, o carro tem que voltar para devolver.

— Então fechou vamos de ônibus e depois pegamos um avião.

— AVIÃO? Pra que mais avião, vamos de carro barco nadando para casa menos de avião.

Beatriz falou de uma vez se engasgando, as meninas se entreolharam e gargalharam e juntos falaram não, ela me olhou como seu eu manda-se ali, dei de ombros.

— Temos uma lista bem grande para fazer ainda e não estamos nem na metade do que pensamos, Beatriz. — Falei para ela.

— Hum, mas temos mesmo que pegar avião?

— Sim. — Cheguei perto dela e falei baixinho no seu ouvido. — Mas eu deixo você pegar na minha mão. — sorriso, ela me socou no ombro.

— Seu imbecil, vamos logo quero ver o que vão aprontar. — falando sozinha andando na frente. — Panaca acha que eu quero ficar pegando naquela mão suada dele, que nojo.

Assim então começamos a andar até uma rodoviária, mas para a nossa frustração não tinha ônibus daqui para lá assim teríamos que viajar em um ônibus comum, mas tudo bem valeu muito a pena sacaneamos as meninas porque elas dormiram no ônibus cantamos um pagodão no fundão, é quando estávamos quase chegando comecei a sentir tontura, então sentei no meu banco e olhei para fora, minha vida estava passando tão rápido quando aquela paisagem era estranho pensar que eu poderia ir dormir é não levantar mais, era estranho saber que alguns dias me separavam da morte, era assustador pensar que eu estava morrendo. Eu não sei mais o que fazer, por fora eu parecia confiante, mas por dentro, cara por dentro eu morria cada dia mais, não queria ter que partir, queria viver.

— O que foi mano?

— Nada.

— Fala ai bicha.

— E que só to pensando que a minha vida ta passando rápido de mais é se não fossem vocês eu não teria a chance de viver ela.

— Para com isso por favor, você vai viver muito ainda.

— Vocês sabe que não vou.

— E se viver?

— Sei lá farei tudo diferente, mas não tenho essa esperança. — Carter se sentou bravo no banco da frente.

— Que saco vamos mudar de assunto?

— Não fica bravo. — chutando o banco, ele se ajoelhou no banco e me olhou

— Não é que eu esteja bravo, só não quero pensar nisso agora pode ser?

— Por mim tudo bem.

O ônibus parou chamamos as meninas que ainda dormiam elas iam ficar brava com a gente, mas valeria a pena, as chamamos e descemos, logo em seguida escutamos um grito dentro do ônibus, nós já estávamos do lado de fora começamos a rir elas desceram bravas.

— Mas que merda fizeram? — Bianca batia o pé.

— Eu te mato Brian.

— Calma é só batom.

— É só batom, John porque não passaram o batom no....

— Olha só ela fala palavrão, que feio Beatriz.

— Vai se ferrar John. — mostrando a língua para ele.

— Vão se lavar meninas ali tem banheiro esperamos por vocês. — rindo.

— Só não tentem tirar o emprego do patati e patata tá bem. — sorriu.

— Isso não tem graça, sabia?

— Tem sim.

— Hey gente ali tem uma loja de patins vamos comprar em quanto elas se arrumam, vão demorar mesmo, meninas vão para lá quando acabarem está bem?

— Ok. — Saíram resmungando.

Atravessamos a rua e entramos dentro da loja ela estava vazia o atendente folheava uma revista ficamos olhando pros patins turbinados e pensei como é que aquilo era usado, dei de ombros peguei um simples com rodinhas igual aqueles de patins no gelo, as meninas não iriam querer participar dessa loucura, se bem que seria legal, não precisava ser como a gente, mas ia ser maneiro elas descer a ladeira então compramos só os nossos, mas se elas quisessem daríamos um jeito. Meia hora depois, elas finalmente saem do banheiro estávamos sentado na frente da loja tomando um sorvete o calor era muito.

— Nossa ate que fim saíram do banheiro.

— Se fode John, me deixa em paz.

—iiiiii tá azeda é?

— Não é da tua conta.

— Calma. — Carla tentava acalmar Beatriz, que não sei porque ficou tão furiosa

— Vamos fazer logo a loucura que querem fazer e procurar um lugar para dormir to com sono.

— Quer dormir mesmo? —Disse rindo.

— Sim e bem longe de vocês, estrupício.

— Ta brava com a gente porque Beatriz? — Carter perguntou calmo

— E por quê?

— Ainda perguntam.

— Bem desculpe a brincadeira, fui eu que passei batom em você não eles, brigue comigo se quiser ok? — Disse falando sério para ela, me virei pras meninas. — Vão querer andar de patins com a gente?

— Não se fosse uma coisa normal podia até ser, mas descer uma ladeira não obrigada dou valor a vida. — Carla falou sorrindo

— Também não quero. — Bianca disse tomando o sorvete da mão de Brian

— Muito menos eu, vocês são loucos isso sim. — Beatriz falou mais calma

— Então ta, vamos lá temos que andar um pouco.

Andamos uns cinco quarteirões é chegamos, paramos em cima da ladeira. Talvez ela não fosse a mais alta do mundo, mas com toda a certeza ela era bem alta, lá de cima se via o porto, o mar se confundia com o azul do céu que somente conseguia decifrar o que era o que por causa de alguns barco que tinha por ali.

— Nossa como ela é alta.

— Sim. — respondeu Carter engolindo a saliva.

— Vamos lá?

— Sim, meninas vão descendo a gente se vê lá em baixo, pode ser?

Disse Brian dando um beijo em Bianca. Elas juntas disseram sim com a cabeça é assim foram descendo juntas de braços dados calmas tranquilas. Não demorou muito para nós começar a descer a ladeira, todo mundo olhava para a gente, claro não tinha como passar despercebido, até mesmo porque era impossível isso, não por descer ela de patins mas sim por causa de como estávamos, passamos ao lado das meninas e mexemos com elas, sua voz longe apenas era decifrável pelo espanto.

— Não acredito.

— Nem eu, eles precisam ser internados.

— Estão descendo a ladeira nus.

— Corre meninas.

Elas começaram a correr atrás da gente chegamos lá em baixo e colocamos pelo menos a cueca, foi aí que um guarda chegou perto da gente e começou o interrogatório, achei que iríamos ser presos, mas não ele liberou a gente, contando que a gente não fizesse mais isso.

— Vocês são loucos? — Beatriz já vinha brigar.

- Porque a pergunta tá na cara que são. — argumentou Carla
- Ain adorei ver isso.
- Sei que gostou gata. — Brian disse puxando Bianca para um beijo.
- Tô cansada gente vamos descansar, tá escurecendo.
- É concordo precisamos descansar.

Nós vestimos rápidos e achamos um hotel, eu não queria saber de nada, só queria dormir desabei na cama e só acordei às cinco da manhã do dia seguinte, peguei o telefone e liguei pro aeroporto.



**“Um cavaleiro mede seus valores, por seus feitos.
Os cavaleiros da tábola redonda.”**

No dia seguinte levantamos cedo, tomamos café todos juntos curtimos um a piscina do hotel e lá pelo meio dia fomos embora, no avião aconteceu à mesma coisa Beatriz grudou em minha mão e não soltava por nada, eu achei que isso era uma desculpa dela, mas quando olhei em seu rosto é vi que ela estava pálida, parei de achar graça e tentei confortar ela.

— Calma relaxa não precisa ter medo.

— E maior que eu John eu não aguento é se o avião você sabe — falando baixo — cai.

— Mas não vai.

— Por que tanta certeza?

— Porque eu to nele.

— Que convencido

— É verdade, dorme um pouco vai te fazer bem, meu ombro está a sua disposição.

— Até parece que vou encostar em você.

— Vamos Beatriz dormir vai te fazer bem pequena, prometo não te sacanear e nem deixo os meninos fazer o mesmo.

— Pequena?

— Desculpa gigante.

— Não confio em você. — Ela disse sorrindo

— Promessa de John Mayer é quando prometo eu cumpro, vai lá descansa. — Ela tentou dormir, mas estava nervosa.

— John não consigo dormir.

— Beatriz eu não vou te zoar.

— Não, não é por isso, hum... É eu confio em você.

— Confia?

— Sim, mas é que, estou nervosa. — Ela disse jogando as mãos pro alto.

— Vem cá deita no meu ombro.

— Não.

— É sério relaxa.

Mesmo a contra gosto ela fez, a abracei com carinho é cuidado, escutei os meninos dando risada, Beatriz se remexeu inquieta.

— O que foi?

— Lembra do farol?

— Sim. — agora quem se remexia era eu, onde ela queria chegar relembrando aquele dia, será que era do beijo que ela iria falar?

— Eu gostei daquela história que você me contou.

— Há isso.

— Sim pensou que fosse o que?

— Nada, me diz o que tem a história? —Panaca é claro que ela não ia falar do beijo.

— Sabe outras histórias?

— Sim.

— Me conta outra.

Pensei um pouco não queria contar qualquer história para ela, mas aquela lá no farol eu tinha inventado claro que o farol foi construído para ajudar as embarcações para não bater contra as rochas, mas Olivia e o comandante foi.

— Conhece a história do Morfeu, Deus dos sonhos?

— Mais ou menos, pode me contar?

— Sim claro. Morfeu tinha a habilidade de assumir qualquer forma humana é aparecer nos sonhos das pessoas como se fosse à pessoa amada por aquele determinado indivíduo. Seu pai é o Deus [Hipnos](#), Deus do sono. Os filhos de Hipnos, os [Oneiros](#), são personificações de sonhos, sendo eles [Ícelo](#) e [Fântaso](#). Morfeu foi mencionado na obra [Metamorfoses](#) de [Ovídio](#) como um Deus vivendo numa cama feita de [ébano](#) numa escura caverna decorada como flores. A droga [morfina](#) tem seu nome derivado de Morfeu, visto que ela propicia ao usuário sonolência e efeitos análogos aos sonhos.

Olhei para ela e ela dormia, acho que eu tinha o dom de fazer essa mulher dormir, uma pena porque eu queria deixar ela bem acordada, fazer o que, me ajeitei na minha cadeira e acabei dormindo também.

10 horas depois...

Acordei com a aeromoça avisando que dentro de alguns minutos estaríamos pousando, olhei para Beatriz ela ainda dormia tranquila em meus braços.

— Beatriz, acorda.

— Eu tô acordada.

— Sei, sei, chegamos.

— Nossa mais já?

— Sim, você dormiu feito uma pedra, acho que Morfeu te pegou de

jeito.

Ela riu eu também, quando descíamos ela segurou firme minha mão e respirava devagar, fiz ela olhar para mim enquanto falava sobre bobagens, não ajudou muito, ela ainda tremia, mas aliviou um pouco daquela tensão em seus ombros. Assim que descemos, pegamos nossas malas, é ao abrir a porta do aeroporto uma imensa montanha se erguia esplendorosa diante de nós.

— Nossa que lugar foda olha aquilo aquela montanha. Olha essa cidade.

— Onde vamos ficar John?

— Já está tudo acertado vamos ficar em um mosteiro. — disse levantando o dedo.

— Mosteiro?

— Puta que foda isso adorei os monges são bem doidos

— To doido para chegar lá como vamos?

— Daqui a pouco parte um ônibus de turistas para lá nossas passagens já estão reservadas

— Pensa em tudo hein John. — Bianca disse sorrindo.

— Pensa mesmo. — Concordou Beatriz.

— Ai nunca pensei que eu viria pro Japão, sempre tive vontade de conhecer essa terra. — Carla disse com um sorriso de orelha a orelha. — Como você conseguiu John?

— Tenho lá meus contatos.

— E que contatos heim.

Sentamos na praça e esperamos o ônibus não demorou muito para que ele chegasse, e ele chegou quase que atropelando algumas pessoas da praça um senhor japonês bem velho, desceu do ônibus e sorriu para gente.

— Seis são os blasileros né — afirmei com a cabeça — Então sobe aí que o tio Sam leva vocês — ele deu um sorriso faltando dois dentes da frente e seus óculos eram tão grossos que pareciam fundo de garrafas — Cuidado tá apletem os cintos.

— Desse jeito até uma mula levava a gente mais rápido. — Carter disse se sentando e apertando os cintos.

— Pois e né.

Nós sentamos apertamos o cinto o velhinho mexeu no retrovisor buzinou e arrancou com o ônibus em várias curvas tive que me segurar para não cair para fora, ele andava tão rápido com aquele ônibus velho que eu estava começando a pensar se foi uma boa ideia ter deixado ele nos trazer, meu estômago estava revirado, minha cabeça rodava em trinta e cinco minutos estávamos no mosteiro, desci com as pernas bambas, apoiei minhas mãos no joelho, Beatriz veio ver

como eu estava e pedi um minuto para ela me recompor, quando me virei me deparei com a entrada do mosteiro, entendi porque do silêncio do pessoal, estavam admirando a paisagem, tirei meu óculos escuros e olhei, fui o primeiro a falar alguma coisa

— Nossa...

— Que lugar...

— Lindo e esse?

— Estão sentindo isso? — Perguntei olhando atento aos meus amigos

— Sim e uma sensação de paz não é mesmo? — disse a Beatriz.

— É como e vamos entrar logo quero ver como e por dentro quero ver os ninjas samurais lutando.

— E só nos apresentar.

O portão se abriu um enorme pátio cheio de monges meditando foi nossa visão, não tinha ninjas, nem samurais com suas grandes espadas, não tinha aquele ar de filme de Bruce Lee, o que tinha algumas pessoas enormes por ali e não falo enorme só no peso não eram realmente grandes deveriam tem no mínimo 2 metros de altura, passando por eles me deu uma imensa vontade de conversar, mas como estavam meditando, deixei para depois.

— Se eles derem um tapa a gente voa.

— Com certeza. — disse boquiaberto.

— Olá são os brasileiros?

— Sim somos.

— Eu sou o Sr. Miague prazer em recebê-los — Ele fechou a mão em forma de oração e se curvou nos fizemos o mesmo.

— O prazer é todo nosso Sr.

Ele sorriu, um sorriso doce, suave, agradável, é quando fazia isso seus olhos fechavam coisa de japonês que não consegue rir com os olhos abertos.

— Venham comigo mostrarei seus quartos, separados claro aqui não e lugar para safadeza.

— É quem tá falando em safadeza se bem que e bem gostosa ela né — sorriu, cutuquei Brian e fiz que não com a cabeça.

— Esses jovens.

Ele abriu a porta do templo é começou a nos contar as coisas, passamos por outras diversas portas, várias estátuas, imensas colunas decoradas e lustres tão luxuosos que dava até dó de olhar.

— Aqui e um lugar sagrado um lugar para meditação um lugar para se falar com Deus, nossa rotina é essa 4:30 acordamos, fazemos nossas orações em jejum ainda às 7:00 vamos tomar café até o meio dia e livre fazemos o que queremos a maioria medita depois vem o almoço as orações, treinamento e em

seguida o jantar dormimos às 7:00 da noite.

— Que cedo. — Resmungou Carter.

— Pra quem acorda cedo meu amigo, é tarde. — Ele parou na frente de uma porta enorme. — Esse é o quarto dos meninos o da frente e das meninas, por favor, respeitem cada um no seu quarto.

— Ok! Pode deixar vamos respeitar.

— Boa estadia se precisar e só chamar.

Assenti com a cabeça e ele saiu às meninas foram correndo pro quarto delas eu abri o nosso de vagar.

— Puta que pariu que quarto é esse caralho.

— Olha só a decoração é essa cama enorme só para mim — Carter pulando nela. — é tão macia.

— Escutaram o senhor Miague né sem safadezas, por favor, obedecem as regras. — Disse ríspido.

— Tá bem né.

— Fazer o que, o que achou do quarto John?

— Lindo muito bem decorado é a cama gostosa — Disse me deitando nela. — Eu estou com sono acho melhor tomar um banho e deitar.

— Eu quero explorar esse mosteiro.

— Eu também.

— Vem com a gente John?

— Não obrigado vão vocês eu preciso descansar.

— Tem certeza?

— Sim saiam logo quero ir pro banho. — eles saíram.

Eu desabei na cama, não estava cansado merda nenhuma estava morrendo de dor de cabeça, queria ficar sozinho, entrei no banheiro liguei a ducha bem quente e forte e fiquei ali de baixo por uma meia hora chorei sozinho quis gritar mandar o mundo se ferrar, mas não saia nada só soluços peguei a toalha me sequei e me vesti e deitei na cama toda a hora velhas lembranças da minha vida e eu não conseguia parar de pensar nelas.

— Onde foi que eu errei? Onde? Por que eu, por quê?

Me levantei sequei às lágrimas é decidi dar uma volta aquela montanha me chamava, e eu precisava escutá-la.



**“É que uma rosa não nasce
no jardim de um coração que chora.
Palhaço Paranoide”**

Aquela montanha me chamava.

Decidi subir até lá, queria sentir um pouco de paz, tirar essa angustia do meu peito, queria tirar da cabeça tudo aquilo que meu coração insistia em lembrar, peguei a mochila e comecei minha escalada, claro que não em disparada no meu ritmo devagar quase parando, estava cansado com falta de ar, minha cabeça girava, mas eu precisava chegar lá.

Cada dia que passava eu me sentia mais cansado com mais dor, minha cabeça latejava, doía, e meu coração chorava cada dia mais, eu não queria morrer, eu queria viver, peguei um galho de árvore, e me apoiando nele cheguei até o topo, quer dizer não ao topo, topo, mas cheguei onde queria, olhei lá de cima, dali dava para ver grande parte daquela terra abençoada, que transmitia paz, conforto, era alto, me senti no céu ali, fechei os meus olhos, suspirei fundo inalando aquele ar tão puro e gostoso levantei minha cabeça, abri meus braços e gritei.

Gritei com toda a minha força.

Gritei pro mundo me ouvir.

Gritei até toda a minha angustia sair, mas quem eu estava tentando enganar essa angustia não sairia tão fácil assim de mim, estava impregnada na minha pele, nos meus ossos em todo meu ser.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh.

Ajoelhei — me e comecei a chorar, no que pensei?

Em tudo!

Em todas minhas brigas, em minhas vitórias, nos meus amores, nos desamores, na minha vida, na minha saúde nos meus amigos, nos meus pais e nela, na Beatriz, naqueles olhos azuis tão doces, mas que transmitiam tanta tristeza, olhei pro céu, e em súplica perguntei.

— Por que, senhor? Por que agora, porque assim? Me diz? O que eu fiz para merecer isso?

Esperei por longos minutos como se eu fosse escutar uma resposta.

Mas que droga! Se ouvisse qual seria essa resposta? Talvez um sintoma muito? Ou quem sabe um desculpe John é a vida esse é seu destino!

Um cacete que era a vida, uma porcaria que era meu destino.

— O que eu fiz, onde eu errei? Eu fui tão mal assim? Por que eu não posso viver? Ser feliz?

Esperei mais alguns minutos, não para obter respostas, havia desistido de obtê-las porque eu sabia que não viriam, mas para minha voz fosse ouvida e não meu choro e soluços, chutei uma pedra que caiu abismo abaixo então me sentei cruzei as pernas bem ali na borda, se caísse iria ser menos doloroso do que morrer com essa porcaria de tumor no cérebro, idiota, porque tinha que ficar assim heim?

Coloquei a mão no queixo e esperei, assim que me recuperei continuei.

— Ah! Deus porque disso? Porque não posso viver feliz até ficar velhinho, ter filhos, netos bisnetos, os ver crescer ensinar o que é a vida porque não posso viver com a mulher da minha vida, acho que ate já a encontrei, mas não posso dar esperanças, não quero que ela sofra, não quero.

— Ninguém vai sofrer John!

— Mas o que você está fazendo aqui? Você me escutou?! — Disse tentando me levantar, ela balançou a cabeça e se sentou ao meu lado.

— Quis subir aqui, assim como você quero esquecer coisas também, um pouco, não tudo.

— O que você quer esquecer?

— Coisas.

— Que coisas?

— Não sei se e bom te contar.

— Conte, quem sabe você não para de ser chata assim. — Sorri para ela.

— Chata é... Nem numa conversa seria você perde esse seu humor ridículo né? Eu vou embora que é a melhor coisa que eu faço.

— Não espera. — A segurei pelo braço, mas ela se soltou cruzou os braços e me encarava com cara de brava. — Estava brincando, fica comigo, se não quiser não precisa falar nada, apenas fique comigo.

— Ok.

Me Ajeitei na mesma posição ela ainda ficou de pé, se meu humor era ridículo, o dela no mínimo era de uma velha de 120 anos, sorri.

— Senta eu não mordo.

— Não quero!

— Por quê? Ah! Já sei você não vai resistir a mim, fazer o que quem manda ser gostoso. —Gargalhei alto.

— Nem é seu besta, você é totalmente resistível, e magrelo mais parece um pau de virar tripas.

Ela se sentou, e me mostrou a língua, ficamos em silêncio alguns minutos apenas olhando a paisagem, fiquei pensando no quanto ela tinha escutado, é no que ela entendeu no que tinha escutado, olhei para ela seu cabelo caia numa trança desajeitada no ombro, alguns fios rebeldes voavam e ela tentava controla —lós, mas não adiantava muito, respirei fundo e encarei a paisagem novamente ali era realmente incrível...



Queria paz, me livrar dos tormentos que eu carregava na alma, queria esquecer, queria nunca mais ter que lembrar, queria apenas sumir, queria que houvesse uma fórmula mágica que fosse só destampar tomar e puft...

Todas as lembranças amargas, ruins sumissem da mente e do coração, mas como isso não existia o jeito era saber lidar com todos esses pesares que eu carrego, suspirei triste, as meninas saíram por aí com os meninos elas gostavam mesmo deles, pelo menos alguém era feliz nessa porcaria toda, sai na janela é vi John saindo, mas para onde ele iria? Eu ainda não decidi o que afinal de contas eu sentia por ele, tudo que a gente passou desde aquele dia no navio, os beijos roubados, e daquele beijo no farol me deixavam confusa, eu o odiava com todas as minhas forças, mas, ao mesmo tempo, eu gostava dele, quando ele me tocava ou estava perto, sentia arrepios intensos, sentia como uma corrente magnética me ligando a ele, isso fora aquele frio no estômago, aquela sensação que meu coração fosse pular do meu peito e ir de encontro com o dele para juntos se formarem apenas um, que bobeira Beatriz você apenas está querendo se livrar de toda essa magoa que está escondida dentro de você, afinal um amor não nasce num coração morto para isso, olhei para ele, ele iria subir a montanha foi então que tomei uma decisão passei a mão numa jaqueta e fui atrás dele, claro que escondida, não queria que ele me visse, ele ia devagar parava de vez em quando, seu rosto estava pálido, será que estava passando mal?

Quando chegou ao topo ele gritou chorou, perguntou para Deus o porquê disso, fiquei confusa, disse que não queria ninguém sofrendo com a falta dele, não resisti e falei com ele deveria ter ficado quieta, ele se acha de mais, mas pela primeira vez senti vontade de falar sobre o que tinha acontecido comigo, me sentei perto dele, envolvi minhas pernas com meus braços e por alguns minutos

pensei em como começar a falar, respirei fundo é...

— Sabe John, sei que sou chata às vezes, meio retraída, não deixo as pessoas chegarem perto, mas e porque tenho medo de sofrer de novo.

— De novo?

— Sim de novo... há um ano e meio atrás conheci alguém, me encantei por ele, Bernardo era bonito, simpático, charmoso, seu sorriso me encantou, um mês depois começamos a namorar... É a cada dia que passava eu ama ele mais e mais... Sabe quando você sente que encontrou a pessoa certa para você que é ela e vai ser sempre?

— Acho que sim. — ele suspirou. — Mas me diz o que aconteceu?

— Vivemos felizes por um ano ele era perfeito, sempre atencioso, me mandava flores sempre, o carinho, o cuidado dele comigo era tão lindo tão grande queria ter ele para sempre na minha vida... Lembro desse dia como se fosse ontem, ele me falando que era especial, eu perguntando porque, ele falando que a lua e as estrelas estavam de prova e nada como elas para serem madrinhas do nosso amor, um amor eterno cheio de alegrias e surpresas, que me queria para vida toda que me amava então me pediu em casamento.

— Mas é aí, você se casou?

— Dois meses depois estava na igreja linda com meu vestido, estonteante de felicidade, estava nervosa não vou negar, com medo de algo dá errado, mas afastei isso da cabeça, queria e seria feliz para todo o sempre, saca como nos contos de fadas, esperei, esperei, ele não chegava na igreja é o medo foi tomando conta achava que tinha acontecido algo, quando decidi sair da sacristia é ver o que estava acontecendo Bianca e Carla entram pensei que já poderia sair, mas não... Elas me fizeram sentar falaram que não estava na hora ainda, pediram para eu me acalmar e tomar água, eu não queria me acalmar eu estava calma queria era casar e sair dali logo, foi então que Bianca tirou um envelope de dentro da bolsa é disse que era do Bernardo. Peguei a carta da mão dela John, comecei a ler, não acreditava no que lia, não podia ser verdade, sai correndo, a igreja já estava quase vazia, alguns convidados ainda estava ali eu chorava desesperada, meu coração doía, eu não conseguia respirar direito, tentei correr, mas não consegui, cai no meio da igreja às pessoas que ali estavam correram para me ajudar, mandei todo mundo se afastar comecei a gritar, gritei tanto que minha garganta doeu depois chorei, meu peito doía, meu coração tinha sido partido, por alguém que eu julgava me amar acima de tudo. Acho que a gente nessa vida só vai se machucar por aqueles que amamos.

— O que dizia a carta?

Coloquei a mão no bolso, tirei um papel amassado, um papel velho suas dobras estavam quase se rasgando, já li tanto aquilo que eu já tinha até decorado

as poucas linhas da minha infelicidade, entreguei a carta pro John ele abriu com cuidado e começou a ler.

— Minha querida Beatriz... Por circunstâncias que escapam ao meu controle, estamos nos despedindo. Espero que está despedida não signifique um rompimento definitivo, não queria isso você é uma mulher maravilhosa te amei muito, mas o amor acabou, nada é para sempre, conheci outra pessoa assim que te conheci, mas com o nosso casamento passei mais tempo com ela e descobri que eu a amava muito mais do que amei você, sinto muito, não posso ficar com você... beijos Bernardo seja feliz.

— Nossa que panaca ele, sinto muito. — Disse abaixando a carta e a dobrando novamente

— Todos sentem, mas essa não é a pior parte!

— Como não ele te abandonou por outra e um safado, sem vergonha, um belo de um puto. — Eu sorri com a indignação dele

— Não é a pior parte, deixa eu terminar...

— Não?

— Não, quando cheguei em casa, tinha outra carta na minha cama... era da minha mãe — comecei um choro compulsivo — dizendo que sentia muito, mas que não podia mais aguentar, que estava apaixonada pelo Bernardo, é que ele por ela também que iriam fugir juntos, pediu para eu não a odiasse que era a vida, e a vida era que mandava é que simplesmente aconteceu.

— Nossa, não esperava por essa.

— Nem eu John, nem eu... Foi um punhalada em mim no meu coração, apunhalada duas vezes no mesmo dia por duas pessoas que eu amava profundamente, então entrei numa depressão profunda, parei de comer, parei de sair, pedi demissão da minha firma, só queria dormir queria apenas ficar na minha cama e dormir para sempre, nunca mais abrir os olhos... Nisso se passou quase um mês, foi quando meu pai resolveu me internar fiquei no hospital, eu estava quase morrendo John, as meninas sempre do meu lado me dando força apoio, elas pediam para mim sair dessa que nos três íamos ser felizes, é foi isso que aconteceu aos poucos por elas, pela nossa amizade eu sai do hospital então resolvemos sair para viajar, para aproveitar a vida.

— Beatriz eu sinto muito, muito mesmo.

— Eu não sinto não vou te falar que não choro por isso, eu ainda choro, ainda dói ainda sangra, mas a dor está diminuindo cada dia que passa.

— Ainda bem.

Me aproximei dele encostei minha cabeça em seu ombro, ele passou sua mão direita na minha cintura é me segurou firme forte, não pude conter as lágrimas desciam rápidas e amargas pelo meu rosto, fiquei quietinha, ele me fazia carinho,

não esperava ser tão compreendida por ele, ele não me acusou de ser fraca nenhuma vez, não jogou na minha cara que isso não era motivo para aquela depressão, ele me entendeu tão bem que não parecia que estava conversando com ele, eu sei que não seria fácil apagar essas coisas assim rápido do meu coração, sabia que esse tipo de coisa deixaria a marca a minha vida toda, mas também sabia que dependia de mim saber o que fazer com ela, afinal não sou responsável pelo que fazem a mim, mas sou responsável pelo vou sentir e fazer em relação a isso, foi com esses pensamentos que adormeci... Outra vez nos braços dele, outra vez me sentindo segura.



**“Seus Feitos, são seus monumentos.
Extraordinário”**

Ficamos ali sentados por algum tempo, ela chorou até adormecer encostada no meu ombro senti pena dela, terminar assim no dia do casamento era difícil ainda mais se seu noivo tivesse fugido com outra e essa outra fosse sua mãe.

Pensei mais uma vez na vida, em como ela faz as coisas para que talvez corrigir um caminho, se não fosse minha doença eu não estaria aqui, se não fosse a tristeza de Beatriz ela não estaria aqui, estaria casada com outro cara, parei e pensei talvez fosse nosso destino nos encontrar nesse exato momento, um momento difícil é delicado para ambos, será que se algo tivesse acontecido, algo do tipo eu ter ficado para me tratar, será que eu iria conhecer ela?

Entre tudo que eu sentia sobre esse maldito tumor pela primeira vez eu agradeci, foi por ele que eu a conheci. Olhei para ela, ela dormia calma tirei uma mexa de cabelo do seu rosto, é mais que tudo nessa vida eu queria encostar meus lábios no dela é mostrar que nem todo homem é burro ao ponto de deixá-la, mas acabei achando que seria de mais nesse momento então fiz o que tinha que fazer, estava ficando tarde é frio, e por mais que minha vontade fosse ficar ali com ela eu a chamei delicadamente passando meus dedos frios em sua pele quente macia.

— Beatriz? Acorda, está tarde.

— É oi...

— Acorda.

— Não estava dormindo. — Ela disse se levantando do meu ombro, droga!

— Ok não estava, vamos voltar pro mosteiro, está ficando frio.

— Não aguenta um ventinho não John Mayer. — sorriu se levantando

— Não quero você doente, mas se você quiser ficar por aqui ficamos. — cruzando as pernas. — Só que vai ter que me abraçar sabe né por questões de se aquecer. — Sorri

— Ah tá vai pensando que eu vou te abraçar, vamos embora vem. — esticando a mão.

— Bem você se sente muito confortável quando está dormindo no meu ombro sabia?

— Há até parece estou até com dor nas costas, você é puro osso.

Olhei bem para ela, ela sorria, estava ficando vermelha, era melhor eu parar de provocá-la, não queria que ela se sentia-se mal com a brincadeira, peguei na mão dela ela me puxou, ficamos um na frente do outro nós olhando, minha vontade nessa hora foi de beijar ela, mas me contive, apenas mexi no cabelo dela, colocando ele atrás da sua orelha, ela remexia as mãos, mordida os lábios e me olhava como se espera-se por mais, dei um beijo em sua bochecha e saí de perto, não queria beijá-la não por falta de vontade, mas ela poderia achar que eu me aproveitaria da situação, quando eu fosse beijar ela novamente, queria que fosse nosso momento, e não momentos de lembranças ruins, queria construir lembranças boas dentro dela, para que ela pudesse apagar aquelas que tanto a machucava, comecei a descer, ela veio atrás de mim falando sem parar.

— John, espera, por favor! Quero fazer uma coisa.

— O que Beatriz?

— Quero me livrar disso. — Ele pegou a carta do bolso e a rasgou. — Talvez a vida tenha feito à gente se encontrar num momento que ambos precisavam, talvez se eu te conhecesse em outro momento tudo seria diferente talvez, só talvez você possa ser uma pessoa legal.

Ela sorriu abriu as mãos e os pedacinhos daquela carta tão triste voaram. Ela me olhava com intensidade, o que ela havia me falado era bem parecido com o que eu havia pensado sorri para ela e estiquei meu braço para ela, ela chegou perto de mim com os braços cruzados, passei meu braço pelo seu ombro e descemos a montanha se eu estivesse com dúvidas que eu estava apaixonado agora não tinha mais, Beatriz era uma mulher linda por fora e por dentro, espero que as cicatrizes da alma dela se curem é que ela possa olhar para trás e ver as coisas que aconteceram de outra forma.

Assim que chegamos ao mosteiro eu retirei meu braço de volta do pescoço dela, Sr. Miague não gostaria de ver aquela cena o respeito que ele pediu a gente deveria ser cumprido, mesmo eu achando que não era nada de mais.

Passamos pelo pátio os monges estavam ainda meditando, sorri ao sentir aquela sensação de paz novamente. Assim que chegamos de frente pro quarto de Beatriz me senti um completo idiota, parecia que havia desaprendido a falar.

— Bem e...

— Sim...

— Boa noite e descansa bem amanhã o dia é cheio. — Disse de

repente.

— Ah sim está bem.

— Você sabe o fuso horário, até que a gente fica bem, mas e melhor não abusar.

— Ok durma bem também, até amanhã. —abrindo a porta.

— Até. — sorriso.

— Até. — Fechando a porta.

Ela entrou no quarto, e eu no meu fiquei alguns segundos ali, parado no meio dele escutei a porta se abrir e me virei, esperanças sabe a última que morre achei que fosse ela, mas...

— Hum interessante, não ia descansar? — Brian disse me vendo em pé

— Olha o respeito viu. — Carter debochava.

— Nada eu só tinha ido dá uma volta daí encontrei com a Beatriz. — Disse sentando na cama.

— Olha a evolução ela não e mais carne de pescoço.

— Hum... Já sei para onde foram. —sorriu.

— Para seus idiotas, a gente estava na montanha atrás do mosteiro, ela me falou da vida dela.

— É aí? —Carter se sentou ao meu lado.

— E aí que ela sofreu muito por isso e assim, tão difícil.

— Entendo a vida muda às pessoas né.

— Não é a vida que muda a gente, são outras pessoas que nós muda.

— O que aconteceu?

— O ex dela fugiu com a mãe dela, no dia do casamento.

— Nossa, coitada. —Disseram os dois juntos

— E pois é. —alguns minutos em silêncio. —Vamos mudar de assunto, porque esse não é da nossa conta, certo?

— Vamos, e aí planos para amanhã?

— Sim muitos.

— O que vamos fazer?

Eles se sentaram na minha cama peguei a lista e aponteí duas coisas para eles, eles olharam para mim e sorriram, será que as meninas iriam participar dessa vez? Como já estava tarde é à viagem tinha sido cansativa, e as emoções foram fortes decidimos ir dormir para acordar mais cedo no dia seguinte. Assim que amanheceu pulamos da cama e fomos direto para a sala de orações, pedi a Deus que se não desse para me curar ao menos me deixa—se viver essa minha última aventura até o fim, e com o coração mais leve, com essa prece simples nos dirigimos ao refeitório, as meninas estavam lá.

— Bom dia meninas dormiram bem. — Disse me sentando ao lado de Beatriz.

— Bom dia, sim eu dormir muito bem.

— Eu também

— Apaguei estava com sono de mais.

— Minha linda bom dia. —Carter disse dando um selinho na Carla.

— Oi. —sorriu.

— O que vamos fazer hoje?

— Surpresa.

— Sim aposto que vão adorar.

— Por que tenho medo quando vocês falam isso? —Beatriz falou entre um suspiro.

— Porque eles são doidos. —Argumentou Bianca.

— Vocês são muito cagnas sabiam, relaxa loucura faz parte da vida.

— Dependem da loucura.

— E aí o que vamos fazer? — Todos olham para mim eu sorria.

— Me sigam.

Me levantei eles vieram atrás de mim procurei pelo Senhor Miague por meia hora até que o encontrei.

— Senhor Miague, quero saber sobre o vôo de asa delta.

— Ah! Sim tem um daqui a meia hora querem ir?

— Sim queremos.

— Nem ferrando não vou fazer isso. — Falou a Beatriz.

— Tudo bem, mas eu quero, vocês vem comigo para me ver voar?

— Eu também quero. — Carter disse rápido.

— Eu também sempre tive vontade de fazer isso. —Foi à vez de Carla falar.

— Seus doidos. — Bianca disse entre os dentes, fingindo sorrir.

— Vamos estou indo para lá se quiserem venham comigo.

— Sim nós vamos.

— Então queiram me acompanhar, por favor.

Ele saiu na frente, a passos de tartaruga e a gente foi falando dando risada atrás dele, fazendo a maior bagunça, Beatriz e Bianca não queriam participar, Carla pensava seriamente no assunto, é os meninos bem eles fariam de tudo, em poucos minutos estávamos bem afastado do mosteiro. Entramos um pouco dentro da mata que tinha perto daquela montanha subimos pegamos um atalho.

— Já chegamos.

— É aqui?

— Sim é, por quê?

— Nada achei que seria diferente.

Estávamos em cima de um morro bem alto, ao lado da montanha, por entre as árvores dava para vê-la, sorri, naquele lugar tinha uma rampa de madeira e algumas pessoas por ali, todas falavam japonês então não entendia o que falavam dei de ombros senhor Miague começou a me amarrar no equipamento, ele sorriu.

— Está pronto?

— Com toda a certeza.

— Corra pegue impulso, essa alavanca aqui controla direita esquerda, e quando for se aproximando do chão dobre as pernas e cuidado para não se machucar, quando quiser pode ir.

Não pensei duas vezes dei alguns passos para trás corri é me joguei, no começo fiquei confuso a assa delta estava ruim tremia muito, eu começa a achar que isso era uma péssima ideia, bati meus pés numa árvore, voei parecendo um cego então peguei o jeito, é a coisa começou a ficar boa.

— uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu

A sensação era tão boa me sentia tão livre me sentia tão bem era tão, tão, nem sei explicar. Sobrevoei o mosteiro, vi boa parte do Japão por cima vi muito verde, árvores bichos aos poucos ia perdendo altura então tentei manobrar e descer. Claro que o pouso foi desastroso cai de cara, fiquei ali deitado no meio do mato rindo minha barriga até doía.

— Ai que foda isso muito bom, queria ir de novo.

— O senhor está bem? — Uma japonesa me perguntava.

— Sim, o mosteiro e para qual lado?

— Para aquele. — A senhora disse apontando.

— Obrigado.

Peguei minhas coisas que ficaram no chão e partir pro mosteiro, esperava não me perder, pois já que eu tinha esse dom e minha bussola interna não funcionava.



**“Hoje ninguém vai estragar meu dia.
Charlie Brown Jr.”**

Andei por algum tempo tinha caído atrás do mosteiro perto da montanha essa tinha sido até agora a coisa mais legal que tinha feito, sentir o vento no meu rosto ficar sozinho comigo mesmo e ver o mundo literalmente, tinha me feito bem, estava super animado pro que vinha a seguir, quando afastei um ganho de árvore, avistei os meninos na porta do mosteiro, acenei para eles, e eles vieram até mim, me ajudando.

— Onde você estava? — Carter falava ofegante pela corrida.

— Cai atrás do mosteiro perto da montanha.

— Você está bem?

— Ótimo, cadê as meninas?

— No quarto.

— Elas voaram?

— Só o Bianca.

— Ela gostou?

— Muito, ela curtiu bastante, e você?

— Nossa até agora foi à melhor coisa que eu já fiz. —sorriu. —E vocês gostaram?

— Sim foi bem legal.

— Também gostei John o mundo parecia bem pequenino.

— Sim parecia.

Entramos no pátio do mosteiro congelei com o que vi.

— Mas o que é isso?

— Isso o que?

— Isso. — apontando.

— Ah! Sim são lutadores de sumô.

— Seu jegue, eu sei o que são quero saber o que vão fazer, da outra vez só os vi andando por ai de roupas, meditando, agora estão com essas cuequinhas enfiadas na bunda.

— Eles vão lutar.

— Vão competir pelo título o cinturão de ouro hoje e as finais é aqui.

- Cadê o senhor Miague?
- No escritório dele, dá última vez que o vi pelo menos.
- Faz tempo Carter?
- Meia hora.
- Já volto.
- Onde vai? — Gritou Carter.
- Falar com ele.

Sai correndo passei pelos quartos, passei por mais uns cinco corredores até chegar na sala dele bati e esperei me mandar entrar coisa que não demorou muito, estava eufórico eu falava alto gesticulava e ele só balançava a cabeça e sorria.

- Tem certeza que você quer isso?
- Sim muita certeza, eu preciso disso.
- Eles são fortes é não tem piedade. — Ele passava o indicador nos lábios
- Eu também sou forte — mostrei meu muque. — Olha só. — Ele riu alto.

— Eles pesam em torno de 150 á 200 kg contra uns 70 seus, acha mesmo que consegue ganhar de um deles, só sairá machucado.

— Não, eu não vou, — Sorri exagerado. — Eu preciso disso, preciso de aventura antes que minha vida acabe.

— Antes que a sua vida acabe? — Ele me olhou levantando a sobrancelha.

— Sim, eu preciso de alguma coisa excitante na minha vida.

— Então se quiser mesmo, tudo bem, mas terá que assinar esse termo de responsabilidade, se alguns deles te quebrar no meio a culpa não será minha.

— Eu assino sim. — peguei a caneta e assinei o documento com um sorriso imenso no rosto.

— Esteja em 15 minutos lá no pátio vestindo isso. — Ele tacou uma cueca em cima de mim.

— Sim senhor.

Corri até o quarto, coisa que não deveria ter feito, comecei a sentir falta de ar deitei na cama e olhei pro teto.

— Por favor, agora não...

Minhas vistas ficaram embaçadas e foi ficando tudo escuro.

— Agora não, agora não.

Eu tinha que tomar uma providência eu que mandava na minha vida, não ia viver refém, dei um pulo da cama fui até o banheiro estava um pouco tonto, entrei no chuveiro, liguei a água fria, entrei ali debaixo e aos poucos a minha

visão foi ficando normal como em um passe de mágica fui ficando bom, minha cabeça não doía mais, as tonturas passaram, sorri satisfeito. Me troquei mais que rápido peguei um roupão porque estava com frio e fui andando devagar até o pátio, não queria passar mais mal.

— John, espera.

— Oi. — Disse me virando e encarando ela com um sorriso.

— Oi, mas... Que roupa é essa?

— Nada de mais, logo saberá, vai ver a luta Beatriz?

— Sim vou.

— Torce por mim?

— Não, você não... Você vai? — assenti com a cabeça chegando no pátio. — Meu Deus você é mais louco que imaginava, eles vão te esmagar.

— Posso ser louco não tem problema ser esmagado, torce por mim?

— Não.

— Por favor?

— John toma cuidado, ok.

— Vai torcer por mim?

— Sim eu vou.

— Obrigado, agora eu sei que ganho.

— Por que essa certeza toda?

— Porque tem uma mulher linda torcendo por mim.

Dei um beijo na bochecha dela é sai de perto, ela sorria feito boba, eu também.

— O que vai fazer? — Carter falava chegando perto.

— Eu quero lutar.

— Tá doido, eles vão te esmagar feito mosca.

— Para de brincadeira John, vem se sentar. — Disse Bianca.

— Não vou parar eu quero isso, eu vou fazer, risca da lista a luta, só que não era bem essa luta né, mas tá valendo.

— Você é um doido.

— Que bom então, vou ser um doido feliz.

— Vamos para lá Carter, ele não vai desistir deixa ele.

— Mas...

— Vão querer participar também meninos? — Sr Miague disse se supetão me assustando.

— Não. — Responderão junto.

— Então da licença que a luta vai começar.

— Isso. — Disse animado. — Vou lutar com quem? — Eu dava pulinhos e socava o ar, como os lutadores de Box faziam.

— Com todos até você perder, coisa que acho que vai ser de primeira.
— Ele riu alto segurando a barriga, rosnei para ele.
— Cadê a sua fé em mim senhor Miague?
— Ela está ali meu jovem.

Ele apontou para um cara enorme só podia ser brincadeira o cara deveria ter 250 kg e uns dois metros e meio de altura, mas, mesmo assim, ir ser interessante sabia que eu não agüentaria nem dois minutos na arena com qualquer um deles, mas quer saber ia ser bom do mesmo jeito. Sr Miague anunciou a primeira luta, que graças a Deus não era comigo, ele me chamou em um canto.

— John, venha cá vou te explicar como se luta o sumô. —fui até ele. — O ringue — dohyo— é feito com terra batida e coberto com uma camada de areia. Para delimitar a área circular, onde rola o combate, são usados 20 tubos feitos com feixes de palha de arroz — tawara. — Os lutadores sempre entram pelo lado leste ou oeste e o gyoji (juiz principal) sempre entra pelo sul. Um combate de sumô dura no máximo três minutos, mas a cerimônia que precede o quebra—pau demora muito mais. Apesar disso, o sumô profissional —Oozumo— é o esporte nacional do Japão. Até o imperador comparece aos torneios, está vendo ali? —Acenti com a cabeça— e o nosso imperador. O sumô tem seis passos para ser lutado.

1. Cumprimentar fazem o shiko — movimento com as pernas — e tomam a "água do poder".

2. Lançam um punhado de sal no solo para purificá-lo.

3. Frente a frente, fazem o chirichozu — movimento com os braços.

4. Voltam ao córner, jogam mais sal e fazem o shiko novamente.

5. Assumem a posição de luta (shikiri), mas voltam ao córner.

6. Fazem o shikiri e jogam sal mais duas vezes. Por fim, vão à luta. O objetivo é tirar o rival do círculo ou jogá—lo no chão ou Hatakikomi sair do caminho para deixar o oponente desabar no chão. Tsuridashi carregar o adversário pelo "cucão" até tirá-lo do círculo. Uwatenage jogar o oponente por cima do ombro, como no judô, entendeu John?

— Mais ou menos.

— Está pronto?

— Sim estou.

— Ótimo próxima luta e sua.

— Sério?!

— Sim.

— Beleza, manda senhor Miague, qual deles e meu adversário?

— Aquele ali.

— Mas não era para ser...

— Um pesadão?

— Sim.

— O sumô é lutado por peso John acha mesmo que ia te deixar com um gordão desses?

— Eu achei que sim.

— Mas é bobo, vai se aquecer, imita ele em tudo antes da luta ok, não esqueça do sal no solo.

— Sim.

— E só mais uma coisa.

— Sim, pode falar.

— Estou torcendo por você.

— Obrigado. — Eu sorri.

— De nada.

Entrei no círculo e comecei a imitar meu adversário, até que na prática não era tão ruim assim, nós cumprimentados é a luta começou, ele era mais pesado que eu acho que uns 10 kg á mais, mas apesar dele sempre ter feito isso ele tinha um ponto fraco, o joelho dele estava enfaixado deveria estar com algum problema é foi ali que eu vi minha chance de ganhar, parti para cima dele, sem querer dei uma joelhada nele ele cambaleou, dei o famoso cuecão nele, tirei do círculo. A plateia toda gritou, vi o imperador se levantar e aplaudir, eu me curvei como referência. Depois de muito tempo de aplausos, senhor Miague se aproxima de mim.

— Sabia que conseguiria.

— Qual é o próximo? Vamos lá mande um grandão eu dou conta. — Imitando novamente um lutador de Box.

— Não tem próximo só tinha ele da sua categoria há anos ele ganha sem lutar por não ter ninguém do seu peso.

— Eu ganhei?

— Sim John ganhou. —Ele disse rindo.

— Legal.

— Só uma coisa.

— Sim.

— Nunca desista, de nada, sempre acredite que você pode.

— Eu sei, por isso estou aqui.

Os meninos junto com as meninas estavam atrás da gente eles me pegaram no colo, me ergueram as meninas batiam palmas e riam.

— A única coisa feia em você agora é essa cueca ridícula. —Disse Carter.

— Vê se trate de tampar essa bunda branquela ninguém merece ficar

olhando para ela.

— iiii tava olhando para minha bunda, mas que gay Brian.

— Não tirou os olhos John.

— Só falava de você John. — Comentou a Bianca.

— É to sabendo essa bicha me ama mesmo, deixem eu descer.

Pedi olhando para Beatriz, eles me soltaram e eu cheguei perto dela, ela me encarava com um sorriso.

— Parabéns, você ganhou.

— Só ganhei porque você estava torcendo para mim. — pegando na mão dela.

— Uiiii — Os meninos falavam alto

— Não ganhou porque se esforçou. — ela retirou a mão com força da minha mão. — Ah! É isso e por sua ideia babaca. — assim ela me deu um soco no braço.

— Ai, doeu.

— Bem feito.

Ela arrumou um gorro na cabeça é saiu pisando duro, ficando claro que quem mandava era ela, fiquei olhando para ela, sorri para mim mesmo, eu iria domar a fera e dar a ela - ao menos por algum - tempo esquecer os pesares da vida e ser feliz.



**“Se eu tivesse tomado um atalho numa rua qualquer,
que tipo de pessoa eu seria?
O Teatro Mágico.”**

A noite foi tranquila queria repor as energias minha cabeça doeu a noite toda e eu bem eu pedia a Deus para esperar mais um pouco. Assim que amanheceu decidi que já estava na hora de partir, não queria ficar muito tempo em um lugar só afinal o tempo era curto e não sabia quando ele poderia acabar.

— Para onde vamos?

— Vamos passear depois decido Beatriz.

— Por que tudo tem que ser sempre um mistério?

— Porque eu fiz uma promessa e eu irei cumprir ela.

— Qual?

— Um dia eu te conto.

Estávamos na frente do mosteiro esperando o motorista, só esperava que não fosse aquele doidinho que nos trouxe aqui porque se fosse eu acho que iria pro andar de cima, ou para o de baixo mais rápido. Demorou bem uma hora pro ônibus chegar era outro motorista agradei silenciosamente, mas me arrependi em seguida esse era devagar de mais, me levantei do meu lugar e me sentei do lado do Brian já que as meninas falavam sobre os trajes japoneses.

— Esse motorista é muito lerdo. —disse bufando. — Assim chegaremos só ano que vem lá em baixo.

— Relaxa John.

— Ah! Brian você também?

— Por que a pressa? — Carter disse do banco da frente.

— Sei lá essa demora esse transito maldito, afinal o que está acontecendo?

Disse olhando pela janela e xingando mentalmente toda essa demora.

— Oi desculpe me intrometer.

Um cara disse do meu lado, ele era alto, moreno usava óculos escuros e percebi de imediato as meninas se animarem quando ele começou a falar com a gente.

— Já se intrometeu adianta pedir desculpas?

— John que coisa feia. — Beatriz me repreendeu. — Olá prazer meu nome é

Beatriz. — ela jogou o cabelo para trás e esticou a mão para ele, quando olhei para ela, ela sorria tanto que achei que sua arcada dentaria pularia no colo do sujeito.

— Prazer meninas, meu nome é Nathan sou fotografo vim pro Japão para registrar essas paisagens lindas.

— Que bacana. — um dos meninos comentaram, bacana seria meu pé na bunda desse cara ficar flertando com a Beatriz era de mais. Não pera ai o que eu to dizendo? Essa garota não era nada minha, não queria nada comigo então eu to sendo um babaca.

— Sim. Esse trânsito e por causa do desfile das Miss deles aqui e feito em praça pública diferente do resto do mundo, e um espetáculo bem bacana de se ver, estou indo fotografar ele.

— Poderíamos ir com você. — disse rápido antes que a minha simpatia por ele passa-se.

— Claro seria bacana ter brasileiros por perto.

— Vamos descer então, acho que andamos mais rápido que essa lerdeza.

Pegamos nossas coisas pedimos ao motorista que abrisse a porta que a gente queria descer, ele começou a gritar espernear, mas, por fim, abriu a porta e descemos. —Culpado — eu estava com ciúmes dela com ele eu sei não éramos nada um pro outro, mas eu não estava gostando do jeito que ela falava com ele.

— John?

— Oi.

— Que cara é essa?— Bianca me perguntava olhando fixo nos meus olhos

— Nada.

— John, não minta para mim, eu sei que eu não te conheço a muito tempo mas sei saber quando você está mentindo.

— E sério Bianca não é nada. — olhei fixamente para Beatriz e Nathan rindo a nossa frente.

— Ah! Saquei, ta com ciúmes. — ela riu alto.

— E se eu tivesse?

— Eu diria que não tem motivos nenhum ela gosta de você mais do que demonstra.

— Eu... Eu...

— Você está se saindo bem John continue assim, obrigada por tudo que vem fazendo por ela.

Ela me deu um beijo na bochecha e correu até Beatriz eu fiquei para trás pensando em tudo que tinha acontecido, pensando se o que eu sentia mesmo por Beatriz e de como essa viagem estava sendo fantástica, deixei de lado então meu ciúmes e me enturmei com o Nathan afinal eu não era esse cara chato que eu

estava demonstrando. Finalmente avistamos a praça a multidão se acotovelava na praça sorri, peguei a lista do bolso e mostrei pros meninos.

— Jura John?

— Sim Carter.

— Mas John?

— Brian eu quero vamos nós três fazer isso.

— Desculpem fazer o que? — Nathan perguntou curioso.

— Alguma loucura. — Beatriz disse olhando pras unhas.

— Que tipo de loucura?

Mostrei para ele a nossa lista ele sorriu e quis nos ajudar, ele nos levou até os organizadores do concurso e conversou com eles, principio eles rejeitaram a idéia, devo dizer que eles negaram absolutamente, mas eu usei meus dons de persuasão e consegui fazer com que nos concorrêssemos a uma vaga no concurso de miss deles, loucura eu sei, na verdade não sei como conseguimos isso acho que agora Deus estava me dando alguma sorte. No começo foi chato e estafante, mas conforme as horas passavam e as provas surgiam foi me animando mais e no final da tarde eu tinha um fã clube bem grande.

— John você e de mais.

— Obrigado Nathan, mas eu não sou tão de mais assim.

— É sim Beatriz não para de falar de você, pensei que ela fosse solteira que eram somente amigos, mas pude perceber que rola algo entre vocês e me desculpe se eu sem querer dei em cima dela.

— Ela fala de mim?

— Sim fala.

— Nossa por essa eu não esperava. Me desculpe se eu fui um babaca com você

— Sem problemas, seguinte e hora do discurso então capriche eu achei que isso era insano que você não iria conseguir, mas pelo visto você vai chegar lá, manda ver.

— Pode deixar.

Subi ao palco com um terno chique me emprestaram eu tinha que fazer um discurso, mas o que falar? Olhei aquela multidão toda em silencio e me olhando, me sentei na poltrona peguei o microfone e... Ok eu comecei a achar isso ridículo muito ridículo eu estava envergonhado onde eu estava com a cabeça de querer participar de um concurso de miss no Japão? Pois e loucura então me lembrei de uma história minha e dos meninos de quando enfrentamos um valentão no colégio de como nos sentíamos sempre menos, inferiores e de como isso afetou a gente, todos escutaram com atenção então me levantei e disse que se sentir assim não era vergonha que somos responsáveis pelo o que nos fazemos

mas não pelo que os outros fazem de como superar medos e seguir adiante se superando sempre era necessário, dei uma pausa e completei que a vida passa rápido para gente se sentir assim que deveríamos sempre lutar e que seguir adiante era sempre preciso.

A multidão me aplaudiu muito foram longos minutos, sorri tanto que eu cheguei a sentir minhas bochechas doerem, se eu fosse ou não escolhido para mim tanto fazia eu consegui a atenção de uma multidão que era o que eu queria.

Os jurados foram deliberar enquanto isso Nathan tirava fotos minhas com a galera minha com os meninos e as meninas.

— Eu quero uma foto sua John com Beatriz.

— Não Nathan.

— Por que não, Beatriz?

— E por quê? — Eu disse porque saquei o que ele queria.

— E que...

— Bem vamos, sorria querida. —disse agarrando ela pela cintura

Depois da foto os jurados voltaram fizeram um discurso imenso sobre de como as miss tinham um papel importante na sociedade e blá, blá, blá... Quando eles começaram realmente a parte que me interessava eu me surpreendi, Nathan que traduzia o que eles falavam não Parava de sorrir, a decisão deles foi seguinte à vencedora seria uma mulher, mas devido a nossa coragem eles começariam a por homens nos concursos eles seriam acompanhantes da miss e ficariam honrados se eu acompanha-se a miss deles até os Estados Unidos no concurso mundial. Aceitei com prazer e depois de muitas, muitas fotos o circo todo foi desarmado e eu voltei a ser eu mesmo, começamos a andar tomando uma casquinha a qual estava uma delícia.



**“Cuide bem de quem corre ao seu lado e
te quer bem, essa é a coisa mais pura.
Charlie Brown Jr.”**

Há duas quadras dali achamos um parque ele era como esses parques americanos alguns brinquedos como montanha-russa, roda gigante e vários outros, olhei pro céu e a lua estava grande, as estrelas brilhantes, então tive uma ideia que esperaria para por em prática, eu precisava de algum jeito me aproximar de Beatriz, sorri ao bolar o plano perfeito, observei todo o lugar, estava bonito, bem enfeitado passei em frente ao tiro ao alvo é da pescaria tinha várias desse tipos de barracas ali seria bem legal passar a noite assim brincando, relembrar um pouco da infância, uma infância que as vezes eu julgava perdida, mas que outras eu achava que era uma preciosidade...

— Montanha russa. — Disse alto.

— Mas, não mesmo. — Carter e Brian retrucaram.

— Ah! Sim — disse sorrindo.

— Não. — gritou Brian.

— Sim.

— Sem dúvida NÃOOOO.

— O que foi? Por que você não quer Brian? — Perguntou suavemente

Bianca.

— Bem e que Brian. — Eu comecei.

— Tem medo de montanha-russa. — Terminou Carter, todo mundo se olhou e caiu na gargalhada, rimos tanto, tanto que minha barriga começou a doer, só Brian que ficou sem rir.

— Não tem graça.

— Ai amor tem sim, você fez coisa mais perigosa que isso ai.

— Não tem não, eu sei amor, mas é que...

— Para de graça, vamos andar vem Brian.

— Não vão vocês.

— Para de frescura amor por mim vai.

— Você joga sujo viu assim não vale.

— Vale sim. — sorriu.

— Vou me arrepender, mas vamos lá e vamos logo antes que eu mude de ideia.

— Te amo. —beijo na bochecha.

Todo mundo se sentou em um carrinho eu fui como sempre com ela a Beatriz, Brian e Bianca no carrinho de trás e atrás deles se sentou e Carter e Carla atrás deles Nathan ficou para tirar fotos, o que eu achava bobagem ele deveria experimentar isso.

— Oh Brian. — Gritei para ele.

— Que foi?

— Lembra daquele filme premonição, aquele da montanha russa?

— Sim.

— Já pensou que legal se acontecer?

— Para com isso cara.

— Ia ser trágico. —Argumentou Carter

— Para gente, assim eu vou descer.

— Sente-se senhor o carrinho vai sair.

— Mas eu quero sair.

— Desculpe, mas não dá mais.

— Brian a gente vai cairrrrrrrrrrr. — Gritei para ele.

Então parei de tentar amedronta-lo não vi mais nada levantei os braços e comecei a gritar eu tinha sentado bem no primeiro carrinho Beatriz também gritava.

— Uou que muito louco essa montanha-russa. — descendo.

— Nunca mais entro em um troço desses.

— Para vai, a gente vai e fez coisa pior e você nem medo ficou.

— Isso e diferente tenho trauma, poxa quase me mije.

— Nossa cara não acredito nisso.

— Para vai.

— Cara tô com fome.

— Olha essas fotos de mais cara. — Natan disse chegando perto de mim.

— Eu estou com fome. — Repeti.

— Para de falar isso e vamos procurar algo para comer é... Santa mãe de Deus que e isso? —Beatriz olhava enojada.

— Eca que nojo.

— Como eles conseguem? — perguntei

— Não sei...

— Isso e de mais. — Carter correu para mesa

— Preciso fazer isso. — Brian foi atrás

— Topam fazer isso meninos? —Disse me aproximando deles

- Do que estão falando?
- Uma lista doida deles de certo eles...
- Vão participar do concurso de comer cachorro — quente? Acertei Beatriz?
- Sim, eu acho. —Ela sorriu
 - Mas e claro que sim, quer participar Natan?
 - Não vou tirar fotos.

Algum tempo depois...

— Vamos abrir próximo desafio, estamos aqui com John, Brian, Carter, Bille, Joe, e Marcus estão prontos meninos, 3, 2, 1... valendo.

Uma buzina soou e então começamos a atacar os cachorros —quentes eu estava sentado na frente de uma pilha com 50 cachorros quentes era só pão com salsicha, mas mesmo assim era muita coisa tínhamos 2 minutos para comer tudo, se não ganharia quem comesse mais, aqueles típicos concursos de parque, assim que escutei valendo não pensei duas vezes e comecei a comer e comer e comer. Eu sabia que não ia conseguir ganhar, pois Brian era uma maquina de comida, é eu suspeitava que ele não tinha fundo.

— Falta 30 segundo, vamos lá...

Eu precisava ganhar eu queria ganhar então...

— Acabou o tempo — A sirene tocou. —Vamos ver quanto vocês comeram.

Dois juízes inspecionaram cada bandeja de lanche contou o terceiro lugar tinha ficado com um japonês que havia comido 31, segundo eu com 32 e em primeiro e Brian com 48.

— Você parecia um porco comendo John. —Beatriz chegou perto de mim.

— Ronc, ronc. —imitando um porco.

— Sem graça.

— Nem sou. —Arrotei alto

— E sim, e sem educação também.

— Para de ser chata vamos fazer algo legal comigo? —Ela me olhou com quem não entendia o que falava, então continuei. — Quero ir na roda gigante vem comigo?— Ela começou a olhar pelos lados e olhou para mim de volta.

— Quem eu?

— Ta vendo mais alguém por aqui? Vem logo.

Sai puxando a mão dela ela no começo ela não queria mais depois sossegou e deixou tudo acontecer, e se dependesse de mim iria acontecer bem mais do que um simples passeio de roda gigante, enquanto comprava os ingressos nossas mãos ainda estavam dadas, olhei para elas e sentir um arrepio tomando conta de mim, sorri ao menos eu sabia que isso era o certo a se fazer, porque eu sabia que estar perto dela era meu destino.

— Duas, por favor.

— Sim senhor.

Ele me entregou os bilhetes e caminhamos calados de mãos dadas até o brinquedo.

— As damas primeiro.

Abri a porta do carrinho para ela, ela se sentou bem na ponta e quando eu fui sentar ela me apontou o outro lado, dei de ombros deixaria ela pensando que eu iria me comportar.



**“Enquanto você estiver do outro
lado, eu consigo me orientar.
O Teatro Mágico.”**

Abri a porta do carrinho para ela, ela se sentou bem na ponta e quando eu fui sentar ela me apontou o outro lado, dei de ombros deixaria ela pensando que eu iria me comportar, esperamos que ela enchesse e ficamos ali rodando e rodando em completo silêncio, ela olhava para o céu, e eu olhava para ela, eu queria ficar com ela queria me dar bem com ela eu gostava dela, mas aquela certeza de alguns segundos atrás foi me deixando quando eu lembrei que eu e ela não teríamos um futuro, que eu iria morrer, e de certo partir o coração dela de novo.

Droga! E agora, o que eu faria, deixaria essa oportunidade passar, o que era mais sensato? Iria em frente tentaria conquista—lá? E a seguir o que eu iria fazer, contar para ela que morreria mais dias menos dias? Engraçado como tem sempre algo para nos tirar dos devaneios não é mesmo a roda gigante parou com a gente bem no alto, a vista do Japão era incrível a lua estava cheia enorme e as estrelas brilhavam mais que o comum, parecia que se eu estica—se o braço alcançaria uma estiquei o braço e coloquei ele atrás da minha cabeça e fitei o céu.

— Esse céu está lindo olha o brilho dessas estrelas. — Beatriz disse com os olhos fixados nelas, então tomei coragem.

— Tem uma que brilha mais, muito mais.

— Cadê? — Ela disse olhando em volta.

Estiquei o braço e coloquei a mão no ombro dela, puxei seu rosto para mais perto do meu.

— Ela está do meu lado.

Vi ela ficando vermelha como um camarão, ela não falou nada não tentou me bater fui chegando perto dela, sua respiração se misturava com a minha, seus olhos eram penetrantes nos meus, e um sorriso doce surgiu nos lábios dela, ela mordeu os lábios e revirou os olhos, toquei seu rosto, tirei alguns fios de cabelo dele, segurei sua cabeça com a minha mão esquerda e com meu dedão acariciei seus lábios, ela gemeu entre os dentes e fechou os olhos, aos poucos fui me aproximando senti o toque delicado de seus lábios nos meus nossa línguas

invadindo a boca um do outro, senti ela por inteiro nos meus braços e pela primeira vez na vida me senti apaixonado, me senti como se realmente a vida fosse perfeita. Minhas mãos segurava seu rosto as dela subia e descia pelo meu braço, a puxei para mais perto de mim senti seu coração bater acelerado, será que ela sentia o meu pulsando no mesmo ritmo? Será que ela conseguia sentir como meu corpo se esquentou ao toque dos seus lábios? Será que essa mulher tinha a consciência do controle que exerce sobre mim, sobre meus pensamentos? Ela parou o beijo com selinhos e com os olhos ainda fechados ela encostou a minha testa na minha, como se ela quisesse se recuperar.

— Desculpa eu... — Disse baixinho

— Tudo bem. — Sua respiração quente batia em meu rosto, queria beijar ela de novo.

— Tudo mesmo?

— Aham. — sorriso.

— Sem tapa sem xingamentos? —Eu ainda sussurrava para ela e ela para mim.

— Não, mas se você quiser eu... — ela sorria.

— Não, não está ótimo assim, mas do que ótimo.

Ela sorriu e deitou no meu ombro, continuou a olhar para o céu, eu fazia carinho na sua cabeça enquanto nossos dedos se entrelaçavam e ela brincava com eles, eu acho que eu estava sonhando ela estava mesmo deixando eu ficar com ela sem dar nenhum Piti? Não acredito nisso, um fato ela era estranha, mas foi por essa estranha que eu me apaixonei, eu me sentia mais que nas nuvens, eu me sentia no próprio céu, beije o topo a sua cabeça, aquelas borboletas acho que fizeram ninho no meu estômago e nesse momento elas levantavam vôo, a roda gigante começou a se mexer e só mais duas voltas e tivemos que descer, ela não falou nada, então fiquei quieto também, mas daí outra coisa me surpreendeu, ela procurou minha mão a segurou firme me olhou e eu li no seu olhar — por favor não me solte. —Eu não iria solta—la nunca, segurei firme é assim que os outros viram a gente começaram a rir.

— Nossa até que fim vocês se acertaram. —Falou Carla sem tirar os olhos de nossas mãos.

— Tava na hora de se acertarem.

— Espero que o casal seja feliz.

— Gente deixem os dois, vamos ali naquela barraca quero ganhar aquele ursinho. —Bianca disse se virando pro Brian. — Amor ganha para mim?

— Claro linda vamos lá.

Eles foram na frente fiquei para trás com ela segurando suas mãos delicadas, me senti como no colégio segurando a mão da minha primeira namorada.

- Beatriz.
- Oi.
- Vamos ate lá ver se eu ganho algo para você?
- Sim. —sorriso.



Não sei Por quê, mas pensando bem ficar com ele não seria tão ruim assim hum... Eu acho que não, afinal ele era bonito, sexy e de um jeito completamente estranho, maluco eu sentia algo por ele, e esse algo estava crescendo cada vez que ele chegava perto de mim, mas que merda eu não podia estar apaixonada não agora, não por ele, quando ele me beijou senti um frio na barriga, senti que o resto do mundo não existisse, é não existia, não existia mais Bernardo, minha mãe, aquela sensação de solidão, sabem como é se sentir assim? Vazia? Oca? Como se nada é nem ninguém, pudesse preencher esse vazio dentro de mim? Daí então ele apareceu, naquele dia no navio, se eu não estivesse tão mal, se eu não estivesse tão machucada eu não tinha me comportado daquela maneira, achei que ele queria se aproveitar apenas, sabe uma rapidinha, e adeus Beatriz, e no final acabou sendo ao contrário do que eu pensava, eu me senti bem, é não acreditava no que estava acontecendo, minha vontade era: Sair correndo por ai gritando jogando flores para cima é falando que ele me amava e que eu amava ele, ok pensamento idiota, ridículo, pensamento de adolescente apaixonada, mas pensei, pensei muito nisso e também pensei como aquela noite iria acabar.

- Qual quer? —Ele disse na barraca de tiro ao alvo.
- O sapo, assim sempre quando ver ele lembro de você.
- Não perde a mania de ser carne de pescoço né.
- E você não perde a mania de ser um babaca idiota e...

Ele não deu me deixou terminar me puxou para ele e me deu um beijo, suas mãos quentes apertavam minha cintura, minhas mãos brincavam com o cabelo em sua nuca, quando me soltou todo mundo começou a gritar e eu tava morrendo de vergonha.

- Chega, ganha logo o sapo seu pegajoso.
- Pegajoso?
- Sim vai anda.

Ele pegou a arma de chumbinho mirou no pato, acertou um, dois, três, e assim eu podia levar o premio, peguei da mão dele e sorri.

— O nome dele vai ser Mayer.

— Mayer?

— Sim, Sapo Pegajoso Mayer.

Ele sorriu e me deu um selinho...



**“Que o amor seja a melhor forma
de começar e terminar nosso dia.
Desconhecido.”**

As horas passaram rápido de mais conseguimos ir em quase todos os brinquedos faltou alguns mas não fazia mal, Beatriz brincava com o Sr sapo que tinha ganhado, acho que ela fazia de propósito apenas para não encarar as meninas olhando para ela, sorri de canto fomos os últimos a sair do parque, eu sai radiante de lá, Beatriz só era sorrisos apesar de parecer meio envergonhada, os meninos também, cada qual ali feliz ao seu modo, ao seu jeito Natan disse que atrás do parque tinha uma área bacana para acampar, então fomos para lá montamos a barraca bem rápido e cada um desabou na sua, Natan disse que não queria barraca que iria dormir olhando as estrelas, sendo assim eu e Beatriz iríamos dormir sozinhos na nossa, comecei a suar frio, a ter palpitações, fiquei meio sem graça de entrar na barraca com a Beatriz, então fiquei ali em pé, feito dois de paus, olhando para ela com aquela camisola preta que perturbou tanto meus sonhos por noites a fio, ela estava sentada de pernas cruzadas em x escovando seu longo cabelo, estava sem maquiagem.

— Não vai entrar? — Ela disse ao me ver parado na entrada da barraca.

— Hum...

— Hum?

— E que...

— Vem John, para de bobeira não precisa ficar assim não.

Ela pegou minha mão e deu um puxão, entrei na barraca, bem não era bem vergonha ou outra coisa e que ela naquela camisola ali agora com a gente juntos, eu não sei se iria resistir, então tirei meu tênis ela olhava para mim, sorria sem parar.

— Por que esse sorriso? — Disse tirando a camisa.

— Sei lá me sentindo bem, você não? — Ela olhava mais ainda depois que tirei minha camiseta, Deus, por favor, faça eu me controlar diante dela.

— Sim, mas e que e estranho te ver assim. — gargalhada.

— Seu besta. — Tapa no ombro. — Tô feliz só isso e a culpa disso e tua John

Mayer.

— Minha?

— Sim.

— O que eu tenho com isso? — Ela estava feliz por mim?

— Desde daquela nossa conversa na montanha me sinto mais aliviada, me sinto mais livre, me sinto... — Ela suspirou deixando a frase inacabada.

— Mas eu não fiz, nem disse nada. — Sempre fui ruim em conversar pelo menos com pessoas que eu conhecia pouco tempo, eu não sabia me abrir não sabia aconselhar, então na maioria das vezes eu apenas escutava.

— Exatamente, apenas me escutou.

— É que... Não sou muito bom com palavras.

— Tudo bem.

— Eu...

— John você está escutando essa música?

— Sim, Acho que é o Natan.

— Ele canta bem.

— Sim.

Ela não parava de me olhar ia se aproximando, e eu queria fugir, mas que merda e essa eu fugindo de mulher sempre peguei elas o mais rápido possível era só da mole, daí percebi que durante toda a minha vida nunca tinha realmente me apaixonado, eu tinha tido uma vida vazia fútil, tinha sido apenas pegação, eu nunca me dei ao luxo de parar para me apaixonar, nunca quis ficar com alguém por mais de uma noite até agora é isso para mim era diferente porque eu queria ter ela no dia seguinte, no seguinte, no seguinte...

Queria ter ela para sempre assim nós meus braços.

Eu estava ajoelhado, ela estava perto me olhando com aqueles olhos azuis que me penetravam na alma, que me tirava o fôlego, que me fazia eu me tremer, meu coração disparar. Não sei se foi pela música que Natan cantava lá fora que embalou o clima. Ela estava com os cabelos soltos caindo no ombro, parecia tímida, mas decidida no que queria então fechei os olhos e as mãos em punho e senti sua delicada mão tocar minha face, ela corria os dedos no contorno do meu rosto, desceu pro pescoço, passou no meu braço, que se arrepiou ao toque dela, passou a mão pelo meu abdômen e se aproximou mais, “Always Always and forever ” Sempre, sempre e para sempre como dizia a canção, sempre e para sempre ao lado dela, minha doce e amarga Beatriz.

Nossa respiração se misturou, senti seu perfume doce, seus lábios quentes se aproximando dos meus, então eu abri meus olhos ela sorria, a toquei de leve nos braços, senti a corrente magnética percorrer minha pele, a pele dela, minhas mãos subiram para seus ombros, pescoço e para sua face, acariciei ela com

cuidado, devagar queria decorar cada segundo ao lado dela queria que fosse para sempre minha, então nos beijamos seu lábios quentes sobre o meu, suas mãos ousadas percorrendo meu corpo, ela me puxando para o encontro do corpo dela, minhas mãos sobre aquele tecido leve da camisola, a trouxe para mais perto, para que não restasse mais nenhum espaço entre a gente, eu não conseguia parar de beija-lá.

— Beatriz é melhor parar por aqui.

— Não me quer? — Conversávamos entre os beijos.

— Quero, é o que eu mais quero, mas não quero te pressionar. — Pausa para continuar o beijo. — Não quero arrependimentos.

— Eu vou me arrepender se não for adiante.

— Tem certeza disso? — Parei e olhei fundo em seus olhos, ela sorriu.

— Absoluta John. — Ela me puxou para cima dela, deitamos suas mãos passavam pelas minhas costas dando leves arranhões, eu beijava seus lábios, seu pescoço, seu colo tirei com cuidado sua camisola desabotoei seu sutiã dei vários beijos em seu corpo que se contorcia toda vez que meus lábios a tocavam.

Me deitei sobre ela é a beijei, minhas mãos percorriam por todo seu corpo tocando os lugares mais sensíveis ela gemia baixinho enquanto com uma das mãos acariciava meu rosto, eu beijava sua boca seus olhos fui descendo para o pescoço seus seios, sua barriga, ela se contorcia, gemia, parei e peguei suas pernas e coloquei em um dos meus ombros beijei seus tornozelos acariciei a parte de dentro de suas coxas, peguei uma camisinha na minha bolsa e coloquei, olhei bem para ela, ela sorria com um dedo na boca então devagar fui me ajeitando dentro dela me pressionava contra as coxas dela, ela agarrou a coberta e dava gemidos bem baixinhos enquanto arqueava as costas, ela relaxou e eu deitei por cima dela tirei uma mexa de cabelo que estava em seus olhos e a encarei ela sorria, logo dei o jeito dela de ficar por cima, ela abaixou para me beijar, seus seios tocavam meu peito nú, seus cabelos roçavam na minha pele, o desejo só aumentava ela se ergueu, com uma mão eu segurava em sua cintura e a outra passava pela sua barriga chegando até seus seios e massageando, suas mãos estavam apoiadas em meu peito, eu queria mais proximidade com ela, então me sentei ela passou suas pernas pela minha cintura e as mãos pelo meu pescoço colocou a cabeça para trás, beijei ela bem ali terminando o pescoço começando seu colo, ela gemia e não parava.

Eu não queria terminar não assim a envolvi com meus braços e com calma a deitei, fiquei sobre ela, olhando em seus olhos, a cada movimento sentia ela se entregar mais ainda, não demorou muito para que ambos estivéssemos satisfeitos, deitei exausto ao seu lado, ela apoiou a cabeça em meu peito e provavelmente escutava as batidas rápidas e aceleradas do meu maluco coração,

afaguei sua cabeça e a beijei, seus cabelos loiros como o sol cheirava a flores, assim tive o final de noite perfeito, dormi até quando um raio de sol entrou na barraca e constatei que não tinha sido um sonho fora realidade.

— Beatriz, amor acorda.

— Não quero.

— Acho melhor levantar, não quer que um dos meninos entre aqui e nos peque nú não é mesmo?

Foi mais que suficiente para ela se espreguiçar e começar a se vestir, fiquei ali olhando para ela e a vi corar quando percebeu meu olhar atento sobre ela.

— Para de me olhar

— Não consigo.

Puxei ela, e ela caiu em cima de mim, tirei o cabelo de seus olhos e a beijei.

— John to com bafo para.

— Por mim tanto faz.

Ela sorriu, mas se deixou ser beijada.



“Aprendi que a vida é meio mágica.”

— Por que a mania de me olhar enquanto durmo John?

— Porque você é linda. — Ela falava enquanto escovava os cabelos, eu tinha me levantado e vestido ao menos uma cueca, beijei ela na cabeça.

— Você mente tão mal John.

— Mas, você é linda.

— Vai ser sempre assim? — ela disse suspirando?

— Assim como amor?

— Dizendo que sou linda e todo esse papo furado? — ele se deitou e segurou a cabeça com uma das mãos e me encarou.

— Não e papo furado. — Me deitei ao seu lado

— E sim

— Não mesmo, eu... eu...

— Você?

Eu já estava começando a me excitar novamente, será que toda vez que ela chegasse perto de mim seria assim? Por favor, que seja, sorri.

— Melhor a gente se levantar, trocamos de roupa certo temos um dia longo pela frente, e não sei que você vai querer que eles saibam que a gente... Você sabe... — Disse saindo da barraca abotoando as calças.

— Tarde de mais cara escutamos seus gemidos a noite toda. — Carter falou sorrindo.

— Te que fim se acertaram.

— Mas que merda é essa? — Beatriz disse abrindo a barraca.

— Estamos desmontando tudo levanta aí seu preguiçoso não mandei ficar na farra a noite toda.

— Ai não acredito nisso.

— Amiga então acredita, vocês são escandalosos, a culpa não é da gente. — Disse Carla entrando dentro da barraca já que Beatriz voltou para lá, depois que Carla saiu o que não demorou muito fiquei preocupado com aquela reação dela.

— Já volto. — disse pros meninos, entrei na barraca novamente. — O

que foi?

— Vergonha John eles escutaram tudo é...

Eu estava deitado em cima dela, então não deixei ela terminar a frase deu um beijo nela, agora não ia mais me afastar dessa boca linda que ela tinha e o que eu queria era ficar assim pro resto dos meus dias, nem me importava mais se não cumprisse a lista, eu queria ela, somente ela, nosso beijo foi ficando mais intenso, as mãos dela subiam pela minhas costas, e as minhas já apertavam seus seios.

— Não chega sai de cima.

— Ah! Só porque estava ficando bom, a gente podia... Você sabe. — cara de safado, claro que era brincadeira mais atentar ela fazia parte.

— Nem brincando, John vamos sair e desmontar isso e ir para onde você quer.

Ela se levantou, não pensei duas vezes puxei ela e ela caiu em cima de mim, rolei com ela na barraca até eu ficar por cima e imobilizar ela.

— Para não.

— Me dá um beijo que te solto.

— Para John é sério.

— To parado linda, me beija.

— Se te beijar sai de cima?

— Se você ainda quiser sim.

Ela passou a mão pelo meu pescoço com delicadeza, passou a mão na minha nuca e me puxou para ela me deu dois selinhos, e saiu de baixo de mim, espertinha, deixaria ela fugir agora, mas ela não iria mais fazer isso

— Para de graça, por favor, tô morrendo de vergonha, se comporta perto dos outros.

— Mas a gente fica juntos ou...

— Quer ficar comigo? —Ela parecia surpresa.

— Mas é claro que eu quero, acho que tinha dado a entender que eu quero mais do que uma transa, ou não? —Ela ficou vermelha.

— Então faz o que te pedi seja comportado na frente deles, estou com vergonha.

— A vergonha passa? Dura quanto tempo?

— Sim passa John, não sei. —rindo.

— Tá bem.

Levantei dei um selinho nela e sai com a camisa não mão lá fora todos me olhavam, agora eu entendia a vergonha dela, também estava constrangido

— Sabia que ia rolar vocês dois. —Disse Carter.

— Estava na cara isso, era tanto ódio que vocês tinham que se pegar.
—Brian disse rindo.

— Gente ela está com vergonha então para com isso agem normalmente pode ser?

— Ok.

— Beleza, para onde vamos.

— Indonésia.

— Mas já?

— Sim deu vontade de ir para lá. Cadê o Nathan?

— Quando ele viu que a gente ia embora, ele disse que tinha trabalho para fazer que não poderia ir junto, deixei um cartão para ele entrar em contato quando ele estiver livre para gente viajar junto — Carter disse.

— Uma pena queria ter me despedido dele.

— Vai lá arrumar suas coisas e as da Beatriz, que vamos terminar as nossas.

— Falou tô indo.

Meia hora depois estávamos com as mochilas nas costas e prontos para partir, as meninas andavam devagar entendi que queriam conversar de certo Beatriz ia contar como foi à noite e isso me incomodava.

— Elas só sabem fofocar, deem uma olhada.

— É mesmo olha só os cochichos e sorrisinhos.

— Claro ela deve está falando de mim.

— Você é idiota John.

— Sou nada, hehe.

— O que vamos fazer na indonésia? —Carter perguntou.

— Já esqueceram?

— Eu não.

— Não lembro.

— Quando chegar lá vai lembrar.

— A gente só fez coisas absurdas até agora.

— Absurdas não hilárias.

— Tirando uma ou outra.

— Vamos atormentar as meninas, elas estão tão quietas.

— Deixam elas conversarem, Beatriz ficou envergonhada, por vocês escutarem a gente.

— Então eu vou ate lá, fica ai com Carter então.

— Vou junto me espera.

Claro que não ia ficar sozinho e fui com eles, conversamos normalmente sem pits de ninguém, nem pareciam às mesmas pessoas. Chegamos ao aeroporto, pegamos um avião direto para indonésia, Beatriz se sentou ao meu lado me deu um selinho e pegou na minha mão, não sei Por quê esse medo de voar tão

grande.

Algumas horas depois.

— Acorda, Beatriz amor acorda.

— Oi e não tô dormindo.

— Ok não está, chegamos vamos descer. — Disse pousando um beijo em seus lábios.

— Sim vamos.

Ajudei ela com as coisas e descemos, ficamos boquiabertos o lugar era muito lindo, pegamos uma mini van e passamos por cada lugar um mais lindo que o outro, eram montanhas, lagos uma paisagem mais linda que a outra.

— Que lindo aqui, John.

— Sim amor muito.

— Quero morar aqui. — Disse Bianca.

— Quem sabe quando a gente se casar. — Brian deu uma piscadinha para ela

— Já falando em casamento? — Perguntou Carter.

— Daí sim heim, olha aquilo ali, nossa. — Beatriz estava com a boca aberta.

— Vamos descer. — Me levantei.

— Mas...

— Mas nada amor vem gente.

Paramos a van alugada na esquina, descemos eu não acreditava que estávamos ali parados na frente daquela loja, tirei a lista do bolso risquei a ida na indonésia já estávamos ali e risquei outra coisa.

— Vai fazer mesmo?

— Sim, sempre tive vontade.

— Borá entrar então?

— Também vou fazer, aproveitar. — Disse Bianca.

— Acho que até essa eu vou fazer. — Beatriz disse sorrindo.

— Sêrio, amor?

— Sim, sempre tive vontade também, mas nunca coragem, agora com vocês ficou mais fácil.

Ela me deu um selinho segurou firme minha mão e atravessamos a rua.



“Você e daquelas chances boas que a vida não dá duas vezes. Desconhecido”

Estávamos na frente de um estúdio enorme de tatuagens, tinha várias fotos na vitrine e as tatuagens eram incríveis tinham de corpo todo, apenas braços, pernas ou aquelas simples pequenas e delicadas.

— Vamos entrar? Ou você vai ficar aí na porta? — Beatriz disse segurando a porta.

— Claro vou estava vendo as tatuagens

— Já sabe o que vai fazer? — Carter passou o braço no pescoço

Carla

— Sei, amor vou por outro piercing um transversal.

— Acho que vou por um também. — Disse Bianca. — Mas no nariz

— Eu quero Tatu. — Brian disse

— Idem.

— Também vou querer uma Tatuagem, — Disse animado. — E você

Beatriz?

— Não sei estou na dúvida do que faço.

— Vão entrar ou ficar na porta? — Um cara grande mau encarado cheio de tatuagens e piercing por todo o rosto disse ao lado da porta.

— Brasileiro?

— Não, não japonês, entrem logo.

— Uou, cavalinho produção. — Disse debochando.

— Desculpe, mas que pergunta besta a sua né.

— Ok eu sei, vamos entrar, as duas querem piercing é nós tatuagem.

— Piercing é comigo tatuagem é com a Mercedes. — Ele gritou ela e ela veio até o balcão.

— Oi.

Ela disse sorrindo, Mercedes era um tantinho diferente tinha piercing no nariz, sobrancelha, boca e orelha seu cabelo dos lados era raspado e o pouco de cabelo que tinha estava preso em um rabo de cavalo, metade rosa metade preto, seus braços eram todos tatuados assim como as pernas, é seu colo.

— Tatuagem para você. — Ele apontou para gente e olhando pras meninas — Meninas vem vou fazer os piercing de vocês.

Elas entraram com ele e a gente ficou olhando fotos de tatuagens decidimos o

que iríamos tatuar, eu iria tatuar uma coisa simples no braço para ser recordação daqueles dias doidos.

— O que escolheu John?

— Não vou contar, vocês vão ver depois de feita.

— E aí? — Disse Mercedes querendo ser simpática. — Já escolheram?

— Sim.

— Pois bem, vem você primeiro. — Ela apontou pro Carter. — Depois, você — Apontou pro Brian. — Por último você não gosto de gente em cima quando trabalho

— Sim senhora.

— Sem brincadeiras.

— Ok.

Ele entrou na sala e escutamos uns gemidos, começamos a rir claro que ele não estava fazendo nada de besteira mas e que estava engraçado, a primeira a sair foi a Carla com o piercing na orelha demorou mais alguns minutos e Carter saiu sem camisa e com um pano sobre a tatuagem.

— Brian sua vez.

— Mas eu já, chama o John é...

— Vem logo

Brian deu um pulo da cadeira e foi até a sala dela.

— Doeu muito? — Perguntei pro Carter.

— Não até que não a tatu e pequena John ela tem habilidade.

— Deixa eu ver?

— Não só quando você fizer a sua, eu nem vi ainda a minha.

— Sacanagem, Carter

— Não é não. — Ele olhou para Carla. — Carla amor está linda com o piercing.

— Obrigada, curiosa para ver sua tatu, amor. — Disse dando um selinho nele

— Já, já você vê ok.

— Sim.

— Puta merda como doeu. — Bianca disse saindo da sala.

— Deixa eu ver tira a mão. — Carla pediu a amiga — Nossa que legal que ficou.

— Está ardendo.

— Já passa.

— Cara isso dói muito nunca mais faço tatuagem. — Brian saiu xingando de dentro do estúdio

— Amor se você sentisse como dói por piercing mudaria de ideia.

— Oh dó minha menina. — Disse beijando a cabeça dela.

— John, vem é a sua vez.

— Borá lá é minha vez de sentir dor.

— Vai lá cara

— Boa sorte.

Entrei na sala ela me mandou sentar, me deu uma pilha de desenhos para escolher qual eu queria folhei as folhas enquanto ela trocava a agulha da máquina.

— E aí qual vai ser?

Mostrei um desenho para ela é ela sorriu, pegou mais tinta colocou máscara esterilizou tudo passou álcool no meu braço e começou.

— Está doendo John?

— Não nem tanto dá para suportar.

— Que bom porque seus amigos são muito frouxos. — ela sorriu e eu também. — Me fala John o que faz por aqui?

— Passeando, tentando viver um pouco.

— Legal

— E você porque veio para cá?

— Complicado.

— Quer tentar?

— Fui expulsa de casa por gostar da minha profissão, quando era mais nova era revoltada, digamos que mudei, um pouco depois de tudo.

— É bom mudar.

— Sim às vezes.

Ficamos conversando ainda por um longo tempo falando sobre a nossa vida, contei para ela sobre minha doença, de como eu me sentia estando nessa situação da lista doída com os meninos, de como era bom ter eles ao meu lado pro que der e vier, falei também sobre o meu amor por Beatriz ela terminou que eu nem vi.

— Mas já?

— Sim já, doeu muito? — Ela disse sorrindo

— Nada.

— Que bom, antes de ir esse são os remédios que deve tomar é a pomada para passarem caso de infecção procure um médico.

— Sim.

— John...

— Sim.

— Espero que você encontre o que tem procurado, que seja feliz.

— Eu acho que encontrei, o que eu vim procurar.

— Fico feliz com isso, eu posso tirar uma foto com vocês e por na vitrine?

— Claro.

Fomos até a recepção Beatriz já estava lá, olhei nela e nada de piercing onde será que ela tinha posto? Ou será que nem posto tinha. Ela me olhava e sorria.

— Colocou um piercing Beatriz?

Ela balançou a cabeça em afirmativa

— Onde? — Perguntei.

Ela abriu a boca e colocou a língua para fora.

— Legal, tá doendo?

— Um pouco, mas já passa.

— Pessoal vamos tirar uma foto? Pra deixar na vitrine

Então nos juntamos e X, a foto tirada era foto de Polaroid então tirei uma para guardar, não para mim, mas pros meninos sabia que eles curtiam isso as tatuagens eram três dragões, coincidência porque nenhum de nos tinha combinado nada, apenas escolhemos, um dragão preto, o outro vermelho e último azul era só o contorno é cada um tinha um significado diferente.

Brian tatuou o azul que significava confiança e fidelidade.

Carter tatuou o preto que significava determinação e ousadia.

E eu tatuei o vermelho que significava amor e vida eu sei ironia eu tatuar algo com o significado da vida já que eu estava morrendo.

— Prazer conhecer vocês. — Disse Mercedes sorrindo para gente

— O prazer foi nosso. — Carter disse.

— Sabe de algum hotel por aqui?

— Sim sei, a três quadras daqui vocês viram a esquerda andam mais duas quadras viram a direita e um prédio azul enorme bem na esquina não tem como errar.

— Obrigado

— Imagina, espero que voltem algum dia. — piscadinha.

— Quem sabe.



**“Tudo que a gente sofre, num abraço se dissolve.
Jota Quest.”**

O prédio era até que bonito, azul e branco meio velho, meio acabado, mas era bonito, estacionamos a van nos registramos é cada um foi para o quarto, entrei coloquei minhas coisas junto com a da Beatriz na cama e ela foi direto para o banheiro, deitei e como de costume coloquei as mãos atrás da cabeça e fitei o teto, uma onda de coisas boas passou por mim, eu e ela juntos num quarto de hotel, sorri, as borboletas se agitaram, então pensei nas coisas, no que eu faria daqui em diante, pensei na minha mãe, é inevitavelmente na doença, nessa maldita doença, a qual eu ainda não compreendia uma lágrima teimosa nasceu em meus olhos e escorreu pelo meu rosto e eu logo tratei de limpar não queria que Beatriz visse mas foi em vão antes mesmo de terminar de limpá-la lá estava ela de calcinha e sutiã na porta me encarando com um olhar acusador.

— O que foi John? — Ela perguntou se aproximando. — Por que está chorando?

— Não tô chorando amor é só um cisco nos meus olhos.

— Para de papo furado John, eu te conheço, o que está acontecendo? Confia em mim.

Eu não podia mais mentir, não podia mais esconder, uma hora ela teria que saber, uma hora ela iria ter que decidi se queria ficar ou partir, esperava do fundo do meu coração que ela escolhe-se ficar, esperava que ela me deixa-se ama-lá como ela merecia, mesmo sabendo que poderia ser por um curto espaço de tempo, respirei fundo, desviei meu olhar do dela encarei novamente o teto.

— Eu tô morrendo Beatriz, tenho um tumor no cérebro onde não se pode operar tinha que está internado, mas eu não quis, queria viver antes de morrer, sempre fui do tipo trabalha de mais, que se preocupava de mais com outras coisas, achava que ia ter muito o que viver eu dificilmente me divertia, quando saia com os meninos até que conseguia ser normal, mas no dia seguinte lá estava eu enfiado dentro do escritório eu era um jovem enclausurado quando descobri que estava morrendo queria mais era aproveitar a vida, queria viver ter uma última aventura antes de morrer.

— Por isso essas coisas doidas?

— Sim quis me libertar das grades invisíveis em que eu mesmo tinha me colocado nelas.

— Calma John não chora. — Ela disse passando a mão em minha cabeça fazendo cafuné, mas nem assim eu conseguia olhar para ela.

— Eu não quero morrer, eu quero viver.

— Mas você pode ficar vivo é...

— Não eu não vou.

— A gente não sabe John, às vezes com tratamento você pode...

— Não minha querida, infelizmente não vou viver, eu vou morrer, acha que se eu tivesse tratamento mesmo eu não estaria me tratando? — Foi nesse instante que eu tomei coragem e a olhei, ela tinha aos olhos cheios de água.

— Injusto. — Foi o que escapou de seus lábios.

— Quem disse que a vida é justa? —Fiquei alguns segundos acariciando sua face. — Mas quer saber Beatriz mesmo que eu tivesse tratamento eu preferia escolher isso.

— Por quê?

— Porque foi nessa viagem maluca que eu encontrei você é acho que viver sem você seria pior que morrer.

Ficamos nos olhando por longos minutos, vi os olhos dela cheio de lágrimas, então elas escorreram, e aqueles olhos azuis tristes voltaram, com mais tristeza com mais angustia, não deveria ter contado para ela, não agora, não assim, mas eu não podia esconder isso mais, não queria que ela sofresse—se mais do que já sofreu, eu não queria que seu coração se partisse novamente

— Vem cá deita descansa depois de dormi você vai se sentir bem melhor.

Ela tirou as malas da cama e jogou no chão, pegou minha mão e me fez deitar, deitamos um de frente para o outro ela me dava selinhos e beijos no nariz, me fazia cafuné eu estava tão cansado, tão exausto tanto fisicamente como psicologicamente que eu acabei dormindo.



Depois que ele adormeceu, me vesti e saí correndo dali, passei pelos meninos na piscina que sorriam e acenavam para mim, dei um tchauzinho rápido para eles

e fui correndo pro quarto ainda bem que encontrei as duas juntas sentadas na cama rindo, desabei entre elas e chorei, chorei tanto que eu não consegui mais falar só soluçava.

— O que foi Bea? — Carla perguntava enquanto me fazia cafuné.

— John Fez alguma coisa?

Balancei a cabeça afirmando eu não conseguia me controlar, isso doía, isso me matava Carla se levantou pegou uma garrafa de água no frigobar abriu e me deu.

— Toma e se acalma e conte o que ele fez.

Demorei ainda para pôr tudo em ordem dentro de mim, nossa os minutos me pareciam horas até eu conseguir parar de chorar e conseguir falar e mesmo assim falei soluçando.

— Ele está morrendo, ele está doente tem um tumor na cabeça. Um tumor que não pode ser operado. — Disse falando sem parar.

— Eu já sabia, Carter me contou. — Ela disse segurando minha mão

— Eu também sabia. — Bianca passava a mão em meu cabelo.

— E porque não me contaram?

— Oras, Bea você nem podia escutar o nome dele que já ficava irritada.

— Por que meninas? Por que ele tem que estar doente?

— Calma amiga.

— Vai ficar tudo bem.

— Não, não vai, eu amo ele não quero que ele morra, não quero.

— É o que você vai fazer?

— Vai deixar ele, quer ir para casa? — Perguntou Carla.

— Se quiser a gente vai. — Disse Bianca segurando minha mão.

Pensei por alguns instantes ainda estava em tempo de largar tudo e voltar para casa ia ser menos doloroso assim, eu iria viver sem ter essa outra dor no coração, iria viver ter que lembrar de todos os momentos incríveis que eu passaria ao lado dele e que iriam ser apenas lembranças depois de algum tempo, pelo menos saberia que eu tinha desistido que eu tinha deixado para lá, é não o destino interferido na minha vida, de novo.

— E então, o que vai querer fazer Bea? — Disse Carla se levantando

— Começamos arrumar nossas malas? — Disse Bianca se levantando também.

Parei para pensar, seria justo abandonar ele?

Seria a coisa certa a se fazer?

Eu estava apenas querendo me preservar, me poupar da dor, me poupar de sofrer novamente, mas que droga! Destino eu te odeio, odeio do fundo do meu coração amargo.

— Não, nos vamos ficar.

— Tem certeza?

— Sim, se eu sempre fugir nunca serei feliz, eu sei que vou sofrer se ele morrer, mas talvez seja isso talvez seja com ele que eu encontre a felicidade, talvez ele precise mais de mim agora, ele disse que se pudesse escolher em se tratar ou ter saído para viagem escolheria a viagem, porque ele me encontrou nela. — Eu enxugava minhas lágrimas, as meninas sorriam.

— Então tá esperando o que para ir ser feliz? — Disse Carla me abraçando. — Ele sem querer fez a escolha que mudou a vida dele, faça parte dessa escolha fique com ele o tempo que for, um, dois, três meses, ou talvez a vida toda quem sabe, ser feliz Bea não é questão de sorte e sim de escolhas, John fez a escolha dele, faça a sua também.

— Vai lá amiga pegue seu homem. — Ela gargalhou. — Você merece ser feliz, entre naquele quarto e transe até amanhã.

— Para com isso Bianca, me deixa sem graça. — dei risada com elas.

— Me diz Bea ele é bom de cama? — Perguntou Carla

— Conta tudo. — Quis saber Bianca

— Ai que vergonha para meninas. — pausa. — Sim ele é muito bom de cama. — gargalhada.

— Sabia. — sorriu. — Ele tem cara de que é bom na cama.

— Vai lá ficar com ele aproveita cada segundo com ele, aproveita a oportunidade que a vida está te dando. — Bianca disse me olhando nos olhos e em seguida me apontando a porta

Não disse nada me levantei correndo e fui depressa pro quarto, cheguei parei na porta coloquei a mão na maçaneta, pensei se era o certo eu fazer isso, pensei em como eu ficaria depois, pensei também em como eu ficaria se eu fosse embora e não deixasse acontecer, às vezes se machucar é preciso, porque somente assim a gente ira algum dia conhecer a felicidade de verdade, então com o coração aos pulos abri a porta e entrei, eu fiz minha escolha, escolhi o John, ele ainda dormia eu fiquei olhando ele alguns segundos e lembrei das vezes que o surpreendi ele me olhando dormir, sorri, agora eu entendia porque ele me olhava tanto, porque ele queria tanto estar perto, não ia ser mal passar o tempo que restava com ele, me deitei ao lado dele bem devagar para ele não acordar, cheguei bem perto e segurei sua mão, prestei atenção na sua respiração apreciava ofegante difícil, passei a mão em seu nariz, na sua boca, em seus olhos, toquei seu peito nú, dei um beijo na ponta do seu nariz, ele se remexeu na cama, abriu um olho, depois abriu o outro e sorriu, um sorriso lindo, ele me puxou logo pela cintura, e me beijou, um beijo no começo calmo, com carinho, um beijo que parecia ter toda a saudade de dias e dias longe.

— Oi. — Ele sussurrou

— Oi. — Sussurrei de volta

— Saudades.

— Larga de ser mentiroso, dormiu no máximo 40 minutos.

— Tempo suficiente para ter saudades.

— Seu bobo.

— Sim, eu sou mesmo e a culpa disso é tua.

— Me solta quero tomar banho.

— Se deixar eu ir junto, posso pensar nisso.

— Não mesmo.

— Me de um bom motivo, um motivo que eu fique por aqui na cama, que eu fico.

— Tenho vergonha. — Sabia que esse não era um motivo para ele, mas quem disse que eu queria que ele ficasse, só queria me fazer um pouco de difícil.

— Do que?

— Oras do que.

— De te ver nua? Ah para já vi e gostei muito. — cara de safado.

— Mas que safado.

— Pode ser, mas a culpa é tua, quem manda ser gostosa.

— Seu besta.

— Sua boba

— Seu gay.

— Eu te amo

Ok! Fiquei sem reação e agora o que eu ia falar?

Iria dizer, te amo também?

Iria dizer como me sinto com isso? Então ele me soltou eu me levantei.

— Vem ou não tomar banho comigo?

— Já tô lá.

Ele deu um pulo da cama e foi tirando o resto da roupa, em segundos ficou nu ao vê—lo assim deu um pouco de vergonha, sei que era bobagem eu corar assim, mas era meu jeito acho que nunca iria me acostumar ficar nua na frente de alguém e nem ver pessoas nuas na minha frente.

— Tira a roupa gatinha. — Ele disse animado.

— Sim gatão espera.

Fui até um rádio e coloquei uma música bem sensual, bem pelo menos tentei parecer sensual comecei a dançar para ele tirando bem devagar cada peça de roupa, ele já estava ficando excitado, parei fiquei só de calcinha e sutiã.

— Sacanagem você parar na melhor parte.

— Não acho. — Cheguei perto dele. — Eu acho bem provocante. — e mordisquei sua orelha disse bem baixinho no seu ouvido, passando a mão pela

nuca dele e descendo pelo abdômen até chegar na sua virilha e fui para o banheiro, ele claro foi correndo atrás, liguei o chuveiro tirei o sutiã John estava na porta então bem devagar tirei a calcinha e joguei no chão do banheiro, pisquei para ele e entrei no Box. Não demorou muito para que sentisse suas mãos em minha cintura e sua boca quente em meu pescoço, sua mão passava por todo o meu corpo fazendo movimentos circulares, meu corpo reagia ao seu toque e eu gemia baixinho. Ele me virou segurou meus seios e beijava minha boca uma água morna e gostosa caia sobre nós sua mão deslizava de leve até minha perna, ele a ergueu, envolvi sua cintura com ela, a outra me apoiava para não cair, senti um sorriso formar em seu rosto quando seus lábios beijava meu pescoço, minhas unhas arranhava suas costas, e suas mãos percorriam meu corpo com um pedaço de sabonete, foi então que vi em seus olhos o quanto ele estava feliz, o quanto ele gostava de mim, o quanto ele era feliz por momentos como aquele, e com um doce sorriso nos lábios ele me soltou, se virou pegou um frasco de shampoo e lavou meus cabelos.

— Por mais que eu queira Beatriz não vou transar com você no banheiro.

— Por que não?

— Quero que se sinta à vontade com a gente, com seu corpo — Ele disse isso quando suas mãos passavam de leve nos meus seios — Não quero que ache que vou fazer cada momento nosso uma transa. — Fechei os olhos e mordi meus lábios ao seu toque, fiquei esperando pelo próximo, mas não ouve, o que ouve o ele me soltando, me deixando, abri os olhos. — Você é linda Beatriz, cada pedaço do seu corpo, cada pedaço da sua alma. — Então ele me abraçou novamente, encostei minha cabeça em seu peito, escutava seu coração batendo acelerado, me senti inquieta em seus braços, senti meu coração batendo acelerado também, meu estômago doía e minha cabeça girava, mas que droga, eu estava perdidamente apaixonada por ele. Após alguns minutos me soltei de seus braços.

— Vamos sair amor? — Ele me deu um selinho e passou seus braços pelo meu pescoço.

— Depois.

— Vem comigo.

— Vou ficar mais um pouco.

— Hum... Ok eu vou na piscina com os meninos, estarei te esperando lá.

— Sim.

Dei um selinho nele e peguei a toalha, sai ele ainda ficou lá rápido me troquei passei a toalha pelos meus cabelos, vesti meu biquíni antes de sair bati na porta, nada dele me responder, bati de novo.

— Pode ir amor depois desço lá.

— Está tudo bem?

— Sim está

— Ok, beijos.

— Beijos.

Sai fechei a porta e encontrei os meninos e as meninas na piscina.

— Tudo bem Bea?

— Sim Carla tudo bem.

Me sentei na cadeira queria tomar um pouco de sol, John não descia comecei a ficar preocupada com a sua demora, mas logo eu o vi descendo a escada e se aproximando da gente, me senti aliviada, pensei que ele queria ficar sozinho porque não estava bem, mas ao vê—ló ali percebi que tudo não passava de coisas da minha cabeça.



Fiquei ali de baixo do chuveiro deixando todo aquele desejo que eu estava sentindo passar, não queria realmente que todo meu momento com ela acabasse em transa, puxa vida seria mais fácil se ela não fosse tão, tão...

Senti que ela se sentia um pouco desconfortável em me ver nú na frente dela, sentia também um grande desconforto da parte dela com seu corpo o que eu achava um absurdo porque ela era linda, quando aquele fogo todo acabou, peguei uma toalha me enrolei nela, me olhei no espelho e sorri, fiz minha barba e quando eu estava terminando comecei a me sentir tonto minha visão foi ficando escura.

— Por favor, agora não. — Segurei na beirada na pia.

Senti uma grande pontada na cabeça e cai segurando—a, chorando me curvei e fiquei deitado assim por algum tempo, eu não podia passar mal não agora, não queria não era justo, me levantei cambaleando fui pro quarto e me deitei na cama. — Eu não fiz tudo que tinha que fazer ainda, por favor, espere, eu aceito meu destino, mas ainda não é minha hora.

Fiquei ali por mais alguns minutos, minha respiração voltou ao normal, é a cabeça foi parando de latejar, me levantei coloquei uma roupa, me olhei no espelho minha cara estava péssima peguei um óculos escuros e sai, Beatriz estava sentada numa cadeira de praia tomando sol, as meninas e os meninos brincavam na piscina, me aproximei

— John, por que essa demora? — Ela disse colocando a mão na frente dos olhos pois o sol atrapalhava ela me olhar.

— Porque eu fiz a barba, amor. — Me sentei ao lado dela, dando um selinho. — Está linda nesse biquíni.

— Obrigada. — Ela sorriu. — Devo te dizer que você sem barba e um charme.

— Agora é minha vez de agradecer querida. — Peguei na mão dela e a beijei.

— Galera eu to com fome. — Brian disse saindo da piscina e puxando Bianca.

— A gente bem que podia alugar umas bicicletas e sair por ai dando umas pedaladas não é? — Carla disse sorrindo de orelha a orelha.

— Temos carro para que bicicleta? — tentei falar bem rápido.

— John, não sabe andar de bicicleta? — Beatriz me perguntou levantando a sobrancelha.

— Não é que... — Pronto agora eu ia ser zuado o restante da vida, ainda bem que ela estava chegando ao fim não ia ter que aturar eles me torrando a paciência por não saber andar de bicicleta. — Ok eu confesso eu não sei andar de bicicleta.

— Como não amor, nunca ganhou uma quando era pequeno?

— Sim, ganhei.

— Então...

— Complicado Beatriz.

— Posso te ensinar se você quiser, claro que verei como vai ser o pagamento, mas isso a gente acerta depois.

— Pagamento?

— Sim sabe pensei em fazer você um escravo sexual. — Ela gargalhou alto, me levantei mais que depressa.

— Vamos lá pessoal vamos alugar umas bicicletas.

Beatriz levantou mais que depressa, correu pro quarto e colocou todo mundo para correr em poucos minutos estávamos na frente do bicicletario, cada um pegou sua bike e saiu fiquei para trás junto com a Beatriz.

— Então amor, vamos nessa?

— Sim.

— Sobe nela assim, me imite.

Fiz o que ela mandou, ela começou a pedalar naturalmente eu tentei, mas como todo bom desastre não conseguia parar e fui direto para um monte de lixo na esquina, Beatriz veio correndo e me ajudou a me levantar, eu gargalhava alto, ela ria também.

— Vou ter que fazer como meu pai fazia comigo. — Disse ela tirando

uma folha do meu cabelo.

— Como ele fazia amor? —Dei um selinho nela.

— Ele ficava segurando a cadeirinha ate eu conseguir ficar em pé nela sem cair.

— Ta me zuando né?

— Sim estou. —Gargalhada.

— Então posso tentar de novo?

— À vontade.

Não ia desistir ate conseguir domar essa fera no caso era a bicicleta, ficamos ali no parque dando umas voltas até que eu consegui andar sem cair, Beatriz batia palmas e pulava de felicidade, ela subiu na sua bicicleta e veio até mim.

— Amor se prepare pro pagamento hoje à noite. —Me deu uma piscadinha e sumiu na praça, sorri de orelha a orelha e fui atrás dela.



**“A vida é maravilhosa não se tenha medo dela.
Charlie Chaplin.”**

Acho que os meninos entenderam que eu queria ficar sozinho com a Beatriz porque eles se mantinham longe, embora eu sempre visse um deles olhando para trás ou esperando a gente para falar onde eles iam, me senti cansado de mais queria parar e deitar, mas me forcei a continuar Beatriz falava animada sorria, apontava cada árvore do parque então com a desculpa de ser tarde a distrai para que a gente parasse um pouco.

— Amor eu estou fome, já é mais de uma da tarde.

— Nossa por falar nisso eu também estou.

— Vamos procurar eles e ir almoçar, amor?

— Sim.

Andamos por uns 10 minutos pelo parque ate que os encontramos perto de um lago, sentados olhando para o céu. Desci da bicicleta aliviado de desabei no chão ao lado de Carla.

— Tudo bem John? — Ela disse me olhando profundamente.

— Sim só estou um pouco cansado e com fome.

— Nossa cara é verdade precisamos almoçar?

— Sim, por falar nisso me deu uma baita fome. — Disse Carter

— Tem um mercado aqui perto ele é bem grande é um pouco peculiar. — Disse Bianca se levantando

— Peculiar?

— Sim Carla e que tem umas comidas diferentes, saca aquelas comidas diferentes.

— Vocês não vão... — ela perguntou e eu a interrompi antes mesmo dela terminar

— Sim nós vamos, não é mesmo meninos?

— Opa eu topo, Carla amor ótima ideia.

— Isso ai —sorriu.

— O que é? —Beatriz perguntou se sentando ao meu lado

— Lerdinha. —beijo na testa.

— Eu lerda? Não mesmo só que não leio mentes, sabe não sou um x—men.

— Chegando lá você vai saber o que é. — Sorri. — E vai comer com a gente

— Eu duvido que ela coma John, Beatriz e um pouco fresca.

— Jura Carla nem percebi.

— Claro que vou comer, eu to morta de fome. — Ela disse me socando no ombro

— Amiga, vai ter que comer, não vai dar para trás depois

— Só quero ver.

Levamos as bicicletas de volta, pegamos nossos passaportes e partimos para o mercado, era tipo mercadão como temos em São Paulo, mas a comida era diversificada de mais, tinha desde files enormes e suculentos a cérebro de carneiro.

Sentamos em uma mesa grande pedimos algumas coisas que demoraram, para chegar, pedimos cervejas, e um petisco de calabresa, começamos a conversar nisso Beatriz percebeu do que se tratava a comida e olhava para tudo em volta com cara de nojo eu ria dela, assim que a comida chegou não vou dizer que não deu um certo nojo em comer, mas depois pensei bem essa seria minha única oportunidade de comer esse tipo de coisa, mesmo que nojenta seria a última.

— Gente como vocês conseguem, me diz? Até olhar para isso, que nojo. — Beatriz colocava a mão na boca

— Experimenta uma baratinha assada, toma. — Carter disse entregando um espeto com barata e legumes para ela

— Eca, não, nem fudendo, tira isso de perto de mim. — Ela se escondeu no meu ombro.

— Come essa lesma. — Foi à vez de Brian azucrinar ela.

— Eca, NÃO...

— Deixem ela pessoal, se ela não quiser melhor sobra mais. — Disse pedindo educadamente para que parassem

— John Mayer se quiser que eu te beije outra vez vai lavar a boca com cloro. — Eu gargalhei alto

— Para com isso amor e tudo limpinho apesar de serem insetos são cultivados aqui. Não são de rua.

— Ai para o meu estômago tá embrulhado, vamos embora.

— Amor que comer outra coisa? Uma coisa normal?

— Não, vendo vocês comerem isso não agüento comer até amanhã.

— Para de bobeira, amor não te quero doente, se você ficar sem se alimentar vai ficar fraca, come algo.

— Não John.

— Deixa ela John eu disse que ela era fresca, nojenta.

— É gostoso.

— Não pode ficar sem comer. — Insisti.

— Eu sei, vou dá uma volta e comer algo que não rasteje.

— Ok Amor, me dá um beijo. — Ela se abaixou segurou minha bochecha.

— Amor, só depois que você desinfetar essa boca. — Todos começaram a rir, e ela se afastou da gente.

— Meninas ela é sempre assim... Sabem né nojenta. — disse alto.

— Um pouco.— Disse a Carla.

Senti algo batendo na minha cabeça e ela rindo, ela tinha tacado um pão na minha cabeça.

— Amor esse e pelo nojenta. — E me mostrou o dedo do meio.

E saiu mercado a dentro, ficamos ali por quase uma hora e meia, assim que ela voltou a gente saiu, passamos por um mural enorme com algumas festas, arranquei um folheto e comecei a ler.

— Programa da noite está aqui. —Disse animado

— Qual? —Carla e Bianca perguntaram juntas.

— Aposto que é coisa doida. —Beatriz disse.

— Por que sempre acham que é loucura?

— Porque acostumamos as suas Maluquices John.

—Relaxem e balada normal sem nada.

— Ainda bem.

— Ou não quem sabe. —Sorri.

Pegamos a vam e fomos pro hotel queria descansar um pouco antes da balada da noite.



**“A vida passa muito depressa se você não
olhar ao redor de vez enquanto pode perde-la.
Curtindo a vida adoidado.”**

O restante do dia passou rápido dormir mais do que fiz outra coisa, minha cabeça parou de latejar então me levantei tomei banho e me troquei, Beatriz pelo que tinha reparado tinha passado horas na frente do espelho se arrumando, me perguntei Por quê de tudo aquilo daquela demora toda, suspirei e perguntei impaciente.

— Amor quanto tempo você está se arrumando?

— Uma hora e meia por quê? — Disse ela passando rímel.

— E nem se vestiu ainda?

— Não tava fazendo cabelo maquiagem unha.

— E vai ficar só de lingerie na minha frente?

— Por que não pode John, tô te constrangendo? — Ela me olhou. — Desculpa. — ela pegou um roupão e ia se vestindo.

— Não para. — Disse tomando da mão o roupão da mão dela. — Eu gosto do seu corpo sabe disso, é que se ficar assim vai levar mais uma hora e meia para se arrumar porque vou te dar uns pegadas daqueles. — disse me sentando na cama e colocando relógio. — Ela se levantou e chegando perto de mim.

— Pois bem senhor John Mayer. — Afastando o cabelo do rosto e subindo em cima de mim. — eu acho que não deve, porque daí. — Ela me deu um selinho. — Os outros vão ficar bravos pela nossa demora.

— Eu quero que os outros se fodam.

Passei meus braços na sua cintura e a joguei em cima da cama, preendi ela em baixo do meu corpo, segurei seus braços em cima da sua cabeça, e a beijei, com minha outra mão livre passei pela lateral do seu corpo, toquei seu seio, ela gemia, passei ela pela sua barriga desci até sua virilha e a toquei, ela arqueava suas costas e eu beijava seu pescoço.

— John...

— Isso e para você ver como me sinto quando você me anima para nada. — Disse me levantando e indo para o banheiro.

— John... — Ela foi atrás de mim no banheiro. — Prometo para você mais tarde não irei somente te deixar na vontade. — Ela me deu um beijo no nariz, foi ate o guarda roupas tirou um vestido preto bem agarradinho no corpo e um pouco curto de um ombro só pegou um sapato de salto preto também e colocou, te falar que olhando para ela naquele vestido o salto maquiagem cabelo tudo, me deixou ainda mais excitado, levantei as mãos agitando no ar, iria ser difícil resistir á ela essa noite, terminei de me arrumar e assim que saímos do quarto vi os outros no pátio e para ser sinceros as meninas estavam todas lindas.

— Uou, nada mal heim meninas — Disse olhando para elas.

— Nossa John que gato heim, Bea toma conta desse gato aí. — Disse Carla me dando um abraço.

— O Carter também não está feio Carla se cuide.

— To vendo que ninguém tá me achando bonito. — Brian disse sentindo.

— Não Brian todos estão magníficos. — Beatriz sorriu para ele, ele chegou perto dela pegando na cintura dela e confesso que fiquei com um pouco de ciúmes, então tratei logo de tirar ele de perto dela.

— Vamos nessa?—Disse pegando no braço da Beatriz ela sorriu.

— Vamos logo.

Pegamos o carro e fomos para a boate era longe o caminho ate lá foi uma farra total, assim que entramos a música alta invadia nossos ouvidos e as luzes nos cegavam

—Isso sim que é balada. — Disse Carter quase gritando.

— Senti falta disso. — Falou Brian.

A música eletrônica tocava, alto as luzes eram um show a parte cada um foi para um lado eu e a Beatriz sentamos em uma mesa, depois de muito procurar uma.

— Vamos dançar? —Perguntei chegando perto do seu ouvido

— Pensei que não ia pedir nunca.

Peguei na mão dela e fomos para a pista, eu não podia beber porque tinha que levar eles em segurança pro hotel, alguém tinha que ficar de olho na cambada também, Beatriz dançava feito doida e bebia também, dancei bastante, mas como não estava bebendo logo cansei e resolvi sentar um pouco. Como nossa mesa era perto do DJ escutei o dono da boate que era brasileiro reclamar de algo, me levantei e fiquei olhando. Todo mundo estava vaiando a música tinha parado.

— Hey você.

Olhei pros lados.

— Eu?

— Sim você, vem cá.

- Fala.
- Sabe usar isso? — Ele disse apontando pras picapes no palco
- Acho que sim.
- Te pago mil pela noite.
- Ok. — Isso ia ser super interessante.
- Cara só não Poe fogo na boate.
- Tudo bem.

Subi no palco peguei os fones encostei no ouvido e comecei a mexer na mesa de som em pouco segundos o som começou a sair e as pessoas parando de reclamar. Por meia hora mandei ver na música a galera ia à loucura com o som, até que vi um cara mexendo com a Beatriz ela tentava sair dele e o cara em cima, não pensei duas vezes pulei a mesa de som e fui até lá.

— Cai fora ela está comigo. — Disse colocando ela para trás

Ele falava algo que não entendia, pedi para ele sair fora que ela era minha namorada, mas ficava tentando passar a mão nela, até que conseguiu passar a mão na bunda dela, então não resisti o empurrei, o sangue subiu na minha cabeça e ele veio para cima de mim, e eu dei um gancho de direita nele, ele caiu, mas não foi forte suficiente para ele ficar lá caído ele partiu para cima de mim entre socos e pontapés e o povo ao redor gritando vi os seguranças chegando Brian e Carter tentando separar a briga, só consegui dizer:

— Corre...

Todo mundo começou a correr foi uma muvuca que só até que achamos a saída entramos no carro, ficamos em silêncio e de repente, caímos na gargalhada.

— O corre foi foda.

— Cara porque da briga?

— Um cara mexeu com a Beatriz.

— Eu gostei queria ter ficado mais lá, o DJ era bom. — Disse Carla sorrindo e tirando o sapato

— Queria beber mais. — Carter disse ainda segurando um copo. — Nem estou bêbado ainda.

— O DJ era eu Carla.

— Serio?

— sim.

— Leva jeito, parabéns.

— Obrigado.

Estávamos num clima de descontração todo mundo gostando e rindo, brincando só a Beatriz na dela, calada, dirigi prestando atenção nela e na rua, algo tinha acontecido com ela.

— Vamos repetir a dose né? — Disse Bianca.

— Sim claro. — disseram em coro.

— Não. — Beatriz quase gritou. — A gente nunca mais vai repetir certas loucuras, essa é uma delas.

— Por quê? — Perguntei tentando pegar na sua mão a qual ela escondeu.

— Vocês são loucos, onde já se viu brigar nem sabem quem são os caras o que são capazes de fazer.

— Ele estava mexendo com você eu não ia deixar, se fossem doidos, não tinha problema somos mais. — piscadinha.

— Não tem graça, não tem nenhum graça.

Chegamos ao hotel o clima ficou tenso e as brincadeiras acabaram todo mundo desceu correndo do carro e sumiram pelo visto eu iria ter que amansar a fera sozinha, respirei fundo e olhei para ela, ela desceu como um furacão e subiu pro quarto.

— Para Beatriz. — ela não me escutava batia gavetas portas tudo que encontrasse pela frente. — Amor não fica assim ele estava mexendo com você tinha que te proteger.

— Me diz uma coisa seu idiota. — ela grudou no meu colarinho. — E se ele te machucasse? O que eu iria fazer? Se ele quebrasse uma garrafa na tua cabeça e te fizesse mal? Me diz John o que eu faria sem você? — Passei a mão pelo seu rosto tirando uma mexa de cabelo que estava em sua boca a prendendo atrás da orelha, eu entendi qual era o medo dela então com todo carinho e cuidado disse baixinho segurando a mão dela sob o meu coração.

— Você iria cuidar de mim.

— Acha que sou sua baba seu imbecil? — Ela ainda estava brava.

— Não, mas eu sei que tem carinho por mim que me ama. — Encostei minha cabeça na dela, seu coração batia acelerado.

— Quem disse que eu te amo?

— Ninguém, mas a forma com que está demonstra, eu sei que agi errado que ele poderia me quebrar em dois, mas quando eu vi ele com você querendo te tocar fiquei com ciúmes, igual fiquei com Carter mais cedo.

— Ficou com ciúmes do Carter?

— Sim, sei que não tem nada, mas fiquei, me perdoa amor, eu só não quero ninguém mexendo com você.

— Promete pensar nas coisas que faz?

— Sim, mas se outra pessoa mexer com você não penso duas vezes antes de ir para cima.

Eu a embalava em meus braços ela não estava mais em posição de ataque, me abraça e beijava meu pescoço.

- E bom se comportar se não nada de sexo.
- Como é? Não vai fazer joguinho com isso, vai?
- Experimenta para ver, tu vira virgem novamente.

Ela disse isso saindo dos meus braços parando de frente pro banheiro e deixando o vestido cair, mas que depressa corri até ela a peguei no colo e a levei para cama.



**“O que importa afinal?
Viver ou saber que está vivendo?
Clarice Lispector.”**

Acordamos embolados nos lençóis, nossos corpos nus encostando um no outro, seus cabelos espalhados pela cama, ela tinha um sorriso doce nos lábios, sua respiração era calma tranquila é a minha vontade era de ficar ali olhando para ela o dia todo. Tirei uma mecha do seu cabelo que cobria o rosto dela, ela se remexeu abriu os olhos sorriu.

— Tira foto... — Se alinhando em meu corpo. — Já disse dura mais.

— Negativo amor porque ver você acordando nos meus braços e a melhor coisa que existe nessa vida. — Ela ficou vermelha.

— Dormiu bem? — Ela disse segurando a cabeça e me encarando.

— Sim muito bem e você? — Passei a mão pelo seu rosto.

— Bem também. — Ela me deu um selinho.

— Ao meu lado sempre é bom

— Mas é convencido de mais.

— Nem sou.

— É sim amor, o que vamos fazer hoje?

— Nós vamos viajar mudar de país.

— Mas de novo?

— Sim.

— Porque sempre tão rápido.

— É que eu quero cumprir toda nossa lista amor, e também não quero enjoar desses lugares, cada cantinho que a gente passou é especial, e para deixar saudades entende?

— Acho que sim, me fala para onde vamos é o que vamos fazer?

— Bem nosso destino é para França, agora o que vamos fazer e surpresa, vamos levantar se não a gente perde a hora.

— Como assim perde a hora?

— Já deixei nossas passagens reservadas amor.

— Esqueci que você é o todo poderoso. — Ela riu se sentando na cama e

amarrando o cabelo num rabo de cavalo. — Já vi que as doideiras não vão parar né?

— Claro que não amor, são elas que são engraçadas, elas que dão sentindo a essa pataquada toda.

Olhar para ela sentada na minha frente com as costas nuas é o cabelo preso daquele jeito desajeitado, só fez eu a querer mais ainda, cheguei perto dela deposei um beijo bem no meio de suas costas, ela se arrepiou, fiz um carinho nela, me levantei e fui direto pro banho, Beatriz era um caso sério, acho que se eu deixasse meus sentimentos por ela tomar conta eu não sai mais da cama com ela, por isso me forcei a sair de perto dela e começar a pensar em outras coisas que não fosse ela, ou seus beijos, ou de como aquela garota marrenta estava me deixando feliz, então pensei na França queria chegar logo e fazer o que eu estava afim acho que da lista toda essa era a mais que medo me dava, é era a que eu mais queria fazer sai do banho Beatriz entrou, agradei silenciosamente por ela não ter entrado no banho comigo porque se não iríamos perder o nosso vôo, assim que terminei de me arrumar e Beatriz também juntamos nossas malas e fomos pro carro, sabe quando o dia conspira ao seu favor?

Pois era assim que esse dia estava um dia lindo sem nuvens passarinhos cantando, o sorriso fácil se instalava não só no meu rosto, mas no de Beatriz também, os meninos chegaram guardaram as malas no carro e assim partimos devolvemos o carro alugado pegamos um táxi e partimos para o aeroporto.

— Avião de novo, John? Sabe que tenho medo, poxa.

— Amor desculpa, mas é o único jeito.

— Então segura a minha mão e não solta? — esticando a mão.

— Nunca. — Entrelacei nossos dedos e beijei sua mão, e embarcamos no avião. Um pouco mais de seis horas de vôo chegamos ao nosso destino era quatro horas da tarde, o céu continuava lindo e azul, pegamos um ônibus e partimos.

— John demora para chegarmos?

— Acho que não, Por quê?

— Eu to um pouco nervosa só isso.

— John, como você não sabe se demora para gente chegar? — Perguntou Bianca eu dei de ombros apenas

— Je parle français. — Brian disse sorrindo para Bianca

— O que? — Ela perguntou levantando a sobrancelha.

— Eu falo francês.

— Olha só o ogro fala outra língua. — Beatriz disse mostrando a língua para ele.

— Te fuder mulher, não melhor John te fode.

Todos caíram na gargalhada, é o clima de descontração se instalou e a minha preocupação com a Beatriz passou, alguns minutos depois chegamos ao nosso destino, descemos do ônibus e Brian foi falar com uns franceses estávamos no meio de uma ponte bem alta, cheguei na beradinha dela e olhei para baixo me arrepiei no que vi, ou melhor no que não vi.

— John o que vamos fazer aqui?

— Haha não acredito que a gente vai. — Carla disse animada, eu sorri e balancei a cabeça.

— Isso mesmo.

— Ah não eu não creio que...

— Sim e essa todo mundo vai fazer, ninguém vai arregar.

— Ta doido? Bang jumpe é perigoso.

— Ah! Para nem é tanto assim a única coisa que pode acontecer e, a gente se enforcar ou a corda se romper, só nada mais. — Carter disse rindo.

— Para de por medo nelas, Carter.

— Eu não tenho medo, quero pular. — Bianca se animou ao ver um cara pulando

— Eu não vou, nem insistam. — Beatriz batia o pé ao falar

— Vamos ver. — Disse dando uma piscadinha para ela.

— Pessoal está tudo certo vamos? — Brian disse passando a mão no ombro de Bianca

— Sim. — Respondemos todos juntos, exceto Beatriz.

— Não.

— Sim. — Insisti.

— Não.

— Tá bem não vou te obrigar, mas eu vou e não adianta me impedir.

Chegamos perto de onde estavam os caras que iam nos ajudar a pular, cada um colocou seu equipamento, a corda era pesada, eu fui o primeiro, cheguei na beradinha abri meus braços fechei meus olhos e pulei de costas.

— uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.

Poucos segundos de queda, depois dela parar fiquei de cabeça para baixo olhando a paisagem que era realmente incrível, alguns metros longe de mim vi Carter pulando olhei do outro lado e vi Brian subindo também, tentei gritar.

— É ai cara gostou? —deu eco.

— Sim é você? —eco.

— Muito. —eco.

— Isso e foda mano. —eco.

— Sim. —eco.

Eu fui o primeiro a subir as meninas correram perto de mim para saber como

foi, falavam e falavam sem parar.

— Calma uma de cada vez.

— É legal? —Perguntou Carla.

— O que sentiu? —Bianca disse me ajudando a me levantar.

— Amor não te deu vontade de vomitar ficando de cabeça para baixo? — sorri para elas.

— Bem é muito legal adorei, senti como se fosse me esborrachar lá no chão, e não, não senti vontade de vomitar, senti muito bem até, quem vai pular?

— Eu vou. — Carla disse colocando o equipamento.

— Eu também. —Bianca esperava Brian chegar para poder ir.

— E você Beatriz?

— Não sei John tenho medo de acontecer algo.

— É se eu for com você? A gente pula juntos agarradinhos?

— Não sei.

— Por favor, vem é muito bom, você vai gostar.

As meninas começaram a por pilha nela pedindo para que ela fosse, eu olhava com os olhinhos de cachorrinho pidão para ela.

— Ta bem, mas que fique claro, como o dia se morrer venho assombrar vocês. — sorriu. —Todos vocês.

O instrutor amarrou a gente, pediu para que nos abraçássemos e que não soltássemos um do outro porque tinha perigo dos nossos corpos se chocarem, assenti com a cabeça e sorri, passei minhas mãos pela sua cintura e ela passou as suas pela minha cintura, encostou a cabeça no meu peito, senti que ela tremia, beijei sua cabeça.

— Amor fica tranquila pode ser?

— Ta pedindo de mais John.

— Te prometo nada de ruim vai acontecer

— Está bem.

— Está pronta?

— Não, mas vamos nessa, acabar logo com isso

— Vamos lá, um, dois, três e já.

Pulamos dessa vez não fechei os olhos, ela encostou a cabeça no meu ombro e se escondeu em mim, as coisas que estava vivendo eram intensas de mais parecia que eu nunca tinha vivido antes tudo era novidade para mim, incluindo estar apaixonado. A corda foi aos poucos parando de se mexer e estávamos sendo puxados.

— Acabou?

— Sim, amor abre os olhos.

— Não.

— Por quê?

— Tenho medo.

— Não precisa ter, — Eu ri. — Não vou te deixar cair.

Ela abriu um olho depois o outro encarou a vista ao nosso redor e só conseguiu dizer

— Nossa.

— Lindo né?

— Sim.

Ficamos em silêncio por um tempo até que ela o quebrou.

— John?

— Oi.

— Obrigada por isso, obrigada pela viagem, obrigada por tudo.

— Não precisa agradecer amor.

— Precisa sim, quando você me disse que vivia enclausurado por grades invisíveis que você mesmo as fez parei para pensar que eu também vivia assim é conhecer você, poder estar ao seu lado é te amar, me libertou delas.

— Beatriz?

— Oi.

— Posso fazer uma coisa?

— O que?

— Isso.

A puxei para mais perto de mim, para que nenhum espaço existisse entre nós é a beijei, cada dia que passava eu a amava mais, cada dia que passava eu me sentia mais dependente dela, e toda vez que eu a olhava eu me sentia feliz de verdade, comecei a agradecer a Deus por essa doença, a pedir proteção e benção, porque talvez se eu não tivesse ficado doente, todas essas emoções nunca seriam vividas, é talvez eu nunca encontra—se Beatriz, e isso sim seria a pior coisa que poderia me acontecer, interrompi o beijo pois chegamos na ponte, passei meus dedos em seu rosto e disse baixinho somente para ela.

— Eu te amo, é você é a minha razão de ser feliz.



**“O universo inteiro conspira ao nosso favor.
Charlie Brown Jr.”**

Aqui dentro de mim estava uma completa confusão e eu não sabia mais como agir, queria era mais que todo mundo sumisse para passar meus últimos momentos com ela. Era estranho isso porque eu nunca tinha me sentindo assim, era estranho porque eu nunca tinha ficado sem jeito perto de mulher nenhuma, sabia que estar apaixonado tinha lá seus riscos, mas isso, isso era completamente maluco. Um dos instrutores me ajudou a me soltar da corda com a Beatriz, me olhava sem parar sorrindo feito boba, eu acho que estava na hora de fazer a maior loucura de toa essa viagem, fui tirado dos meus pensamentos com a Carla me cutucando.

— Por acaso ta dormindo em pé moço?

— Desculpe estava pensando.

— No que?

— Umas paradas ai, o que quer?

— E ai para onde vamos agora?

— Vamos procurar um lugar para deitar porque to cansado. —Tentei sorrir.

Um cara grande musculoso falou algo pro Brian trocaram algumas palavras entre si e vi ele gesticulando apontando para um dos lados da ponte, Brian parecia animado sorria enquanto falava, quando chegou perto da gente apenas disse.

— Hotel há 20 minutos daqui.

— Amor o que falava tanto com ele?

— Nada de mais princesa estava só me ensinando o caminho do hotel.

— Pessoal vamos embora to cansado.

— Viu só eu disse que era perigoso. Como você está se sentindo? A cabeça dói? — Beatriz estava com o ar de quem ganhou, não disse nada apenas passei meu braço ao redor do seu pescoço e fomos pro hotel, já que era perto decidimos indo andando. Vinte minutos depois chegamos a um hotel caindo aos

pedaços literalmente a fachada estava toda descascada e as escadas bem alguns degraus eram inexistentes, o que eu gostei naquilo tudo era a paisagem atrás dele, tinha um lago enorme com várias árvores, nos registramos e tomamos cuidado ao subir pros quartos, assim que cheguei, tomei um banho e cai na cama estava cansado com dores pelo corpo, é minha cabeça doía tanto que ate respirar parecia impossível.

— John você está bem?

— Sim amor estou.

— Não parece, o que está sentindo?

— Só um pouco de dor na cabeça, já passa.

— Tem tido essas dores com frequência?

— Beatriz vem deitar e dormir, eu já disse que passa.

— Me responde com que frequência tem tido essas dores?

— Se eu não falar não vai ficar quieta né?

— Não.

— Ok, mas antes de me xingar quero te dizer que estou bem. — olhei para ela, ela estava com os braços cruzados batendo o pé. — Essas dores está indo e vindo... —Parei de falar.

— Desde quando John? Anda fale.

— Do Japão.

— Por que não disse nada para ninguém?

— Porque não queria preocupar vocês.

— É se você tivesse passado mal? —Abaixei a cabeça e fiquei quieto. —Ai meu Deus você passou mal não foi? — Assenti com a cabeça. —Seu jumento, imbecil, ordinário.

— Beatriz pare.

— Não John, não vou parar. — Ela se sentou na minha frente na cama. —Se você quiser ficar comigo vai ter que me fazer uma promessa, toda vez que se sentir mal vai ter que me contar.

— Mas...

— Mas nada peço que confie em mim, eu não vou contar pros outros, mas eu quero ficar perto de você se precisar posso te socorrer a tempo, eu não quero te perder seu imbecil, Eu te amo, em pouco tempo você se transformou na pessoa mais importante da minha vida é se algo te acontecer agora eu não vou aguentar, eu ainda não estou pronta para te perder John.

— Você nunca vai me perder amor, porque eu vou ser para sempre seu.

— Você me entendeu.

— Sim entendi, mas não importa o que aconteça, meu coração pertence a você, não fique irritada comigo, não quero te preocupar.

— Vai me contar quando estiver passando mal?
— Se quiser assim, tudo bem, mas vai ter que me prometer que não ira se desesperar.

— Ok prometo.

— Então me dá um beijo para selar nosso trato.

— Acho que você já está bem não é mesmo?

— Um pouco amor, vem cá vamos dormir.

Ela me deu um beijo se arrumou na cama e deitou perto de mim, eu sabia que não seria fácil para ela, que ela não iria gostar de me perder, mas quando eu contei para ela sobre a doença antes da gente se envolver nesse ponto que estávamos eu deixei claro que eu iria morrer, ela se preocupava comigo, queria cuidar de mim é isso me fazia me preocupar com ela, agarrei ela e dormimos de conchinha.



Me sentei na cama frustrado, Bianca queria dormir mais, e eu queria sair e passear, bem não era bem passear que eu queria, queria ir para o lago fazer o que eu vinha pensando a algum tempo já, mas com a insistência dela de ficar na cama seria impossível.

— Vamos sair, estou cansado de ficar aqui.

— Amor já disse que estou cansada, vamos dormir mais um pouquinho.

— Eu sei, mas estou entediado, e quero ver o lago, vamos fazer um piquenique?

— Sei lá.

— Afff, para de ser chata, vamos lá.

— Eu não sou chata Brian eu só estou sem pique.

— É sim.

— Não, eu não sou.

— Por favor, vamos?

— Ok, mas só quero ver o que a gente vai levar, para esse “Pi-qui-ni-que”

— Tem só uma coisa que a gente precisa e, está no frigobar.

Me levantei, vasculhei o frigobar e achei, balancei para ela e sorri.

— Mas como? Quando? Desisto. — Deu de ombros.

— Vamos?

— Não vai me deixar quieta, não é?

— Não.

— Se não se pode vencer, junte—se a ele, vamos amor.

Ela pegou duas toalha e saímos, sentamos na beira do lago abrimos a champanhe coloquei nas taças, claro que não ia falar para ela que tinha afanado da loja de bebidas do posto de gasolina. Tomamos a champanhe toda e ficamos altos.

— Esse lugar é incrível, não é, Bi?

— Sim, olha essas estrelas.

— De todas essas estrelas, a mais bonita é você.

— Wont, como você é Gay.

— Desse jeito, não te elogio mais.

— Duvido.

— Quero nadar pelado.

— Está doido.

— Não. —Disse tirando a roupa.

— Para, Brian deve estar congelante essa água.

— Não. —Já estava pelado. —Vem?

— Não sei, estou com frio.

— Para amor vem.

Puxei ela e a segurei pela cintura nossa respiração se misturava ela tinha um cheiro tão bom, a beijei e fui tirando a roupa dela, apesar de bêbedo sabia muito bem onde queria chegar. Entramos no lago completamente nus ela ria.

— Você é doido, e eu mais ainda por aceitar suas loucuras. Meu Deus, como está frio.

— Pode ser, mas a minha maior loucura é amar você.

Cheguei perto dela e sorri, um sorriso um pouco safado. Ela espirrou água no meu rosto, cheguei mais perto ainda, passei minhas mãos pela sua cintura é a beijei, minhas mãos passavam pelo seu corpo, massageava seus seios enquanto ela unhava com força as minhas costas. Ela passou a pernas na minha cintura a tirei dali estava muito frio e levei ela para terra, a enrolei numa toalha e me enrolei na outra.

— Nossa, que frio.

— Sim muito, acho até que a bebedeira passou.

— Sim, também acho. Vamos entrar, Brian?

— Espera mais um pouco, por favor.

— Por quê? Queria nadar pelado comigo, nadou, vamos.

— Não te trouxe aqui só para isso, Bi.

— Não?

— Não, amor.

Me levantei remexi nas minhas roupas peguei uma coisa e me sentei ao lado dela novamente, a abracei pois ela tremia muito.

— Sabe, Bi, desde daquele dia que nos despedimos no navio, eu vim pensando na minha vida em como eu fui pegador, um galinha.

— Mas que papo é esse?

— Deixa eu terminar, amor. Então, comecei a pensar em como eu tive uma vida boa sempre tive meus pais ao meu lado, minha irmã o John e o Carter e em como eu fui abençoado por Deus nas escolhas que eu sempre fiz.

— Brian, onde quer chegar com tudo isso?

— Mas que impaciente você.

Me levantei e fiquei de frente com ela, estiquei minha mão ela se levantou, coloquei uma mexa de seu cabelo atrás da sua orelha, me ajoelhei na frente dela e estiquei uma caixinha de veludo vermelha, ela levantou a mão e colocou na boca deixando a toalha cair.

— Bianca, aceita ser minha esposa?

— Mas é claro, meu amor.

Ela se ajoelhou e me beijou, coloquei a aliança no dedo dela peguei a toalha e a cobri, ficamos ainda alguns minutos ali olhando a lua e as estrelas, ela não parava de olhar para o anel no dedo e eu não conseguia parar de admirá-la.



**“A verdade é que ninguém me diz que a gente muda com a morte, porque o único jeito é sobreviver a ela.
Bianca Briones”**

Quando o dia amanheceu e os raios de sol entraram por frestas do teto pensei no buraco em que tinha metido à gente, olhei para o lado e Beatriz estava em pé na janela com uma caneca na mão parecia distraída e pensativa, ela estava com os cabelos soltos enrolada em um edredom grosso, sai da cama sem fazer barulho e fui até ela, mas o piso de madeira denunciou minha presença, ela olhou para trás e sorriu ao me ver.

— Bom dia amor, quer café?

— Bom dia minha linda, onde conseguiu café?

— Por incrível que pareça esse hotel, muito charmoso tem um excelente serviço de quarto. — Ela sorriu e se virou colocando a caneca fumegante em cima da mesa e me dando um selinho.

— Desculpe por isso, não sabia que era tão detonado.

— Não se desculpe eu gostei daqui, olha a vista para o lago, quantos hotéis tem essa vista?

— Poucos, é essa vista e extraordinária mesmo.

— Como se sente hoje John? —ela disse me abraçando.

— Eu estou bem.

— Está com dor?

— Não.

— Que bom, eu preciso de um banho.

— Eu também.

— Depois de mim.

— Ah amor não sabe que tem que economizar água.

— E o que isso tem haver?

— Economize água tome banho comigo. —Sorri para ela.

— Sinto muito amor hoje não.

— Bem não custa tentar né.

- O que vamos fazer hoje?
- Não sei a lista está quase acabando, queria terminar ela logo.
- Vamos fazer uma coisa comum hoje?
- Que tipo de coisa comum?
- Uma coisa normal sem ser loucura...
- Tipo...
- Hum... — Pensando. — Um cinema, vamos ver um filme. —Ela gritou do banheiro.
- Mas que coisa chata.
- Por favor.
- Ok, assim faço outra coisa da minha lista.
- Sem loucuras lembra? —Ela disse saindo de dentro do banheiro
- Não se preocupe não vou ficar nu no cinema.
- John...
- Qual é vai me dizer que não pensou que fosse fazer isso?
- Sim pensei, mas que droga, o que vai fazer?
- Como sempre só vai saber quando a gente estiver lá.
- Assim não vale.
- Porque não.
- Porque não, ué.
- Termina de se arrumar para gente ir, por favor.
- Sim, 10 minutinhos.

Enquanto ela terminava de se arrumar eu tomei um banho rápido me vesti e saímos, passamos pelo quarto deles e os chamamos mais que depressa cada um saiu correndo, quando Bianca saiu de mãos dadas com Brian reparamos no anel no dedo dela, todos ficamos felizes e demos parabéns ao casal, fomos até um shopping até que eram bonitos, compramos algumas coisas de lembranças já que nos outros lugares quase não fizemos compras, compramos os ingressos para um filme que eu já tinha ouvido falar, mas nunca tinha visto.

Compramos pipocas refrigerantes doces, muito doces entramos na sala do cinema sentamos nas cadeiras bem no meio da sala, como o filme demorava para começar a gente fez aquela bagunça básica jogando pipoca um no outro, fazendo tiro ao alvo e por aí vai. Alguém nas cadeiras da frente gritou algo nós rimos e ficamos quietos, o filme tinha começado, esse parecia ser um filme como os outros o cara negro injustiçado pela sociedade preconceituosa, ele iria de certo tentar fugir e depois morrer, mas não o filme tratava de outro assunto, um assunto curioso e difícil de ver na forma que estava sendo abordada no filme, todos nós esperamos por um milagre e quando ele acontece a gente as vezes não vê ou apenas finge não ver, todos eram um tanto que hipócritas oramos a um

Deus pedindo ajuda e quando ele atende as preces “matamos seu milagre”. Parei de pensar nisso o filme já era triste de mais para eu ficar com esses pensamentos, então eu ri, ri bem alto ri até perder o fôlego minhas bochechas e meu estômago doerem eu ri até chorar.

— John, para com isso, tão matando ele. É triste não, engraçado.

Mas eu não parava, eu ria mais alto ainda

— Cara eu... — Começou Carter.

Pisquei para ele, então começou a rir também, e Brian também, Bianca e Carla, só a Beatriz não entendeu o motivo de tanta graça, quando dei por mim, metade do cinema estava rindo alguns acharam absurdo isso, e como sempre o lanterninha chegou e expulsou a gente. Ele brigava com Brian que só balançava a cabeça concordando com o que ele dizia. Quando chegou perto da gente ele fez uma careta para o lanterninha

— O que ele disse?

— Que somos um bando de infelizes em rir da desgraça alheia. — segurando o riso.

— Não acredito.

— Sim, somos infelizes frios sem sentimentos.

Caímos na gargalhada rindo até não aguentar mais, fomos até a praça de alimentação comemos, causamos algumas confusões andamos mais pelo shopping, comprei umas coisas, e parei de frente a uma loja de lingerie e sorri, Beatriz que conversava animada com Carla puxou minha mão quando ela viu que eu não iria sair do lugar olhou para a vitrine, olhou para mim.

— O que quer aqui nessa loja John?

— Oras quero que você escolha algo para você, algo bem provocante.

— Haha, para mim não, não é, para você seu safado.

— É, pode ser. Compre algo fácil de tirar, por favor, algo bem provocante, te espero aqui fora. Quero que seja surpresa, toma o cartão e a senha, não demora.

A minha intenção nem era safadeza era só para despistar ela queria comprar uma coisa especial para ela só que ela não podia ver se não, não teria graça nenhuma, como ela não desconfiou e entrou de boa na loja eu fui a minha caçada entrei em uma na loja e demorei uns 20 minutos e encontrei o que queria, feliz com os meus presentes sai, ela estava sentada na frente da loja me esperando.

— Onde estava? Cadê os outros?

— Eles, eu não sei, combinamos daqui meia hora no estacionamento, eu estava por aí.

— Fazendo o que, John Mayer? — Ela levantou uma sobrancelha e me olhou.

— Queria comprar uma coisa especial para você.

— Para mim?

— Não, para sua mãe. — Me arrependi de dizer isso na hora. — Desculpa, sim, é para você, amor. — Ela me olha desconfiada, mas que belo asno eu sou. Fazer uma brincadeira dessa envolvendo a mãe dela, burro, peguei a sacola abri e dei uma caixinha para ela.

— Abre esse primeiro.

Ela ainda estava com cara de desconfiança, quando abriu e fez uma cara de surpresa.

— Nossa, isso deve ser muito caro, não posso aceitar. — Ela disse me entregando a caixinha.

— Pode sim é um colar apenas nada de tão, tão se e que me entende.

— Mas, John, eu...

— Por favor, aceite, espero te ver usando ele com o que comprou lá para mim. — Apontei para loja de lingerie, ela sorriu. — Agora espere a próxima.

— Tem mais?

— Sim, meu amor, esse e se quiser recusar tudo bem, quer dizer eu vou entender, embora espero que aceite.

Me ajoelhei nos pés dela, vi seus olhos se enchendo de lágrimas ela tremia, estendi a caixinha de veludo preta e abri

— Beatriz, aceita se casar comigo?

Ela ficou muda, ela ficou vermelha, azul, verde e por fim pálida.

— Quando te vi pela primeira vez eu sabia que você ia ser a mulher da minha vida, eu sabia que somente com você iria ser feliz, sabe a vida tem um jeito meio louco de juntar as pessoas, é e essa loucura que me fez amar você eu gostaria que você aceitasse, e... responde estou ficando sem graça. — todo mundo olhava para a gente.

— John eu...

Se eu achei que ela diria não, sim achei mas eu esperava que ela pulasse no meu pescoço e me enchesse de beijos e falasse repentinamente sim, sim, sim.

— Claro que eu aceito eu te amo.

Senti um alívio saindo de mim tão grande, a tirei do chão e a beijei rodei com ela e todo mundo aplaudia a gente. Fomos até o estacionamento esperamos pelos outros, em pé ao lado do carro, pois Carter estava com as chaves enquanto eles não chegavam e Beatriz falava com alguém no telefone, acho que era seu pai então vendo aquilo eu resolvi pegar o meu celular e ver as mensagens da minha mãe. Liguei ele e a caixa de sms e correio de voz cheias, todas dela, ela parecia preocupada de mais então decidi ligar para ela, mas antes que eu fizesse o telefone vibrava na minha mão.

— Oi, mãe, tudo bem? Transmissão de pensamento foi, estava

pensando em te ligar.

— John, meu filho que bom que eu consegui falar com você, não, não está nada bem.

Ela falava e falava tão rápido que eu não entendia nada, ela se atropelava nas palavras, sua voz ficou embargada com o choro e longos minutos se passaram até que eu entendesse o que ela queria e aquelas palavras me tiraram do sonho que vivia. Eu não acreditava nisso, não podia ser verdade comecei a chorar é a felicidade que eu estava há segundos atrás foi desaparecendo dando lugar às lágrimas amargas que rolavam pelo meu rosto, e eu cai ajoelhado no chão. Beatriz veio correndo assim como os outros que estavam chegando.

— John meu amor tudo bem? — Ela passava a mão em meu rosto tentando limpar as minhas lágrimas

— Não Beatriz, ela está morrendo.

— Ela quem?

— Ela está morrendo.

Deixei o celular cair no chão e desabei no colo da Beatriz, estava na hora de encerrar esse capítulo e ir viver a realidade, estava na hora de voltar para casa.



**“Esse é o problema da dor ela precisa ser sentida.
John Green”**

— Amor quem está morrendo? John, fala comigo?
Eu não conseguia falar por causa dos soluços eu somente a abraçava forte.

— O que está acontecendo? — Carter disse quando me viu no chão, ele se abaixou e me arrancou dos braços de Beatriz.

— Cara, você está bem? —disse me encarando, como não respondi ele olhou para Beatriz. — Beatriz o que aconteceu? Ele está passando mal? Vamos achar um médico.

— Eu não sei o que aconteceu, eu estava no telefone, ele no celular e pimba, caiu, começou a chorar dizendo que ela estava morrendo.

— Cara se acalma e fala o que está acontecendo? —Brian perguntou suave me levantando do chão.

— A gente. — Disse fungando. — Temos que voltar para casa, já agora, vamos.

— Por que, John?

— Ela está morrendo.

— Quem? Quem está morrendo. —Bianca me perguntava.

— Alicia, ela está morrendo e está me chamando, a gente tem que ir antes que seja tarde. Temos que ir antes que ela morra...

— Alicia? Quem é? — Beatriz me perguntou segurando meu rosto.

— Uma amiga, que está doente, uma amiga especial, uma garota de 12 anos que viveu em uma clínica por anos e soube mais viver do que eu.

— Calma John a gente vai chegar a tempo.

— E se não chegar.

— Nós vamos, Alicia vai te esperar amor, vamos entre no carro, deixa que eu dirijo. —Ela disse tirando as chaves das minhas mãos, já que eu as tinha arrancado da mão do Carter e me conduzindo ao banco do carona, saímos apressados fechamos a conta no hotel, devolvemos o carro alugado e partimos para o aeroporto, chegando lá as filas davam voltas eu estava angustiado é para piorar

só tinha voo no outro dia, eu tinha que chegar a tempo ver ela falar com ela, queria ter tempo de dizer adeus, queria ter tempo de dizer que eu estava feliz, que eu sabia que a vida tinha o jeito doido dela, é que eu soube aproveitar cada segundo que tive queria poder dizer que ela me ajudou a encarar tudo de outra forma, a noite demorou para passar ficamos no saguão do aeroporto, as meninas e os meninos dormiram em cadeiras eu não consegui pregar o olho 7:15 da manhã no dia seguinte foi quando embarcamos de volta para casa, meu coração estava agitado hoje era eu que precisava da mão dela para segurar, hoje era eu com medo de voar, hoje eu era a criança assustada sentada no banco, era inevitável as lágrimas que escorriam livremente pelo meu rosto, foi assim a viagem toda, angustia, e desespero total. Algumas horas depois pousamos no Brasil, peguei meu telefone e liguei para minha mãe ela já esperava no aeroporto para me levar direito ao hospital, ela sorriu ao me ver.

— Meu filho saudades como está? Está corado, embora de para ver de longe que não dormiu essa noite.

— Eu estou bem, sim não dormir, não consegui, como ela está mãe?

— Filho você mais que ninguém sabe que a vida e fechamentos de ciclos o de Alicia está quase no final, quando disse para ela que você estava voltando para cá ela sorriu e me disse que ia te esperar, mas devo te dizer que o estado dela é crítico. — Senti a mão de Beatriz nas minhas costas, por alguns segundos esqueci dela.

— Mãe essa é a Beatriz, amor essa é minha mãe.

— Amor? — Ela me olhou incrédula. — Prazer querida, seja muito bem-vinda. — ela disse abraçando Beatriz. — Você é muito linda, John soube escolher. — Ela disse reparando na aliança em seu dedo.

— O prazer é todo meu, obrigada pelo elogio.

— De nada querida, vamos?

Mamãe cumprimentou os meninos eles apresentaram as meninas é ela sorriu satisfeita, sabia que agora eles parariam de pular de galho em galho e iriam construir uma família, entramos no carro o motorista dirigia de pressa os meninos ficaram para trás pegariam outro táxi, não cabia todos no mesmo carro eu mais chorava do que conseguia falar com a mãe, ela passava as mãos em minhas costas e Beatriz segurava firme minha mão de hora em hora depositava um beijo nela, eu esperava que Alicia aguenta—se mais um pouco eu queria muito ver ela, é agradecer por tudo que ela fez por mim, uma criança me ensinou viver é a ser livre.

Demorou vinte minutos para chegar a clínica do Dr. Horácio vinte minutos que me pareceram horas intermináveis, mamãe me contou como ela conheceu Alicia, ela foi até a clínica conversar com Horácio sobre mim, e como eu ela foi

atraída para Alicia naquele quarto sozinha, elas começaram a conversar e viraram amigas, pelo menos sabia que de algum jeito Alicia não tinha ficado só nos últimos meses ela tinha tido a companhia de mamãe. O carro estacionou na porta do hospital eu desci correndo e fui até o quarto dela, ela estava deitada pálida, cheia de aparelhos ligados nelas seu quarto tinha se transformado em uma mini utei, se antes eu já chorava agora eu parecia uma criança. Ela abriu os olhos e com a voz fraca conversou um pouco comigo.

— John você veio, como eu estou feliz.

— Claro que eu ia vim acha que eu não viria. — Me ajoelhei ao lado da cama dela e peguei sua mão é a beijei.

— Claro que meu anjo viria, tenho pensado de mais em você.

— Eu também.

— Aprendeu a viver?

— Muito, valeu muito à pena, se fosse me dado outra chance eu faria tudo exatamente igual, pois essas foram minhas melhores escolhas, foras às escolhas mais felizes.

— Que bom, meu amigo fico extremamente feliz em saber, é quem é essa atrás de você?

— Essa e minha noiva Beatriz, vem cá amor.

— Oi, Alicia. — Beatriz chegou perto colocando as mãos em meus ombros, eu sabia que aquele gesto era para me dar força e coragem.

— Oi. — Alicia disse, olhando para ela e em seguida olhando para mim disse — Como ela é linda, estou vendo que aprendeu a amar também.

— Sim, aprendi.

— Quero que vocês sejam felizes.

— Sim, nós vamos.

— John, eu estou cansada. — Ela começou a tossir. — Você pode voltar depois? Preciso dormir.

— Claro que eu volto, vou ficar por aqui.

— Que bom, assim eu passo uma hora com você.

— Não, para, vai passar dias, meses, anos.

— Não se iluda, meu querido, não se iluda, eu estava apenas esperando você chegar, sabe disso, sabe que minha vida é para ser curta, esses foram os planos, desde o começo.

Ela foi fechando os olhos e aos poucos foi adormecendo, até que dormiu, tivemos que sair do quarto, sentei na sala de espera e lembrei do sonho dela, eu tinha que fazer isso, eu tinha que dar asas ao sonho dela, eu tinha que realizar um dos seus sonhos, olhei para Beatriz que tinha lágrimas nos olhos.

— Fiquem aqui, já volto.

— John, onde vai?

Não deixei ela falar mais nada sai correndo peguei um táxi, pedi para ele correr o máximo que podia.

— Se chegar ao endereço rápido te pago o triplo da corrida —disse para o taxista.

— Sim, senhor, em no máximo 8 minutos estamos lá.

— Beleza.

O cara mandava bem no volante e em seis minutos estávamos no escritório de um amigo meu, entrei. Esperei ansioso para ele me chamar, olhava no relógio de segundo em segundo, batia o pé no chão e passava as mãos pelo cabelo, foi então que escutei uma voz familiar

— John Mayer, quanto tempo cara, como você está?

— Ricardo, estou bem, precisando desesperado de um favor seu.

— Ok, vamos entrar farei tudo que tiver ao meu alcance.

Entramos no seu escritório e conversamos por uma hora. Ricardo tinha uma grande editora tinha ido até ali para pedir para ele publicar os livros de Alicia, esse era seu sonho, fazer com que as pessoas se emocionassem e apreende-se mais sobre a vida.

— Então, quer mesmo que eu publique isso?

— Sim, e muito.

— Mas, John...

— Eu também estou morrendo, Ricardo, e se você me ajudasse, eu ia ficar feliz. Porque isso é uma das coisas que queria fazer. — Ele ficou pensativo, passou um dedo nos lábios.

— Eu sinto muito, sabe que devo grandes favores a você e mesmo que não devesse, você é meu amigo, se quiser eu público sim. E, espero que você não morra, você é um cara especial de mais para morrer tão jovem, você é uma pessoa excepcional.

— A vida tem seus caminhos, e eu realmente acho que está na minha hora.

— Espero que não seja assim.

— Muito obrigado, eu tenho que ir contar para Alicia a novidade.

— Eu que agradeço acho que o livro vai ser um sucesso, felicidades John.

— Obrigado.

Chamei um táxi e pedi para ir o mais rápido possível que pagava o triplo para ele, esse motorista era um pouco lerdo demoramos 15 minutos para chegar, mas mesmo assim paguei o que prometi, ao chegar lá encontrei a Beatriz, mamãe e os outros no saguão todos estavam com olhos marejados.

— Cheguei, quero ver ela, tenho novidades — disse animado.

— John, é que... — Beatriz chegou perto de mim e segurou minha mão.

— Deixa eu ir ver ela, para com isso Beatriz. Eu consegui, vão publicar os livros dela, ela vai ter um sonho realizado.

— Ela vai ficar feliz, John, tenho certeza, mas...

— Para, tenho que ir falar com ela.

— Meu amor. — Ela se forçava a falar. — Ela não vai te escutar, não mais assim.

— Para, não tem graça.

— Eu não estou brincando amor, nunca brincaria com isso.

— Eu, eu...

Abracei ela e cai no chão, soluços sacudiram meu corpo, lágrimas me invadiram ficamos ajoelhados por longos minutos, ela tinha que ter me esperado, eu queria contar para ela, ela ia achar legal ela ia ficar feliz, ela iria gostar disso.

Dois dias depois estávamos no cemitério à chuva caia fina e gelada ali só tinha eu, mamãe, Beatriz as meninas e os meninos, Dr. Horácio e duas enfermeiras as pessoas na vida da Alicia eram essas, porque é tão duro?

Por que tinha que ser tão difícil, enterrar alguém que a gente ama?

Por que tem que ser tão doloroso, porque tem que esmagar nosso coração e arrancar ele do peito?

Por quê a vida não deu mais tempo para ela?

Oras porque esse era os planos dela, Alicia era um cometa daqueles raros que passam de vez enquanto na terra e quando aparece ilumina a vida de todos ao seu redor. Eu tinha levado um rádio tinha que por uma música que traduzia Alicia por completo, a música falava sobre sonhos, de realiza-los de ir em frente. Era isso que alicia fazia sonhar, olhei pro céu e apesar das nuvens escuras e feias e de estar tão triste por estar enterrando uma pessoa que passou tão rápido na minha vida, mas que deu um imenso significado para ela agradei a Deus, agradei por tudo porque ele tinha me dado à oportunidade de realizar tudo aquilo que queria sem deixar mais desejos soltos dentro de mim, sem deixar meu coração à deriva a procura da felicidade, agradei por aquela doença porque sem ela, eu não teria conhecido Beatriz, não teria tido amor suficiente na minha vida, dizem que pouco de amor é melhor que nada e isso é verdade, quando falam que Deus não dá nada do que você pede, mas dá tudo o que você precisa é verdade, ele não atendeu nenhuma das minhas orações do jeito que eu queria, ele não me curou, ele não deu trégua ao tumor, nem fez com que ele pudesse ser operado, mas ele trouxe algo muito mais importante para minha vida, ele me tornou FELIZ, é isso, era o que mais do que pedia.



**“Mas se for pra falar algo bom sempre vou lembrar de você.
Charlie Brown Jr.”**

Cinco meses depois...

As coisas iam bem, a vida caminhava a passos largos e os dias passavam voando eu tinha dores de cabeça todos os dias, minha respiração bem às vezes eu precisava carregar um carrinho de oxigênio, mas nada de tão preocupante assim, aprendi a agradecer em vez de praguejar afinal eu estava vivo ainda.

Por um milagre?

Por um desejo de Deus?

Seja lá pelo o que fosse, mas eu agradecia, não sei por quanto tempo eu ainda estaria aqui. Eu me casei com a Beatriz há quatro meses atrás, e digo quatro deliciosos e maravilhosos meses, foi uma cerimônia linda, ela não queria se casar na igreja mas como eu tinha pedido com carinho ela aceitou, sabia qual era o medo dela, sabia que ela tinha medo que eu fugisse, mas isso não tinha a menor chance de acontecer, sorri ao relembrar aqueles olhos marejados, sorriso largo ao entrar na igreja, sorri ainda mais ao lembrar dos nossos votos, como sempre piadinhas que a fazia rir e no final prometi a ela que mesmo não estando fisicamente perto dela eu estaria cuidando dela onde quer que eu estivesse, ela chorava, seus votos foram simples, mas de profundo sentimento, ela prometia me amar, na saúde e na doença, que cuidaria de mim até o fim que eu achava que ela tinha me salvado, mas que na verdade fui eu que a salvei de uma vida vazia.

Ah! Minha Beatriz como eu queria poder apagar tudo de mal que lhe fizeram, como eu queria poder fazer você esquecer de tudo, sabia que eu não podia fazer isso, então cada dia ao lado dela seria um dia diferente espetacular iria ser dias de felicidades sem fim, na nossa lua de mel fomos a paris nosso hotel era de frente com a torre Eiffel a vista era maravilhosa, mas quem disse que eu prestava atenção nisso, eu não conseguia era desgrudar os olhos da minha amada, que estava mais linda ainda, eu sorria.

— Toc, toc... Onde você está amor? - Beatriz me tirou dos pensamentos se sentando no meu colo.

— Estava pensando na nossa lua de mel. —sorri

— Hum querendo repeti—lá?

— Sim talvez. — Passei as mãos pela sua cintura e a beijei. —O que queria?

— Preciso da sua ajuda queria pendurar um quadro na sala.

— Quer que eu fure a parede?

— Se eu quiser que você a derrube, sim. — Ela gargalhou. —Desculpe amor, mas você não foi feito para isso, queria que me ajuda-se a decidir onde pendurá-lo, pode ser?

— Para a minha defesa, a parede estava podre, ok? — disse beijando ela. — Eu ajudo, me dá só um estante, preciso enviar esse e-mail para os meninos.

— Como eles estão? E a lua de mel deles? Pede para meninas me ligarem.

— Ok amor eu falo.

Ela me deu um selinho e saiu do quarto, Brian e Carter se casaram também os dois no mesmo dia e eu e Beatriz éramos padrinhos de ambos, eles estavam felizes estavam em Londres curtindo um pouco, como prometi mandei relatórios semanais sobre a empresa, que ia de vento em poupa, mandei também meu testamento pro meu advogado, com tudo ok cliquei e enviar e me levantei, mas daí então senti uma pontada aguda na cabeça e tudo foi escurecendo, mais uma vez a vida passou diante dos meus olhos antes que tudo ficasse preto e sumisse da minha visão, desmaiei.

Uma semana depois.

— Já tem uma semana já Carla. —Disse chorando no ombro dela.

— Calma Bea ele vai acordar. —ela passava as mãos em meu cabelo.

— E se não acordar?

— Vai seguir a vida como prometeu. —Disse Bianca.

— Mas eu amo ele, meninas, não quero que ele vá. Vocês têm noção que se ele morrer, é o fim, acabou, não tem volta?

— Sabemos disso, Bea, mas calma, pode ser que ele viva mais algum tempo ainda.

— Olá, boa tarde. — Dr. Horácio me cumprimentou ao me ver.

— Oi doutor, não e tão boa assim, como John está?

— Na mesma, querida a respiração cada dia mais difícil, órgãos parando de funcionar.

— Meu Deus. — disse chorando.

— Chances dele doutor? —Perguntou Bianca.

— Pequenas, muito pequenas. —Ele balançava a cabeça negativamente.

— Ele vai acordar? —Carla falava com lágrimas nos olhos

— Para ser sincero não sei, acho que não. E se ele acordar pode ser que tenha sequelas graves devido seu quadro crítico.

— Posso ver ele? — Perguntei.

— Sim querida pode.

Entrei no quarto e ver ele ali deitado depois de tudo que a gente passou me doía profundamente, o coração dele batia devagar quase que parando, ele respirava artificialmente.

— Ele vai sair dessa. — Bianca tentava me animar

Peguei na mão dele apertei e nada dele apertar de volta, ele tinha me prometido que nunca soltaria.

— Não solta. — Sussurrei no ouvido dele.

— Bea os meninos chegaram, Brian mandou sms.

— Fala para eles entrarem.

Não demorou muito para que eles chegassem eu já estava desesperada não sabia mais o que fazer ficar na incerteza era tão ruim. Me abaixei, dei um beijo no rosto do John, uma lágrima minha caiu nele, me virei pronta para ir embora quando sinto ele apertar minha mão.

— Amor, você acordou — disse sorrindo.

— Oi. — Ele disse com a voz fraca.

— Cara, finalmente, levanta daí e vamos aprontar, tem coisas novas para a gente fazer.

— Brother, saudades — disse ao ver os meninos, que sorriam para ele.

— E aí?

— Nossa, até que fim, bela adormecida — disse Brian, tirando um sorriso maroto do rosto de John.

— Por que vocês voltaram da viagem?

— Você precisava da gente — Carter disse rápido.

— Tinham que ter terminado, o que foi que a gente combinou?

— Só concordamos para você parar de falar, John, nunca, eu disse nunca iríamos nos afastar nessa hora, você e nosso amigo, nosso irmão.

— Seus filhos da puta, sabia que iriam fazer isso, obrigado por estarem aqui, galera eu preciso falar uma coisa, e sério e eu quero que prestem muita atenção.

— Não, vai ficar quieto, chamem a enfermeira.

— Não amor eu preciso falar, por favor.

Eu assenti com a cabeça, não adiantaria eu impedir ele precisava falar, ele tinha enorme dificuldade de continuar, mas insistia nisso, meu Deus me de forças para não desabar na frente dele.

— Caras eu amo vocês e muito, por causa de vocês vivi momentos incríveis por causa de vocês soube viver e libertar meu coração, obrigado. Meninas vocês são gatas demais e não duvidem do amor desses cabeças ocas,

vão por mim, vadiaram muito, mas agora sossegaram, eles amam vocês.— Ele olhou para mim segurava firme minha mão. — Meu amor, eu te amo, amo tanto, mas tanto que não sei o que seria de mim sem você, me apaixonei à primeira vista por você, você toda ranzinza, carne de pescoço. — sorriso. —só fez com que eu te quisesse só para mim, obrigado você me salvou de uma vida vazia, uma vida sem sentindo, você deu razão para minha vida, eu te amo, AMO MUITO.

Eu não consegui falar nada apenas chorava e soluçava sabia que ele estava se despedindo, é isso me matava isso estava me deixando profundamente deprimida.

— A todos vocês obrigado do fundo do coração, foi por vocês que resisti tanto assim, que vocês nunca vejam o copo meio vazio, e sim meio cheio, não importando o tamanho da sua sede, que não importa o problema que tiverem na vida, levante a cabeça sigam em frente e sorriam, se caírem, levante, não fiquem no chão, e que tenham a certeza que terão um anjo, ou um diabinho, não sei, protegendo vocês, com muito amor e carinho, obrigado.

— Não me deixa, por favor, John.

— Desculpe meu amor é minha hora, siga sua vida e seja feliz, faça como você me prometeu, não fique tempo de mais de luto, eu preciso que você seja feliz, eu preciso sentir você feliz.

— John, não me deixe, você vai ser papai.

— Obrigado. — Ele beijou minha mão. — Agora sim cumpri a última coisa da minha lista, estou sendo feliz de verdade.

Uma lágrima escorreu dos olhos dele ele beijou minha mão novamente e em seguida os aparelhos começaram a apitar, John Mayer tinha acabado de partir, sendo o que ele mais queria na vida, ser feliz. A dor de perder John foi demais, era como se um furacão tivesse passado por dentro de mim arrasando com tudo, destruindo meu coração em milhares e milhares de pedaços, deixando um caos dentro de mim, e eu o que mais queria era me juntar a ele, mas daí lembrei que ele me deixou um presente maravilhoso, que crescia dentro de mim e foi por esse motivo que não me entreguei, foi por esse motivo que eu não desisti, dois dias depois estava eu no cemitério, velando por seu corpo, John tinha um sorriso nos lábios uma aparência tranquila, calma, parecia que estava dormindo, e que estava tendo sonhos agradáveis, entre as lágrimas sorri, várias pessoas estavam ali John era querido por muitas pessoas, seus funcionários sentiram sua morte, alguns mais íntimos falavam comigo, outros apenas me interessavam sorrisos tristes, quando estava tudo pronto para ele ser sepultado Brian se levantou, tirou o grande óculos escuros e com um sorriso triste começou um elogio fúnebre o qual John fazia questão que ele o fizesse.

— Bem... Difícil não? Vamos lá, hoje estamos aqui reunidos para dar nosso último adeus a uma pessoa espetacular que viveu com esperanças sem se enganar sendo feliz de verdade, John queria que um de nós fizéssemos um elogio fúnebre a ele, só não sabia que esse alguém tinha que ser eu, o cara mais improvável para falar algo sério. Como todos aqui sabem conheci ele quando éramos pequenos e logo se transformou numa amizade verdadeira e gostosa, John era especial, especial não por ser filho de quem era, ou por ter sempre os melhores brinquedos, mais tarde as melhores mulheres, — ele olhou para mim, e tentou sorrir. — John era especial porque ele era uma pessoa maravilhosa, tinha um coração de ouro, sabia se impor sem deixar os outros desconfortáveis, ele tinha um dom único de saber o que nós precisávamos antes mesmo da gente, John não quis viver enclausurado, com seu coração presos em grades invisíveis, como ele costumava dizer, de todos aqui acho que John foi o que mais viveu, sabem o que é viver intensamente? Com força? Vontade? Garra e desejo? John partiu sim, e cara ele vai fazer muita falta, mas deixou coisas boas para gente se lembrar dele, para mim deixou sorrisos intermináveis, bobagens inacreditáveis, hoje eu sei que ele está lá em cima, olhando por nós, nos protegendo e nos abençoando, por favor, palmas para uma pessoa inacreditável que morreu sendo o que mais queria ser nesta vida... Uma pessoa extremamente feliz. Ao John Mayer que nos deixou com um sorriso nos lábios e um coração livre...

Estávamos todos emocionados, muitos choravam então todos nós levantamos e aplaudimos John Mayer que nos ensinou a apenas seguir em frente, que não importava o quanto à vida te desse rasteiras, o quando você beije o chão, ele ensinou a nunca desistir e por mais difícil e dolorosa que nossa vida fosse ele nos ensinou a sorrir, que lágrimas não valem à pena, que seu sorriso é mais bonito e que se você quiser realmente lá no fundo você pode ser feliz, basta acreditar... John obrigada por me deixar fazer parte da sua vida, e me dá uma sementinha sua, assim você terá continuidade no nosso filho, e tenha a certeza onde quer que você esteja, ele saberá da pessoa incrível que seu pai era. Sempre e para sempre o meu coração iria te amar.



Always and forever Each moment with you
Is just like a dream to me
That somehow came true, yeah
And I know tomorrow Will still be the same
Cuz we got a life of love That won't ever change and
[Luther Vandross](#) — [Always And Forever](#)

Acordei com o relógio despertando, eram seis da manhã, entrei correndo no banheiro, liguei o rádio escutei a nossa música tocando, sorri era como se eu escutasse John falando em meus ouvidos **“Ooh baby, I’ll always love you forever, Ever, ever, ever”** liguei o chuveiro e deixei a água morna cair na minha cabeça.

Se sentia saudades?

Claro a cada instante da minha vida, em casa sussurro, em cada segundo, sentia falta de suas mãos em mim, de seus beijos, sentia falta até dele me chamar de casca de ferida, mas querem mesmo saber, ter saudades era bom porque me mostrava que eu tive momentos inesquecíveis, momentos espetaculares, a saudade pode sim destruir um coração, pode te fazer sangrar e sangrar, mas ao mesmo tempo ela te confortava, te mostrando o quando era feliz, eu pensava no John constantemente. Hoje eu tinha uma coletiva de imprensa.

Me troquei rápido, olhei para o berço e sorri, ali estava o meu mais preciso tesouro, meu filho com John, que devo dizer, era igualzinho ao pai.

— O que foi amor? — Peguei ele no braço, porque ele resmungava no berço, e o abracei.

— Bom dia, Senhora. Pode deixar, eu cuido dele, vai tomar café, não quero que saia sem comer. — Essa era Cleide, minha babá tão meiga e carinhosa.

— Eu sei, não vou sair sem comer, tchau, John.

— Dá tchau para mamãe, dá. — Ela dizia enquanto pegava um bracinho dele e me dava um tchau.

Me sentei a mesa tomei um belo café e sai rápido entrei no carro estava nervosa, essa seria a primeira entrevista que daria depois de ter perdido John, claro que meu bebe teria o nome do pai, e esperava que ele tivesse a garra e a

força de vontade que o pai tinha, em poucos minutos estava na frente do teatro municipal, fotos da capa do livro de John estampavam o teatro, as fotos eram de Natan que se transformou num amigo e tanto sorri. Entrei apressada já estavam todos me esperando assim que entrei flash e um monte de perguntas me atropelaram, eu me perdi.

— Por favor, um de cada vez ela respondera todas as perguntas.

— Sim, mas antes de mais nada quero agradecer a vocês pela presença e dizer que o livro de John e um dos mais vendidos lançamos os livros em 8 países e em todos eles ele ficou meses em primeiro lugar. Perguntas?

— Aqui, aqui. — Disse um repórter levantando a mão aos pulos no meio do salão.

— Sim, pois não.

— O que torna o livro esse sucesso todo?

— Acho que o fato dele ter sido baseado em fatos reais e a vida do John ter sido maravilhosa.

— Como morrer de um tumor no cérebro é maravilhoso?

— Não é isso que é maravilhoso, olha quanta coisa ele fez, John morreu feliz, realizado, fez tudo que tinha vontade e aprendeu muito.

— Eu li o livro e não achei tão grande coisa assim.

— Desculpe, mas se não achou, é porque não entendeu ele.

— E o que eu tinha que entender?

— Que a vida vale muito à pena, que a gente está aqui não só para viver, mas para fazer a diferença em tudo que a gente se propõe a fazer, para ser imensamente feliz, não importando sua condição social, sua cor, etnia, não importando se tem a vida toda para viver, ou se tem somente alguns dias ou meses.

— John cumpriu o que ele queria?

— Sim, John é e sempre foi tudo aquilo que ele mais queria ser.

— O que?

— Feliz, muito feliz. — Lágrimas nos olhos. — Desculpem, encerro por aqui.

Me levantei e sai, lembrar dele sempre me traria boas recordações, doces momentos, e felicidade intensa, mas também, por alguns instantes me trazia tristeza, por ele não estar ao meu lado.

— Hey, espere.

— Desculpe, acabou, é... Natan.

— Oi, moça bonita, como está?

— Estou bem.

— Eu sei que conversamos muito por telefone e que já disse isso, mas não

consegui dizer pessoalmente, eu sinto muito, muitíssimo...

— Eu sei, mas não sinta.

— É que...

— Eu sei que ele está feliz —disse sorrindo.

— E você está?

Não o respondi, não era uma pergunta fácil de responder, tinha que pensar, se fosse antes de John eu diria não, eu provavelmente estaria em cima de uma cama me matando aos poucos, mas depois de tudo que aprendi, me sentia mesquinha me sentindo assim, havia tanta gente que estava em condições muito piores.

— Beatriz.

— Desculpe, Natan, cabeça cheia.

— Sei como é, mas eu vim aqui por um motivo.

— Qual?

— Eu tenho uma coisa para você.

Ele me entregou um envelope branco e abri, quando retirei não acreditei no que vi, fiquei vermelha.

— Você que tirou essa foto?

— Sim desculpe sei que foi atrevimento, mas achei vocês tão conectados, apaixonados, que não tinha como não registrar o momento.

— Obrigada Natan e perfeita, linda mesmo. — Eu o abracei é uma lágrima escorreu pelo meu rosto. — Vamos até minha casa para você conhecer meu pequeno John?

— Eu iria adorar.

Caminhamos lentamente em silêncio eu olhava a foto com ternura, era uma foto da nossa barraca, nossa primeira noite juntos aquela que ele parecia desesperado é não sabia como agir, a foto mostrava a lua e as estrelas e nossos corpos entrelaçados eram apenas silhuetas dentro da barraca, sorri ao lembrar daquela noite coloquei meus óculos destravei o carro Natan entrou é eu olhei para o céu estava um dia lindo, o céu azul estava salpicado por pequenas nuvens brancas fofas, eu sabia que meu anjo estava ali, olhando por mim.

— Sendo feliz John, para sempre, EU TE AMO.

Fim.